

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/LINGÜÍSTICA

**O CONHECIMENTO DE JORNALISTAS
SOBRE GÊNEROS TEXTUAIS**

**UMA CONTRIBUIÇÃO À TEORIA DOS ESQUEMAS
COGNITIVOS PARA TEXTOS**

APÊNDICE: *CORPORA* DA TESE

ADAIR BONINI

Orientadora: Prof^a Dr^a Leonor Scliar-Cabral

FLORIANÓPOLIS
1999

ADAIR BONINI

**O CONHECIMENTO DE JORNALISTAS
SOBRE GÊNEROS TEXTUAIS**

**UMA CONTRIBUIÇÃO À TEORIA DOS ESQUEMAS
COGNITIVOS PARA TEXTOS**

APÊNDICE: *CORPORA* DA TESE

Corpora de estudo da tese supracitada, apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Orientadora: Prof^a Dr^a Leonor Scliar-Cabral

FLORIANÓPOLIS
1999

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
SUJEITO 1	2
B1 - P1	2
B1 - P2	3
B2 - P1	5
B2 - P2	6
B3 - P1	6
B3 - P2(Q1)	7
B3 - P2(Q2)	8
SUJEITO 2	10
B1 - P1	10
B1 - P2	11
B2 - P1	13
B2 - P2	13
B3 - P1	13
B3 - P2(Q1)	14
B3 - P2 (Q2)	16
SUJEITO 3	18
B1 - P1	18
B1 - P2	20
B2 - P1	23
B2 - P2	23
B3 - P1	24
B3 - P2(Q1)	26
B3 - P2 (Q2)	28
SUJEITO 4	31
B1 - P1	31
B1 - P2	33
B2 - P1	35
B2 - P2	35
B3 - P1	36
B3 - P2 (Q1)	37
B4 - P2 (Q2)	39
SUJEITO 5	41

B1 - P1	41
B1 - P2	44
B2 - P1	47
B2 - P2	47
B3 - P1	48
B3 - P2 (Q1)	50
B3 - P2(Q2)	52
SUJEITO 6	57
B1 - P1	57
B1- P1	61
B2 - P1	65
B2 - P2	65
B3 - P1	66
B3 - P2(Q1)	67
B3 - P2(Q2)	71
SUJEITO 7	75
B1 - P1	75
B1 - P2	78
B2 - P1	80
B2 - P2	81
B3 - P1	81
B3 - P2(Q1)	82
B3 - P2(Q2)	85
SUJEITO 8	87
B1 - P1	87
B1 - P2	90
B2 - P1	92
B2 - P2	93
B3 - P1	93
B3 - P2(Q1)	94
B3 - P2(Q2)	97
SUJEITO 9	103
B1 - P1	103
B1 - P2	105
B2 - P1	106
B2 - P2	107
B3 - P1	107

B3 - P2(Q1)	108
B3 - P2(Q2)	110
SUJEITO 10	112
B1 - P1	112
B1 - P2	114
B2 - P1	116
B2 - P2	116
B3 - P1	117
B3 - P2(Q1)	119
B3 - P2(Q2)	120

INTRODUÇÃO

Embora a tese correspondente a este apêndice possa ser lida independentemente dele, o contrário não é possível. Por este motivo, os leitores que quiserem entender estes dados ou utilizá-los para futuras pesquisas devem se ater ao modo como foram coletados, principalmente com relação aos **anexos da tese**, à **metodologia empregada (capítulo 3)** e às **abreviaturas utilizadas (páginas iniciais da tese)**.

No todo, os dados aqui expostos estão divididos por sujeito e as respostas relacionadas por um sistema de notações (listas de abreviaturas da tese) aos testes empregados (capítulo 3 da tese e anexos).

As marcações em **negrito** e *itálico* e os comentários entre colchetes nos *corpora* dizem respeito às análises feitas para que fossem extraídos os resultados da tese. As marcas em **negrito** dizem respeito ao elemento central da resposta pretendida e as marcas em *itálico*, às características que embasam as respostas. A notação correspondente a três letras X entre parênteses (xxx) referem-se a partes onde não houve possibilidade de transcrição das fitas cassetes. As poucas interferências do entrevistador estão assinaladas em **negrito** e entre parênteses.

SUJEITO 1

S1

B1 - P1

S1{B1[P1-1]} - 1) Pra mim é uma **narração**. Parece que está contando uma **história**. Né?
2) Pela própria frase. *Pressupõe que tem alguma coisa antes* [narratividade], que alguém está contando o que ela achou de *alguma coisa engraçada* [TCI].

S1{B1[P1-2]} - 1) Este é bem **técnico**. É uma artigo mesmo. É a **apresentação de um artigo**. Né? O ponte de partida para uma **artigo de opinião**. Está bem claro que é a apresentação. É uma introdução pra que as pessoas saibam o que vem a seguir. Acho que é bem acadêmico isto aqui. 2) A forma de apresentar: “o presente artigo visa apresentar..”. É a forma ou a fórmula pra introduzir o leitor (né?) na intenção do autor. Acho.

S1{B1[P1-3]} - 1) É **correspondência comercial**. 2) Pelo..., acho que como se dando uma resposta do porquê não adquirir o produtor. É uma linguagem, acho, uma linguagem bem comercial, assim (né?) de correspondência comercial, **tipo ofícios ou cartas trocadas entre empresas**. Quando fala *fabricantes e estoques* [TCI] essa é a primeira idéia que vem, assim. Né?

S1{B1[P1-4]} - 1) É uma **conversa**. Ou quase a mesma situação daquele primeiro fragmento. Né? Ou é uma **narrativa** ou é uma conversa, assim. 2) Pelo tom, pela colocação mais *coloquial* [oralidade], assim, (né?): “aí, olhou pra minha cara...”.

S1{B1[P1-5]} - 1) É uma **opinião**, um **texto de opinião**. 2) Por que ele *expressa uma opinião*. Né? *Tira uma conclusão* [argumentatividade]: “(...) depois de o governo ter estimulado, reprimiu...” Ele constatou uma coisa que é a opinião.

S1{B1[P1-6]} - 1) Um fragmento de **ensaio**. Será? Acho que por aí: um ensaio **ou artigo**. É um..., bem genérico. É difícil porque eu acho que tem poucas dicas, assim. 2) Pela forma. *Tá (Como eu vou dizer?) analisando alguma coisa* [analiticidade]. Né? Não sei o que, mas tá analisando. Acho que mais por isso mesmo: pelo tom de análise mesmo.

S1{B1[P1-7]} - 1) Pra mim me vem um texto já mais próximo do **texto jornalístico**. **Informação**. Um fragmento de uma informação. Claro que isso pode muito bem estar num livro, assim (né?), mas é informação essencialmente, acho. Poderia muito bem fazer parte de uma matéria. Menos elaborada. 2) *Vítimas, quem são as vítimas* [TCI]. Não é, assim, a frase (né?), mas *tá direto, assim (né?), a ordem* [ordem sintática direta]. Uma coisa bem objetiva.

S1{B1[P1-8]} - 1) Um discurso, um **discurso político**. Tou brincando. Pode ser também. Né? O tom é de discurso, ou um artigo que começa com uma..., um artigo onde se vai falar sobre ciência e progresso poderia começar assim, embora fosse pobre hoje em

dia. Né? 2) Porque é uma introdução. Certo? Você faz uma... *Você está partindo já de uma conclusão* [argumentatividade]. Daí você vai expor (né?) os teus argumentos. Acho que é por isso. E o tom. Como é *uma frase, assim, meio clichê* [conteúdo clichê], poderia muito bem servir para discurso político.

S1{B1[P1-9]} - 1) Também é uma coisa comercial, **correspondência comercial**. Ou troca de correspondência **entre órgãos de governo** talvez (né?), mas sempre uma coisa assim de trabalho. **Correspondência de trabalho**. 2) Pelas palavras empregadas, pelo tom. É uma linguagem bem padronizada (né?) este tipo de correspondência assim, ou de informação ou até um fragmento de relatório trocado entre..., ou entre empresas, ou entre prefeituras e um distrito, ou entre o governo e as secretarias, enfim ... Né?

S1{B1[P1-10]} - 1) Aqui também eu diria que é uma **matéria jornalística**. 2) *Pelo assunto e pelas versões* [TES], assim. Há relatos contraditórios e, no texto jornalístico, isto é super comum (né?) tu ter várias versões, tentar juntar tudo ou, pelo menos, indicar que existe mais de uma versão pro fato.

S1{B1[P1-11]} - 1) Também é uma **conversa**, um **diálogo**. Né? 2) Tá naquele *tom assim de conversa* [oralidade]. *Não é uma coisa formal* [- formalidade]. Tanto pode ser duas pessoas conversando, ou um texto leve, assim, de **crônica**. Né?

S1{B1[P1-12]} - 1) **Matéria policial**. 2) É a linguagem, eu acho, linguagem de matéria de polícia: "1 km".

S1{B1[P1-13]} - 1/2) É uma **opinião** [argumentatividade], uma constatação também. Né? Pode ser parte de um discurso do tipo de uma... *É em função de uma medida tomada* [TCI]. Pode ser um artigo como pode estar dentro... Pode ser o que alguém disse que tá usando isso pra escrever. Né? Tem várias... Esse, acho que não consigo definir da primeira vista o rótulo (né?), se é um **artigo** ou se é um **discurso**, o que também está bem próximo.

S1{B1[P1-14]} - 1) É um **relatório**? Não é um relatório. É um... Nossa, pode ser tanta coisa: pode ser uma informação de um relatório, pode ser **uma coisa científica**. Não sei exatamente... A linguagem é meio..., não é uma coisa popular assim. Né? Relatório ou científico. 2) Acho que pela (né?) *corpus e o fármaco-veterinário* [léxico específico], que não é uma coisa comum. Né?

S1{B1[P1-15]} - 1) É uma correspondência, assim, oficial, **correspondência oficial**.

2) Pelo termo "*vossa senhoria*", "*solicitamos*" [formalidade]. É bem a linguagem em que se encerra uma **carta**, um **ofício**.

S1

B1 - P2

S1{B1[P2-1]} - 1) É um **artigo**. Né? É uma **opinião**. **Acadêmico**, acho. 2) Porque, pelo texto, *quem está falando, que é o autor, conhece o assunto* [conhecimento específico], enfim (né?), a universidade, a pós-graduação e consegue estabelecer esta relação (né?),

medidas, instalação. Dá para deduzir que o autor é alguém que conhece. Eu daria o rótulo de um artigo. Pra artigo sempre *está implícita uma opinião* [argumentatividade].

S1{B1[P2-2]} - 1) Parece depoimento. **Depoimento tomado por escrivão**. Respeita quase que exatamente a forma como a pessoa fala. Mas também pode ser uma **conversa**. Poderia ser rotulado como um depoimento. 2) *Por que está bem fragmentado. As frases não estão formadas* [oralidade]. Não tem uma... É tudo quebradinho assim. Parece que alguém anotou o que alguém contou quase que literalmente, sem consertar nada. Pode ser um depoimento. Não necessariamente um depoimento policial, assim. Né?

S1{B1[P2-3]} - 1) **Noticiário internacional, da televisão** ainda.

2) *É meio jargão, assim, "extremistas islâmicos"* [léxico específico]. É uma fórmula, assim, bem comum, acho. É uma notícia. A forma adaptada, assim, ela é rápida. E também tem um monte de informação numa frase só. Né? Tem o ataque, as mortes, o que que fez o ataque. Acho que é por isso que faz a ligação.

S1{B1[P2-4]} - 1) É uma **opinião**. 2) Acho que pelo... É que tá argumentando alguma coisa. Quem está comentando isso, *tá argumentando alguma coisa e concluindo também: "Hoje, mais do que nunca (né?), a ciência é a alavanca do progresso"* [argumentatividade]. Uma opinião tanto em forma de discurso (né?), quanto em forma de opinião escrita, **artigo**.

S1{B1[P2-5]} - 1) Também é uma **notícia**. 2) Por estar assim... Ela *tá informando um fato* [TES] (né?) de forma simples direta. Bem texto, assim, noticioso.

S1{B1[P2-6]} - 1) Acho que é um **ensaio**. 2) É muito... Seria *muito profundo pra um artigo simplesmente* [conhecimento específico], o tema. Né? E a linguagem, também, é toda..., *termos mais restritos a quem trata do assunto* [léxico específico]. Ensaio, acho que *não é uma coisa muito popular* [audiência específica]. Então a linguagem fica bem mais acadêmica assim. Mas, é um ensaio.

S1{B1[P2-7]} - 1) **Correspondência comercial, oficial**. Fechando, a despedida. 2) *É um termo que se usa pra fechar (né?) carta* [léxico específico]. **Carta comercial** ou um **ofício** pedindo alguma coisa.

S1{B1[P2-8]} - 1) Essa também é uma **notícia**. 2) Pela *informação* [propósito de informar], assim, a quantidade de *informação sem opinião* [- argumentatividade], assim. Né? Tá *relatando um fato* [TES]. Né?

S1{B1[P2-9]} - 1) Uma **conversa** que pode ser um **diálogo escrito**, assim, ou então um fragmento de um diálogo. Né? A pessoa está contando uma **história**, contando um caso. 2) Pelo *tom bem de conversa, coloquial* [oralidade], *informal, com gírias* [- formalidade]. Né?

S1{B1[P2-10]} - 1) É uma **artigo** ou uma **resposta numa entrevista**, assim, mas no máximo. Né? 2) *O tom é, assim, de quem está analisando uma..., uma decisão, enfim (né?), que afeta a área* [analiticidade], mas não... é bem diferente de uma notícia, por exemplo (né?), porque tá muito explicadinho, assim, e o texto ficaria..., quer dizer, se

fosse uma notícia nunca teria: “(...) problema como sói ocorrer na administração...”. Então dá pra pensar que é um **artigo de opinião**.

S1{B1[P2-11]} - 1) Isso é uma **notícia**, uma **informação**. 2) Por isso mesmo. Acho que pelas mesmas razões, assim, de (né?) ..., *aqui tem informações que alguém está transmitindo (né?), ou escrevendo, ou lendo* [propósito de informar]. É uma notícia com o seu formato, assim, tentando fazer com que as pessoas entendam (né?) o que aconteceu.

S1{B1[P2-12]} - 1) **Correspondência comercial**. 2) Pelas palavras, *pelos termos, pelos substantivos, por tudo. São “calçados”, são “representantes”...* [léxico específico].

S1{B1[P2-13]} - 1) É uma **notícia**. 2) *Tem informações* [propósito de informar], *não tem qualquer opinião* [- argumentatividade]. E também ninguém falaria assim.

S1{B1[P2-14]} - 1) É um **artigo** também de **opinião**. Acho que até poderia ser uma matéria, assim, uma redação de jornal, mas ela mistura... 2) Até o “corpo docente” poderia ser um trecho de uma matéria que tá explicando o que aconteceu com a CAPES, mais aí depois já vem a *coisa mais opinativa* [argumentatividade], assim.

S1{B1[P2-15]} - 1) É o *tom de uma conversa* [oralidade]. Pode ser uma **crônica** daquelas coisas cotidianas, assim.

S1{B1[P2-16]} - 1) Pode ser duas coisas pra mim. Pode ser uma **notícia**, daquelas notícias de **noticiário internacional**, como pode ser de um livro sobre a questão. 2) Porque eu acho que tem *dados mais históricos* [TCI], assim, quer dizer, também: “*Islamismo*”, “*estado islâmico puro*”. *Se você está escrevendo isso, você teria que pelo menos explicar o que é isso* [conhecimento especializado], ou *tu tá se dirigindo a um público que vai saber* [audiência específica], ou tu tá em livro ou... (né?), mas também pode ser uma notícia.

S1{B1[P2-17]} - 1) É uma **conversa**, ou um fragmento de uma conversa, um **diálogo**.
2) Tá bem... Tá contando uma história pela forma como tá.

S1

B2 - P1

S1{B2[P1-1]} - 1/2) É um **comentário**, uma **opinião a respeito de uma notícia**. O início dele (Né?), o primeiro parágrafo e o segundo, poderia ser só uma notícia. A partir daí, então, se percebe que é um comentário a respeito de um acontecimento (né?), que pode ser um comentário falado (né?), ou escrito *em forma de opinião* [argumentatividade] e tal. É um comentário.

S1{B2[P1-2]} - 1/2) É um **artigo** em cima de uma informação de um anúncio de medida, mas é um artigo. Né? Tá opinando, tá se colocando de um lado (né?), acho que nitidamente, assim. Principalmente o final dele, considerando o equívoco de uma

medida tomada por alguém. Certamente que é *a opinião de alguém* [argumentatividade] (né?), em forma de artigo. É porque se coloca de um lado, tá expressando a opinião a respeito de uma medida. Não tá simplesmente colocando prós e contras.

S1

B2 - P2

S1{B2[P2-1]} - 1/2) Tá faltando o **começo**, eu acho. Porque o texto começa, mas a impressão que se tem é que tem uma informação antes dele: “o ataque” aonde? Ele já começa: “o ataque com saldo de 67 mortos...”. Mas presume-se que tenha uma introdução a essa parte (né?), a essa notícia. Fica muito no ar, assim. Pode-se deduzir o que aconteceu, mas certamente tem alguma coisa antes.

S1{B2[P2-2]} - 1/2) Eu acho que é a mesma situação. Isto é uma fragmento. Não tá completo. Falta a **introdução, o começo da história** (né?), pra gente se localizar, assim, saber de que o autor está falando.

S1{B2[P2-3]} - 1/2) Tá com **começo meio e fim pra uma nota**. Né? Pelo menos tem as informações básicas que tu precisa. Agora tu pode ter muita coisa depois para comentar este fato, mas tá..., pelo menos você começa sabendo do que a pessoa tá querendo falar. Né? Até aqui poderia ser uma notícia, porque aqui só tem informação, assim. Né? Por exemplo, se fosse uma nota de tevê de noticiário internacional taria completa. Não teria muito mais do que isso numa..., ou uma pequena nota..., daria. Passaria uma informação.

S1

B3 - P1

S1{B3[P1-1]} - 1) É uma **notícia**. 2) Pela forma do texto. Né? *Tá contando um fato* [TES], *como aconteceu, porque que aconteceu, onde aconteceu* [lead], *as versões sobre o fato* [TES]. É bem uma notícia, assim, de jornal.

S1{B3[P1-2]} - 1) É uma **artigo**. 2) Tá *expressando uma opinião* [argumentatividade]. Toda a argumentação é de um lado. Né? Dá pra dizer que é um artigo. Pra onde ele seria publicado, não dá pra dizer. Né? Com certeza ele está expressando uma opinião de alguém. Tem conclusões como o finalzinho ali: “equivoco ...”.

S1{B3[P1-3]} - 1/2) Bom *já está dizendo que é artigo* [pista metatextual]. Né? Mas, assim, é um artigo. Né? Mas é uma coisa bem especializada também. Pra uma publicação bem especializada. Pelo tema, assim, e os termos utilizados. Ele *está se dirigindo a uma pessoa que entende o que ele tá falando* [audiência específica] (né?), que sabe do que se trata. É um artigo pela..., tá expondo uma coisa do ponto de vista dele (né?) ou dela. Mas certamente é uma coisa especializada, porque tem muito artigo que você escreve sobre qualquer coisa e não sobre a sua área. Mas *esta pessoa aqui está especificamente na sua área* [conhecimento especializado]. Mas, com certeza, é um artigo.

S1{B3[P1-4]} - 1/2) É uma **correspondência comercial**, uma **carta comercial** trocada entre empresas. Tem a *linguagem bem formal* [formalidade], assim. É uma fórmula (né?) de linguagem comercial. Texto padrão, você só vai preenchendo só os espaços. Mas é... Não tem muito o que dizer. Né? Não haveria outro jeito de usar isso aqui se não fosse comercialmente. Né? Ficaria muito estranho numa carta pessoal. Ela é formal e não dá margem a nenhuma outra interpretação.

S1{B3[P1-5]} - 1/2) É uma **conversa**, **alguém contando uma história**, mas *é oral* [oralidade], assim. Ou então é uma **crônica** (né?) que, daí, usa a linguagem bem coloquial, popular, o modo de falar. Mas ainda parece, assim, mais a **transcrição de uma conversa** de alguém relatando um fato, assim. Só a transcrição, sem..., respeitando exatamente o modo de falar. Não tem, assim, um começo meio e fim. Não é uma redação.

S1

B3 - P2(Q1)

S1{B3[P2(Q1-1)]} - a/b) Sim. A linguagem. Não só o tema (né?), mas a linguagem. O tema, acho que seria muito..., é óbvio. Né? É a linguagem. Cada um tem uma construção. Tem uma notícia, tem uma correspondência... É a forma de expor o assunto. Né? Então, na notícia, é o objetivo o fato e as versões em torno do fato, sempre de uma maneira objetiva. E, no caso do artigo, da *opinião* também, pela maneira como tu expõe. Tu coloca argumentos, tira conclusões...

S1{B3[P2(Q1-2)]} - (1) O principal é começo, meio e fim. Né? Pra este aqui especificamente, porque ele está completo, ou poderia estar se não..., mas ele tá completo. Ele tem... Também se pegar só o começo dele e mais alguma informação, assim, do desenvolvimento também, você não vai ficar completamente ignorando o assunto. Né? Mas eu acho que não é bem isso que você qué (né?), com essa pergunta. Mas, enfim, eu acho que é isso. Ele tá bem organizado. Tem um fato no começo que te chama pra querer mais informação e ao mesmo tempo também já te dá... A parte importante neste caso aqui é o começo, o primeiro e segundo parágrafo, menos importante até do que o último.

(2) A parte importante dele está no..., a partir do segundo parágrafo que começa a ficar mais claro. Ele não é um texto muito claro, assim. Característico dele: a enrolação, as voltas, falta de objetividade. Assim, ao contrário daquele ali, que é uma notícia, que tu pode identificar logo o que é mais importante ou não, aqui tu tem que lê todo, as frases não são breves, são mais longas. Acho que as palavras usadas também são palavras pouco comuns.

(3) Não se diferencia muito do outro ali. Só que, assim, embora esse seja um assunto mais técnico, assim, mais especializado, ele tem uma forma melhor do que o outro. Esse aqui não é tão enrolado. Ele deixa claro do que que ele vai tratar. Né? Então, talvez por isso. Nas frases, nos termos, nas explicações: ele não enrola mesmo, não faz rodeio pra ir ao assunto. Né? Começa a ler sabendo do que que ele vai falar.

(4) Acho que tem princípio, meio e fim. Tem uma introdução (né?), na primeira linha, tem o desenvolvimento, onde ele..., e a despedida, que é bem... É tão formal, que é só... Se apresenta, digo o que eu quero e tchau.

(5) Tem uma repetição, assim, de termos. Por isso é que leva, assim, a pensar que é uma conversa ou um relato oral, assim (né?), que está falando. Né? As reticências, a repetição da mesma forma: "aí, aí, aí". Né? Sobre a estrutura: tem, embora seja um pouco confusa, assim, mas dá pra loca..., dá..., tem um começo pelo menos. Dá pra pegar o fio da meada, eu acho. A partir da primeira frase. As frases são um pouco soltas, mas tem... Claro que tem. É uma historinha.

S1{B3[P2(Q1-3)]} - Notícia, artigo, ensaio, carta, narração, o diálogo, crônica, conto, poesia, prosa mesmo, literatura, livros, nota oficial, acho que eu li uma hoje, por isso eu lembro.

S1{B3[P2(Q1-4)]} - Jornalístico mesmo, só a notícia. A notícia com princípio, meio e fim, com objetividade, com informação. Este seria o texto jornalístico. No mais, seria artigos publicados no jornal, análise. Quer dizer, além da notícia também há a análise, que é feita, ou em artigo de opinião, ou... Análise da notícia.

S1{B3[P2(Q1-5)]} - A crônica, coisas do estilo, assim. Crônica daria pra enquadrar e os artigos de opinião que não deixam de ser..., é uma análise dos fatos noticiados. São assinados, tem... Acho que dá pra enquadrar sim. Uma correspondência comercial jamais poderia ser enquadrada como texto jornalístico. Né?

S1

B3 - P2(Q2)

S1{B3[P2(Q2-1)]} - Tendo a informação (vamos partir daí, que eu tenho as informações), o primeiro passo é organizá-las em ordem de importância: o mais importante no começo. Tu tem que ter um gancho pra desenvolver o assunto, assim. Se tem um acidente com vinte mortos que aconteceu na BR 101, isso é o mais importante, os vinte mortos no acidente na BR 101. Aí como que aconteceu, quem que bateu em quem e etc. e etc., isso vem depois. Então, a primeira coisa mesmo é organizar em ordem de importância, pra então escrever. Agora como que cada um faz esta organização. Pode fazer isso mentalmente, pode fazer através de esquema (né?) dos principais pontos pra desenvolver. Primeiro pega a informação com a fonte (né?), através de entrevista, anota estas informações ou grava (tu usa alguns instrumentos de trabalho nesse processo) e depois tu redige. Pega a informação (né?), depois tu organiza essa informação e daí parte pra redação. A organização tem que tá antes de tu redigir, senão vai sair uma salada. E isso vai acontecer naturalmente. Né? Quase que não dá pra separar, mas tem que ter um momento... tem que ter...: o que é que eu vou colocar antes? como é que eu vou começar? Senão tu começa contando uma história, como se tu estivesse contando uma historinha: "era uma vez...".

S1{B3[P2(Q2-2)]} - Informação. É o principal elemento: informação. Se não tiver informação, não vai ter leitura. Não dá pra ficar enrolando como na história. Só vai ser um texto noticioso se tiver várias informações pra colocar ou se tu tiver uma só e

colocar essa informação só... A informação (né?) e a... Faz a pergunta de novo. Tem que ter introdução, desenvolvimento e conclusão, só que a conclusão vai antes, então tem que ter conclusão e desenvolvimento. Conclusão e desenvolvimento basicamente, porque a introdução faz com que... Conclusão, desenvolvimento e novamente conclusão porque tu tem que fechar. Né? Mas, enfim, tu começa pela conclusão, a brevidade da frase, ser objetivo, o texto tem que estar na ordem direta, as frases mais curtas. Então, como forma mesmo é isso, assim.

S1{B3[P2(Q2-3)]} - Todos. Acho que é meio mecânico isso, depois de um certo tempo. Às vezes, fica alguma coisa falha, mas é assim.

S1{B3[P2(Q2-4)]} - Sim. Acho que sim. Até por que a gente tem que saber o quanto escrever. Daí é importante estruturar. Né? Eu sei que vou escrever trinta linhas, eu tenho que pensar de que forma ocupar esse espaço. Então a estrutura é importante. Quantos parágrafos vou fazer, quantas... Isso é..., a gente pensa.

S1{B3[P2(Q2-5)]} - A característica da objetividade, assim, da... Esse objetividade não é uma coisa meio burra, assim, bem..., mas é, eu acho que é a síntese do se... É uma coisa sintética e informativa. Por isso. Resumindo, é a objetividade, mas não quer dizer que não seja..., isso não empobrece porque essa é a característica principal a ser preenchida, é a da objetividade e responder as questões que qualquer um se perguntaria ao ler uma notícia: as clássicas, o quê?, por quê?, onde?, quem?, quando? Como? onde? e por quê? Com isso, a gente constrói um texto mais rico ou menos rico, dependendo da tua capacidade. Né?

SUJEITO 2

S2

B1 - P1

S2{B1[P1-1]} - 1) Este texto aqui pode ser o fragmento de um **conto**. 2) Pelo estilo só, assim, da forma, eu acho que pode ser enquadrado como o fragmento de um conto. Né? A forma narr..., descritiva, assim, da situação.

S2{B1[P1-2]} - 1) Este aqui parece mais um **texto acadêmico**. Na verdade parece um prefácio de um trabalho acadêmico, uma tese, uma dissertação. Sei lá! Trabalho mais acadêmico mesmo. 2) Pela *forma técnica como ele vem exposto aqui* [tecnicidade], pela linguagem que ele utiliza. Né? Por isso.

S2{B1[P1-3]} - 1/2) Isto aqui é a **justificativa do acionista** da... (riso) Isto aqui, pelo que eu estou vendo aqui, fica difícil enquadrar. Isto aqui é um **discurso de um...**, **como te disse, de um acionista da empresa, querendo justificar a aquisição de um produto** [TCO]. É um discurso.

S2{B1[P1-4]} - 1) É um **comentário**. 2) É o comentário até de uma situação. A pessoa está descrevendo a situação e, neste momento... Não, na verdade, não é um comentário. Comentário não é a palavra mais correta pra expressar isso aqui. É uma **narração** mesmo. Né? Não é um comentário. É uma **narração de uma situação** que aconteceu com essa pessoa. *Tá falando em primeira pessoa aqui* [1ª pessoa do discurso]. Né? É narração. Por que ele tá fazendo referência a uma situação que aconteceu com ele e tá descrevendo isso seguindo ..., *pelo aí (né?)*, dá a impressão que ele tá seguindo uma *seqüência típica de narração* [narratividade].

S2{B1[P1-5]} - 1) Isso é um..., que vem a minha mente, é um **artigo**. 2) Por que alguém está tecendo comentários a respeito de *uma ação governamental* [TCI]. Né? *Tá querendo bancá algum ponto de vista aqui* [argumentatividade] a partir dessa ação governamental.

S2{B1[P1-6]} - 1) Isso pode ser enquadrado também como um **artigo Científico**. Né? De uma publicação... Devia ser especializada porque está bem hermético. Mas, é..., parece um artigo também. 2) Por que tenta..., da mesma forma que o anterior, a impressão que me dá é que *tenta bancar também um ponto de vista* [argumentatividade] a respeito de um assunto aqui que eu não consigo definir qual é. Científico. Pelo conteúdo, estrutura, pelos termos que utiliza, mas pode ser também literário. Né? Não precisa ser exatamente do ramo das ciências exatas. É por que *tem muita técnica aqui* [tecnicidade]. Né? Por isso.

S2{B1[P1-7]} - 1) Isso pode ser uma **reportagem**. 2) Por que *é bastante informativa* [propósito de informar].

S2{B1[P1-8]} - 1) **Discurso** também. Né? Mas pode ser um **artigo**. 2) Por que também tá *tentando, aparentemente, afirmar o ponto de vista* [argumentatividade], mas isso enquanto artigo. Enquanto discurso, porque parece preparatório pra alguma..., ou justificativo de alguma afirmação anterior. Aí eu fico em dúvida entre os dois, no caso aqui.

S2{B1[P1-9]} - 1) Isso aqui parece um **relatório**. Um relatório **bem burocrático**, assim. 2) Pela forma como tá informando... Pra mim é um relatório. Não consigo pensar em justificar o porquê, mas é a forma que me leva a pensar que é um relatório. De algum aparato burocrático. Né?

S2{B1[P1-10]} - 1) É uma **reportagem** também. 2) Pelo caráter..., pela busca da..., pelo *viés informativo* [propósito de informar].

S2{B1[P1-11]} - 1) É uma **descrição de alguma situação**, assim, que envolveu a pessoa que tá falando aí. Né? 2) Pelo caráter mesmo de tá explicando o que aconteceu com ela própria, com alguns detalhes. “Já passei um vexame lá”. É uma descrição. É o que me vem à cabeça.

S2{B1[P1-12]} - 1/2) Pode ser uma **reportagem** que tá *contando fatos* [TES] e *com uma seqüência lógica* [narratividade] também. Pode ser um fragmento de um **texto literário** também, pelo caráter descritivo.

S2{B1[P1-13]} - 1/2) Esse pode ser tanta coisa. Eu já escrevi coisas assim em reportagem. Já li coisas assim em textos que são artigos (né?), comentando *uma medida governamental em determinada área, as conseqüências (né?) de uma medida* [TCI]. Eu não tenho muito claro não. **Pode ser muitas coisas**, como muitos destes textos, na verdade, que tu me passastes. Eu vou ficar com a **reportagem**. Pra escolher um, assim, mas não que eu ache que este predomine com relação a um artigo (né?) comentando uma determinada medida. Né? Isso aqui é uma frase que tanto pode tá numa **matéria**, quanto pode tá num **artigo** comentando uma determinada questão.

S2{B1[P1-14]} - 1) É uma **palestra**. 2) Tá me fazendo pensar a respeito deste tipo de conceito que eu não... Definir isso não é mole. Né? Mas... Pelo tom que ele tá utilizando aqui nessa frase. Né? Não me ocorre nada além disso.

S2{B1[P1-15]} - 1) Isso é uma **correspondência**. 2) Pela forma. Né? *Formal pra caramba* [formalidade], assim. Tá me pedindo pra utilizar os rótulos que normalmente são utilizados. Né? É isso o que me ocorre.

S2

B1 - P2

S2{B1[P2-1]} - 1) É um **artigo**. Né? 2) Eu tinha falado inicialmente que era uma reportagem, mas ele é *muito opinativo* [argumentatividade]. Né? Ele não mantém aquela, entre aspas, *imparcialidade* que o cara que... deve obedecer no texto jornalístico. Justamente por ser opinativo: É um artigo.

S2{B1[P2-2]} - 1) Tá relatando uma situação, aqui. Eu não tou conseguindo achar a palavra pra definir, assim, o que poderia ser. **Relato**. Né? É uma **descrição**. Né? É uma **demonstração**, mas eu não tenho a palavra pra definir o que é esta descrição. Né? Descrição. 2) Porque tá relatando vários estágios, assim, de uma situação (né?), vários momentos de uma situação.

S2{B1[P2-3]} - 1) Isso é um texto de..., aparentemente, já estou começando a ficar desconfiado de ti (né?), é um **texto jornalístico**. Parece um texto jornalístico. 2) Pelo *caráter fortemente informativo dele* [propósito de informar].

S2{B1[P2-4]} - 1) É um **artigo** também. Né? 2) *O autor tenta, novamente, firmar um ponto de vista* [argumentatividade]. Né? Aparentemente.

S2{B1[P2-5]} - 1) Parece uma **reportagem** também. Né? 2) *Informação* [propósito de informar]. Muita informação.

S2{B1[P2-6]} - 1) **Artigo** também. Né? *Bem técnico* [tecnicidade]. 2) Pela... Na verdade não é um artigo. Isso aqui seria uma **tese**, uma **dissertação**. Sei lá! Um artigo, acho que era pra ser menos *hermético* [conhecimento especializado] que isso aqui. Né? Parece ser um **trabalho acadêmico**, assim, porque ele é *voltado pra um público muito específico* [audiência específica]. Parece isso.

S2{B1[P2-7]} - 1) Isso aqui é aquela **correspondência** já vista aqui, muito falada, comentada. 2) Pela forma. Né? Muito *formal* [formalidade].

S2{B1[P2-8]} - 1/2) Pelo linguajar até é um **artigo jornalístico**, uma **matéria**: *fontes* [TES], *números*, *muita informação* [propósito de informar]. Né?

S2{B1[P2-9]} - 1) Uma **narração**. Né? 2) Parece *uma seqüência de vários fatos encadeados* [narratividade]. Parece uma narração.

S2{B1[P2-10]} - 1) É uma **artigo** também. Né? 2) *A defesa de um ponto de vista* [argumentatividade].

S2{B1[P2-11]} - 1) É uma **reportagem** também. Né? **Matéria jornalística**. 2) Pelos mesmos motivos anteriores: *informação* [propósito de informar], *seqüência*, *linguagem*.

S2{B1[P2-12]} - 1) É a **correspondência**. Aquela. 2) Pelo *tom formal* [formalidade], que eu já falei outras vezes.

S2{B1[P2-13]} - 1) É jornal (né?), **matéria jornalística**. 2) Pelo *caráter informativo* [propósito de informar], pela *seqüência*, pela *forma*.

S2{B1[P2-14]} - 1/2) É um artigo. (Né?) Um artigo defendendo um ponto de vista a respeito de um assunto.

S2{B1[P2-15]} - 1) É uma **narrativa de uma situação** que envolveu as pessoas, assim. 2) Pelo *encadeamento dos fatos, por seguir uma seqüência* [narratividade]. Por isso.

S2{B1[P2-16]} - 1) Outra **reportagem jornalística**. 2) Uma seqüência, aquela típica de reportagem jornalística. *Muito informativa* [propósito de informar] também.

S2{B1[P2-17]} - 1) Aquela **narração** anterior, também, de volta. Parece. 2) Pela seqüência, *pelo encadeamento* [narratividade]. Por isso.

S2

B2 - P1

S2{B2[P1-1]} - 1/2) Eu vou seguir aqueles mesmos padrões que segui da outra vez. Mas é uma **reportagem**. Jornalismo. Né? É um **texto jornalístico** que desenvolve um assunto, seguindo técnicas que se empregam no jornalismo. Situando em lugar, situando num tempo, situando..., com relação a como os fatos ocorreram. A forma de expressão do fato é própria do texto jornalístico. Reportagem. É uma reportagem.

S2{B2[P1-2]} - 1/2) É um **artigo**. Em alguns momento tem elementos de uma reportagem, mas como tem opinião, coisa que não tem em reportagem, no caso aqui: "(...) o problema como sói ocorrer na administração pública" é um posicionamento (né?), "seria um equívoco tratar a pesquisa como se fosse um privilégio dos países desenvolvidos" é um posicionamento. Então, me parece um artigo, um extrato de um artigo, tratando de uma questão específica (né?), desenvolvendo um ponto de vista a respeito desse assunto.

S2

B2 - P2

S2{B2[P2-1]} - 1/2) **Está faltando o início**. Como isso aqui é uma reportagem, também, ele já parte de um... Tá faltando as informações básicas, aqui, as iniciais do texto. Né? Pra situar o leitor num lugar, no próprio fato. Né? Por que já parte de um fato posto. Né? Só que aqui a gente vai..., pela leitura, vai sabendo o que é, pela leitura do texto anterior também. Mas falta a introdução (né?) a esse texto aqui.

S2{B2[P2-2]} - 1/2) Como o primeiro **falta a introdução** também a ele (né?), os fatos que antecederam a essa descrição aqui que está sendo feita. Né?

S2{B2[P2-3]} - 1/2) Eu acho que **está um texto com início meio e fim**. Eu acho que não falta nada nesse texto. Como reportagem. Né? Acho que poderia ser publicado como notícia assim como está aqui.

S2

B3 - P1

S2{B3[P1-1]} - 1/2) É uma **reportagem jornalística** e eu digo isso pelo fato de seguir a seqüência que as reportagens jornalísticas seguem com..., respondendo as perguntas

que normalmente se pede que responda num texto jornalístico, com relação a lugar, a tempo, ao porquê do fato e tal, e pela descrição, pela forma de descrição dos fatos. Né? É um texto bastante informativo. Por isso que é uma reportagem jornalística também.

S2{B3[P1-2]} - 1/2) É um **artigo** (né?), embora tenha elementos que... bastante informativos também, como de uma reportagem, mas, em alguns momentos, o autor do texto emite opiniões (né?) sobre o papel da administração pública, sobre... Então é um artigo porque tem também este caráter de defender um ponto de vista, emitir opiniões a respeito desse ponto de vista.

S2{B3[P1-3]} - 1/2) Este tem elementos de texto mais científico (né?), acadêmico. É uma justificativa, um preâmbulo de... da metodologia utilizada num trabalho (né?) e, me parece isso, e é bastante hermético também. Né? Então eu acho que é muito técnico, muito voltado pra uma área específica, assim. Por isso que eu acho que é um texto científico. Agora, enquadrar ele numa categoria, assim... É um **artigo científico**. Também pode ser isso. Né?

S2{B3[P1-4]} - 1/2) Esse é uma..., até o texto anterior faz referência, é **correspondência** (Né?) **comercial**. É um, como é que eu poderia enquadrar isso aqui? Não tem uma categoria, não me ocorre agora uma categoria pra enquadrar ele, mas é pela forma, assim, uma..., pelo estilo (né?) é uma correspondência. Né? Mas eu não saberia como enquadrar ele, assim, numa categoria de textos mesmo, assim, exclusivo. É uma correspondência.

S2{B3[P1-5]} - 1/2) É um **texto narrativo** (né?), uma narração de uma situação, em primeira pessoa (né?), a narração de uma situação por que passou uma pessoa (né?), enfim. É muito pessoal, assim, até por ser em primeira pessoa. É a descrição de uma situação. **Texto narrativo-descritivo**, poderia se dizer isso. Né? É isso. (Narrativo?) Pela seqüência com que são colocados os fatos aqui e pela descrição desses fatos também (né?), a maneira como eles são descritos aqui e a seqüência em que eles são relatados, assim, me leva a dizer que é um texto narrativo, que é a narração a respeito de uma fato (né?), de uma situação que envolveu a pessoa.

S2

B3 - P2(Q1)

S2{B3[P2(Q1-1)]} - a/b) Sim. Tem diferenças de técnica (né?), de técnica jornalística de... A forma como..., a forma, basicamente a forma de exposição é que, eu acho, que diferencia um do outro(né?), porque são textos que têm finalidades diversas (né?) e que precisam, por isso, formas diversas. Né? Eu acho que nisso é que... A forma de linguagem utilizada, a forma de disposição, assim, dessa linguagem (né?), de utilização dessa linguagem, isso é que os diferencia.

S2{B3[P2(Q1-2)]} (1) Bom, como é uma reportagem, ela tem que ter a apresentação, o fato principal no primeiro parágrafo, logo no início do texto, tem que ter a descrição do texto..., do fato (né?) e as versões referentes ao fato e o fecho que é um fecho com dados mais gerais, onde se inclui este fato. Né? Seria isso. Seria o que se chama de

lead (né?) em jornalismo, o parágrafo principal, primeiro parágrafo que tem que conter o fato, a descrição desse fato e o fecho (né?), o encerramento.

(2) Também eu acho que, como o texto 1, como jornalismo, texto jornalístico, ele também segue essa linha (né?) de apresentação do problema, desenvolvimento do assunto com vários elementos, várias janelas que podem servir para compreensão do problema e, no final..., e aí ele se diferencia do texto 1 (né?), porque no final aqui há uma conclusão (né?) que no texto jornalístico tu não faz. Né? Há uma conclusão no final do texto, que no texto jornalístico tu não faz conclusões. Né? Tu apresenta fatos e seguindo uma ordem inversa desse aqui.

(3) Como é uma apresentação (né?), uma explicação (né?) da metodologia que se utilizou pra realizar um determinado trabalho, ele apresenta..., justifica logo no início o porque (né?) do trabalho. Não, não chega a justificar. Né? Acho que esse texto, esse extrato aqui, ele é mais total. Né? Total não seria o termo, mas ele não tem várias estruturas. Né? É um texto único, assim, porque ele tá explicando um método para realizar um outro trabalho. Ele não segue aquela divisão que se tinha nos dois textos anteriores. Né? Em termos de estrutura é isso.

(4) Ele introduz o problema, também, de uma certa forma (né?), procura manter uma... É uma texto que é bem comercial mesmo. Né? A pessoa procura manter uma cumplicidade, assim, com o cliente. Né? Ele primeiro apresenta o problema e depois ele... Aliás, ele primeiro apresenta a situação (né?), depois ele apresenta o problema, no segundo parágrafo, ao dizer que "a três meses não recebe a visita do representante", e, no final, no terceiro parágrafo, ele cobra uma posição. Quer dizer, eu acho que são três momentos distintos, assim, nesse texto. Né? Mas, é próprio da correspondência comercial mesmo. Essa introdução, introduzir um problema, fazer um relato da situação, introduzir a situação, apresentar o problema, após uma justificativa inicial, e ao final fazer a solicitação. Isso é bem típico desses textos. Né? Sem contar a despedida de praxe.

(5) Esse é o tipo do texto do começo, meio e fim também. Né? É o lugar, podia colocar, ele relata, ele apresenta o lugar, ele relata uma situação e encerra com uma..., com a consequência dum comportamento dele, de uma atitude dele, no caso aqui tá em primeira pessoa mesmo. Né? E, então, tem apresentação, tem o lugar, tem o relato da situação e tem a consequência da situação como um feixe (né?), um encerramento. O começo, meio e fim estão bem expressos aqui.

S2{B3[P2(Q1-3)]} - Um artigo, uma..., uma artigo científico, pode ser, uma reportagem jornalística, um ensaio, um... Pode ser um estilo literário também ou tu qué uma coisa mais...? Ah, tipos de texto, não estilo. Um ensaio, uma reportagem, uma tese acadêmica, uma correspondência, um texto publicitário também, pode ser. Não me ocorre os outros no momento. Um panfleto, texto panfletário. É, não sei! Vou... Fico te devendo.

S2{B3[P2(Q1-4)]} - São textos descritivos (né?), eu acho que, acima de tudo. Né? Narrativos, descritivos, mas basicamente descritivos, eu acho. Pela preocupação com o detalhe, com..., em passar para o leitor não uma visão definida, determinada, mas o mais próximo de como as coisas realmente se passaram. Eu acho que é uma categoria

muito própria. Né? De texto, assim, eu não saberia te dizer, enquadrar ele, assim, em alguma dessas categorias existentes aí, das que me ocorre agora. Né? Não me ocorre outra palavra que não seja essa (né?): descritivo. Mas eu não sei a que tipo tu tá fazendo referência. Né? (**Nomes do dia-a-dia**) Sim. Matéria. É assim que a gente faz referência aos textos (né?): “tu tá com a tua matéria pronta, tu tá com a tua reportagem pronta”. Essas são as referências que a gente utiliza (né?) pra se referir, pra citar os textos que se faz. Eu acho que matéria é uma referência que é muito própria de reportagens. Né? Reportagem é outro nome (né?) que é próprio, é exclusivo. Não se utiliza isso pra outra área que não seja..., pra os textos que não sejam jornalísticos. Até um artigo, mas não é um texto jornalístico. Né? É um texto opinativo. Também, um editorial é um artigo. Né? Um texto opinativo que se vê em jornal também é um artigo, mas o texto jornalístico mesmo por excelência é uma matéria, uma reportagem (né?), sem a opinião da pessoa que escreve. Né?

S2{B3[P2(Q1-5)]} - Que poderia constar num jornal, que poderia aparecer num jornal. É isso? (**que tem alguma relação**) Um ensaio poderia aparecer e aparece, um texto acadêmico pode ser publicado em jornal, numa sessão de debates (né?), uma opinião a respeito de qualquer assunto pode aparecer em jornal também (né?), mesmo que não seja matéria jornalística, reportagem jornalística. Tem os espaços reservados pra isso no jornal, na área de opinião (né?), nos cadernos de cultura. Né? Embora não sejam... Jornalísticos puros são textos com os quais o jornal convive, assim, porque o jornal também tem essa função (né?), não só de relatar fatos, mas de debater pontos de vista também. Né?

S2

B3 - P2 (Q2)

S2{B3[P2(Q2-1)]} - Tu tem que ter um assunto (né?), estabelecer qual é o assunto que tu quer cobrir, tu tem que estabelecer os parâmetros (né?) desse assunto pra que ele não se torne muito vago, tu tem que estabelecer as fontes que tu vai consultar, bibliográficas ou testemunhais (né?), as pessoas ou documentos que vão embasar a tua matéria. Estabelecendo isso tu vai buscar essas fontes e escrever a matéria a partir daquele material coletado. (**como é a escritura?**) Aí tu vai construir o texto, conforme os dados que tu obtém, que tu apura, seguindo uma ordem de importância. Tu vai colocar os fatos principais, os que são totalizantes, que são globais, os que representam a essência da matéria, tu vai colocar no parágrafo inicial e, a partir de então, tu vai escrever a situação, vai detalhar mais a situação ou fato e vai colocar mais alguns dados pra conduzir o leitor realmente (né?) pra determinar, pra... Na verdade, não é conduzir. Você vai informar. Na verdade, acaba conduzindo mesmo (né?) de acordo com os passos, o caminho que tu resolve seguir. Né? Então tu vai colocar a essência no primeiro parágrafo, vai detalhar essa essência e não tem o fecho, aquele que tu vê em outros artigos. Simplesmente vai relatar por ordem de importância, em ordem decrescente de importância. Né? Vai encerrar a matéria com o fato que, na verdade, não é o mais importante, ou que tu julgou não ser o mais importante.

S2{B3[P2(Q2-2)]} - Bom primeiro... Nós temos uma regra que também não precisa ser seguida...Dependendo... Se é uma matéria diária, factual, assim, o texto vai ter que seguir essa regra, mas também tu pode ter margem de manobra pra não seguir na

plenitude essa regra. Tu tem os textos, que são as ditas matérias especiais, em que tu pode trabalhar..., não precisa colocar os fatos principais na abertura da matéria. Tu pode ir colocando eles aos poucos. Né? Mas existem as perguntinhas, aquelas que o cara tem que responder no primeiro parágrafo, seguindo a boa técnica jornalística. Né? Pode-se discutir essa técnica, mas é o que se aplica normalmente, que é o quê?, o que que é o fato, quem?, quando?, onde?, como? e por quê? Tu explicando..., tu respondendo essas perguntas, na abertura de uma matéria, tu tá com a tua matéria, em princípio, bem escrita. Às vezes, uma pergunta dessas não tem tanta relevância, mas normalmente se procura responder a todas elas. Isso é o que manda a técnica.

S2{B3[P2(Q2-3)]} - Todos. Eu procuro responder todas as perguntinhas. Eu sou um rapaz bem mandado (riso). E procuro valorizar mais algumas. Né? O cara valoriza, o jornalista, eu, pelo menos, procuro fazer isso, valorizar o que é (né?), qual é o fato, quando aconteceu esse fato, onde aconteceu esse fato, como aconteceu esse fato Né? Quem, também, tu acaba... Aí vai depender do fato mesmo realmente. Ele pode envolver pessoas ou não. Né? E, aí, o quem já perde alguma importância, perde um pouco da importância. Né? Mas o quê é fundamental ter (né?) e onde, como, isso aí é fundamental. Vai depender do fato. Né?

S2{B3[P2(Q2-4)]} - Eu normalmente chego no jornal, ou encerro as ligações e a pesquisa e eu tenho, normalmente, eu tenho já o que..., na cabeça, assim, o que é mais importante (né?), o que eu devo colocar, qual é o resultado de toda aquela busca que eu fiz, o que que se deve priorizar. E... Claro que a construção do texto, ela também é muito..., ela se faz, ela não está pronta, ela se faz no momento em que está escrevendo. Isso é uma coisa muito interessante porque: coloquei os fatos principais na abertura da matéria, tá feito meu *lead* (né?), aí, então, tu tem que escrever e, muitas vezes, uma frase de uma fonte ou uma informação que tu tenha, fruto de pesquisa ou de contato com alguém, vai te dar o gancho pra que tu possa dar seqüência no teu texto. Né? E, assim, tu vai alinhando as tuas informações e até a tua concepção sobre aquele fato e o entendimento sobre o que significa, e vai construindo teu texto assim.

S2{B3[P2(Q2-5)]} - Eu acho que a concisão, a objetividade, assim, ela é fundamental no texto jornalístico. Né? Evitar ao máximo a gordura, que se chama. Né? Ser objetivo é ir direto no assunto que tu qué. Evidente que isso aí é uma discussão que se faz em jornalismo. Né? É impossível se abstrair completamente. Eu, pelo menos, nisso. Né? Não colocar a tua experiência de vida, ao elaborar um texto jornalístico. Então, a objetividade deve ser buscada pra que tu não seja dispersivo e isso a gente está sempre se questionando. Né? Mas, também é importante que a pessoa não se desvincule completamente dos fatos que estão sendo coberto (né?) ou coletados pra que o texto também seja um pouco da tua experiência de vida. Não há como fugir disso. E eu acho que essa questão da objetividade é que é o elemento que deve ser..., é a característica, assim, que deve ser vista e tal, nem que seja pra não segui-la, pra não fazer dela..., nem que seja pra descartar essa característica, mas ela é, eu acho que, o norte, assim, do jornalista. Né?

SUJEITO 3

S3

B1 - P1

S3{B1[P1-1]} - 1) Isso me parece um **texto oral**, porque é uma linguagem coloquial. 2) “Esse aí ela achou engraçado...” *Esse “aí” é uma coisa que se usa muito na linguagem oral* [léxico específico/oralidade]. Pelo menos nos textos que eu costumo ler e escrever, não se coloca “aí” em qualquer situação. Pra mim, é o que mais caracteriza como texto oral. Se não tivesse o “aí ela achou engraçado, começou a rir”, até poderia estar (não sei!) em um **conto**, uma **crônica**. Mas, o “aí”, pra mim, é o ponto que caracteriza o texto como do discurso oral e coloquial também. Bem coloquial.

S3{B1[P1-2]} - 1/2) Isso é uma introdução de uma **dissertação** ou de uma **tese**, ou de um trabalho acadêmico de universidade qualquer. Por causa...Bom, primeiro pelo conteúdo, *pelo simples caso que ele está dizendo “O presente artigo...”* [pista metatextual]. Aliás, é um **artigo**. Talvez não seja uma dissertação. É um artigo mesmo. Mas é **científico**. Pela *linguagem formal* [formalidade].

S3{B1[P1-3]} - 1) Isso aqui é uma empresa se desculpando porque, possivelmente, alguém reclamou de um produto. Sim, tinha um produto com defeito e isso aqui é uma carta, dizendo que eles vão repor. É uma **carta**, mas **de relação comercial**. Né? 2) “A nosso ver”. Quer dizer, tem uma..., alguém vai assinar isso aqui. “*impele-nos a...*” É isso. *Tá na primeira pessoa do plural* [1ª pessoa do discurso]. Quer dizer, quem escreve uma carta, escreve em primeira pessoa. No caso aqui é *plural porque formalmente comercial nunca tem eu* [formalidade]. Né? É sempre o nós: nós da empresa.

S3{B1[P1-4]} - 1/2) Acho que é o mesmo caso do primeiro. É um **discurso oral** e coloquial. E “cara” também. “*Cara*” é *uma coisa que formalmente, na norma culta, não se usa muito, (né?) a não ser, assim, muito justificadamente*. E “*todo mundo olhou pra minha cara*” é *a cara de uma conversa coloquial* [léxico específico/oralidade].

S3{B1[P1-5]} - 1) Isso aqui me parece um **artigo de jornal**. 2) Por que, primeiro, pela linguagem, mas principalmente porque *está exprimindo uma opinião* [argumentatividade]. Quer dizer, ele pegou o provão, que é um ponto polêmico, e tem uma crítica aqui (né?) nessa frase. Uma crítica ao provão.

S3{B1[P1-6]} - 1/2) Olha, isso aqui me parece, talvez, uma **livro científico**... Esse aqui eu dancei. Talvez um livro científico, talvez um **artigo**, um... É *um especialista explicando alguma coisa num texto publicado* [conhecimento especializado].

S3{B1[P1-7]} - 1) Isso aqui poderia ser uma **matéria de jornal** até, uma última informação *sobre um massacre qualquer* [TCI]. 2) Por que *está dando uma informação* [propósito de informar]: “a maior parte das vítimas são japoneses, alemães e suíços”,

ponto. Não está dizendo que os pobres dos japoneses..., não está exprimindo uma opinião. Pela linguagem também, que *não é uma linguagem coloquial* [- oralidade].

S3{B1[P1-8]} - 1) Isso também me parece um **artigo**. 2) Por que tá... Mesmo caso do anterior. Ele *está exprimindo uma opinião* [argumentatividade]. Está opinando sobre um fato. Pra ele, “ciência é uma condição, é alavanca para progresso”.

S3{B1[P1-9]} - 1) Uma **carta comercial**, novamente. 2) Por causa desse indicativo, tá escrito na *primeira pessoa do plural* [1ª pessoa do discurso], e tá informando (né?) do não recebimento da *visita de um representante que se suponha seja um representante comercial* [TCI] também.

S3{B1[P1-10]} - 1) Isso aqui é uma **matéria jornalística**. 2) É difícil dizer por que. É a cara de uma matéria jornalística. Sei lá, vamos que seja o mesmo massacre que matou japoneses, alemães e não sei o que e o cara não conseguiu descobrir como foi que aconteceu o *massacre*[TCI]. Aí eu já estou viajando. Já estou achando que foi o tal massacre. Na verdade estou aumentando as coisas. E ele tem que dizer isso. Numa matéria, se você vai fazer uma matéria sobre um massacre, a primeira coisa que o leitor vai querer saber é quantos morreram, o que foi que aconteceu, e ele não conseguiu descobrir. Então, ele tem que justificar isso de uma maneira para o leitor. Aí ele colocou..., ele não conseguiu descobrir, então: “há relatos contraditórios sobre a seqüência dos eventos e o número de mortos”. A maneira, até elegante, de dizer: nós não temos essa informação.

S3{B1[P1-11]} - 1) Isso aqui é alguém contando pro amigo alguma **história pitoresca**. É **discurso oral** também. 2) “Eu já passei um vexame”... Por que *passar um vexame é uma coisa que só se fala* [TCI]. Escrever, só numa situação muito específica. Só o Luís Fernando Veríssimo, num conto daqueles geniais. *Se fosse, talvez, um texto escrito, teria um travessãozinho* [critério gráfico].

S3{B1[P1-12]} - 1) Isso aqui parece **matéria de polícia**. É matéria de polícia num jornal, a minha editoria predileta. Descrevendo, talvez, um seqüestro, *um fim de um seqüestro, ou um assalto, alguma coisa assim* [TCI]. 2) O assunto (né?), por que isso aqui me remete a... “O conduziram” - tinha alguém conduzindo - “cerca de 1 km antes de abandoná-lo”. Isso me remete, talvez, a um seqüestro. É uma **narrativa**. Ele tá descrevendo... Tem o depois. Ele já descreveu alguma coisa. Eles saíram de casa, pegaram um táxi, caminharam (sei lá!) alguns quilômetros, depois pegaram um ônibus, depois tomaram outro ônibus. Quer dizer, *tem uma seqüência de fatos* [narratividade]. Talvez até esteja um pouco ruim aqui, a seqüência de fatos que ele está narrando.

S3{B1[P1-13]} - 1) Ah, isso aqui poderia ser várias coisas: poderia ser um **artigo**, poderia ser uma **matéria jornalística**, poderia ser até um **discurso de sindicato**. Isso está super em voga agora. Acho que poderia ser várias coisas. 2) (**Por que pode ser várias coisas?**) Primeiro, *o conteúdo mesmo*. Né? Pelo menos é um assunto que tem saído bastante nos jornais, que é o *corte das bolsas* [TCI]. Né? Bom, isto tem saído bastante nos jornais, isto tem sido discutido bastante dentro da universidade. Por isso que eu penso que poderia estar, tanto num discurso da (xxx), dizendo: ah, que uma das áreas afetadas pelo pacote fiscal é a pós-graduação. Pode ser isso. Ela pode ter escrito isso num

artigo. Alguém que tenha feito esta matéria pode escrever. Quer dizer, acho que a forma como isso está colocado, está dito, tipo, caberia em todas essas pessoas.

S3{B1[P1-14]} - 1) Parece **bula de remédio (riso)**, ou **resultado de exame de laboratório**, alguma coisa assim. 2) Por que “*corpus*”, esse termo latino, é coisa de cientista (né?) e, “*atuante no mercado fármaco-veterinário*” [léxico específico]. Por isso. Né? Pelos termos técnicos. Não técnicos, mas *pela maneira técnica de se falar de coisas que talvez sejam até simples* [tecnicidade]. Talvez não seja uma bula, mas um *texto técnico escrito por iniciados para iniciados* [audiência específica]. Ele não está querendo explicar o que é *corpus*, nem o que é o mercado fármaco-veterinário. Ele está falando uma coisa que as duas pessoas entendem perfeitamente. As duas pessoas ou o público alvo. O autor e o público alvo. Mas, assim, é de técnico pra técnico.

S3{B1[P1-15]} - 1) Aqui é mais uma **carta**. 2) É *extremamente formal* [formalidade] (né?): tá aqui “vossas senhorias”. É uma **carta comercial**. Não é uma carta de amigos. *Tem uma relação comercial aqui tem uma cobrança* [TCO]. E, fazendo a cobrança, parece que isso implica em mais formalismo ainda.

S3

B1 - P2

S3{B1[P2-1]} - 1 e 2) Agora sim. Isso é um **artigo... assinado**. *A pessoa está exprimindo uma opinião* [argumentatividade]. Ele é um texto... *Não chega a ser formal, mas é um texto correto. Não sei se você entende o meu correto. Mas é um texto redondinho. Não é um texto assim rebuscado demais, como pode ser um texto jurídico, mas é um texto denso, um texto opinativo e que tem elementos como, por exemplo, “a crise, porém, não pode servir de pretexto”* [± formalidade]. Por isso eu diria que é um texto correto. Ele é sóbrio. A cara de um artigo. Talvez até não seja. Talvez, no final, você vai me mostrar e isto aqui está escrito na (xxx). Mas isso aqui parece um artigo.

S3{B1[P2-2]} - 1) É **alguém contando um caso**. Falando, contando oralmente uma **história** é alguém próximo. Está descrevendo uma situação oralmente. 2) “Que eu tava”, “Aí ela achou engraçado”. Isso são elementos que, normalmente, só se usam na *linguagem oral e coloquial* [oralidade]. (**Por que história?**) Por que ele tava descrevendo. *Tem uma narrativa também* [narratividade]. “Eu tava bebendo um refrigerante com muito gás e a mulher olhou pra mim. Eu tava conversando alto”. Quer dizer, na verdade, não tem muito nexo, aqui, as coisas que ele tá falando, mas, talvez, na situação, a mulher tenha olhado porque ele tava tomando refrigerante com muito gás. Aí ela achou engraçado. Parece, assim, fato de adolescente.

S3{B1[P2-3]} - 1) Esse aqui é aquele nosso massacre. É um **texto jornalístico**, *descrevendo um ataque, um atentado de extremistas islâmicos* [TCI]. Talvez, na Arábia. 2) Por que *tá dando informações bem precisas* [dados pontuais]. Teve 67 mortos. Quer dizer, aqui tem o tipo de coisa que sempre se exige num texto jornalístico que é, por exemplo, o número preciso, o tempo em que isso acontece. (Entende?) Tem esse tipo de informação.

S3{B1[P2-4]} - 1/2) Esse aqui parece, novamente, um **artigo**, publicado, ou numa revista de universidade, ou na imprensa normal, ou num jornal universitário, digamos. Mas é um artigo porque está *expressando uma opinião* [argumentatividade] e *tá fazendo uma análise de um problema* [analiticidade], de uma conjuntura, de uma maneira opinativa.

S3{B1[P2-5]} - 1/2) É um **texto jornalístico** novamente. *Tá dando informações* [propósito de informar] à cerca de um certo evento. Informações bem organizadas.

S3{B1[P2-6]} - 1) Esse aqui parece um fragmento de um **livro de lingüística**. 2) Por que é *técnico* [tecnicidade]. Ele é técnico. Ele tá, mais uma vez... É um *texto de iniciado para iniciados* [conhecimento especializado/audiência específica]. Ou seja, o público para esse texto aqui sabe o que é uma estrutura genérica, ou deveria saber, se não sabe, sabe qual é a estrutura identificada por Bhatia. Entendeu? *Tem termos que são...*, *que, pra esse gênero, são termos que são compreensíveis* [léxico específico]. É isso. É um texto de iniciado para iniciados. Tem elementos aqui que não são entendidos por..., que não fazem parte do vocabulário comum e que, enfim, que estão aqui. Ou seja, quem lê, compreende. Né? O público a quem ele é dirigido deve compreender.

S3{B1[P2-7]} - 1/2) Isso é uma **carta formal**. Não precisa ser comercial, mas é... Por causa do “subscrevemo-nos atenciosamente”. Em cartas formais, você sempre usa a *primeira pessoa do plural* [1ª pessoa do discurso]. E, *por causa do formalismo* [formalidade]. Né? (xxx) Pra seu amigo de São Paulo, você não escreve “sem mais subscrevemo-nos, sem mais”. É “um beijo”, “tchau”. É uma carta, mas é uma relação formal.

S3{B1[P2-8]} - 1/2) Esse aqui é aquele mesmo massacre anterior. Né? Eu continuo achando que isso aqui é um **texto jornalístico**. Agora mais, porque *agora tem mais números precisos* [dados pontuais]. Né? Tá indicando quem disse, *que são as fontes médicas e policiais* [TES], que apontam até 69 estrangeiros. Quer dizer, está procurando dar uma noção de quantas pessoas morreram, aliás, quantos estrangeiros morreram, e tá indicando quem disse (né?): fontes médicas e policiais.

S3{B1[P2-9]} - 1) Isso aqui é, mais uma vez, uma **narrativa oral**. 2) Por que tem o “aí”. Como a gente usa “aí”? Né? Agora que eu estou pensando. Como a gente usa “aí”? E, *pela forma, até um pouco desordenada* [oralidade]. Escrevendo fica de uma maneira desordenada, mas se eu falar: “Aí eu recolhi os negócios, eu e o meu primo. Daí a gente foi embora”, oralmente é perfeitamente entendível, mas escrevendo fica meio bagunçado mesmo. Então, por isso, eu acho que é, mais uma vez, um texto oral. Não sei se existe isso: texto oral. Acho que eu estou inventando.

S3{B1[P2-10]} - 1/2) Bom, mais uma vez aqui poderia ser um **artigo publicado numa revista científica, ou num jornal universitário, ou num jornal qualquer**. Só que, agora, me ocorre também que poderia ser, talvez, uma **palestra, uma conferência** (né?), não sei, talvez, de um especialista qualquer na área de pesquisa, ou de uma autoridade na área de pesquisa, talvez do CNPq, talvez da CAPES, talvez da Federal sobre esse assunto (né?), sobre o assunto das bolsas de pesquisa. Por que conferências costumam ter, assim, uma *linguagem muito formal* [formalidade] (né?) e *a pessoa que está falando tem autoridade* [conhecimento especializado]. Por exemplo, ele tá descrevendo uma certa situação. Ele está descrevendo que *o CNPq reformulou os seus*

critérios pra conter vícios corporativos no dinheiro público [TCI]. Né? A pessoa tá enumerando uma série de fatos e, no caso de uma conferência, podia estar apresentando num seminário sobre o assunto, numa mesa redonda, por exemplo. Acho que caberia também, assim como ser um texto publicado.

S3{B1[P2-11]} - 1) Ah, agora identifiquei. Isso aqui parece ser do massacre dos turistas lá no Egito. Novamente parece uma **matéria...**, um **texto jornalístico**. 2) Por que ele tá descrevendo... Aliás, ele continua (né?) - porque já tem um quebra cabeça aqui - descrevendo *um acontecimento* [TES].

S3{B1[P2-12]} - 1) Mais uma vez uma **carta comercial**. Agora é do dono de uma loja de calçados, reclamando da entrega de uma determinada fábrica. 2) Por que o texto é formal - "cumpre-nos informar entretanto..." - e tá na *terceira pessoa* [1ª pessoa do discurso], o que é comum na linguagem comercial formal. E, por isso. Muito elegantemente o cara tá ameaçando não querer mais os *calçados daquela fábrica* [TCI]. Ela é *muito polida* [formalidade]. Mas, em suma é isso.

S3{B1[P2-13]} - 1) Isso aqui, mais do que uma **matéria jornalística**, isso aqui é um *lead*. 2) Por que tá dando a informação completa de uma maneira resumida, assim numa tacada só: "57 morreram, a tiros disparados por terroristas, em frente a um templo farônico em luxor, região sul do Egito". Ele está dizendo o que aconteceu, quando aconteceu, onde aconteceu, e o que que aconteceu basicamente. E tá dando a informação, o que é interessante, que os 6 terroristas morreram também. Tudo está dentro daquelas perguntinhas básicas.

S3{B1[P2-14]} - 1) Isso aqui mais uma vez é um **artigo** ou uma **conferência**. Está dentro das mesmas características daquela anterior. 2) Por causa da *autoridade da pessoa que tá falando* [conhecimento especializado]. Quer dizer, quem tá falando conhece o assunto e não tá, assim, citando fontes como a gente faz no jornal: segundo o presidente da CAPES, a instituição vai babababá. Não. Ele tá dizendo: a CAPES vai... Acho que é isso. Pra não ficar me repetindo.

S3{B1[P2-15]} - 1) Mais uma vez aquele adolescente tomando Coca-Cola e, mais uma vez, um **texto oral**. 2) *Por causa do "aí", pelos elementos bem coloquiais* [oralidade].

S3{B1[P2-16]} - 1) Este aqui é mais um trecho daquela **matéria** sobre o ataque no Egito, o massacre dos turistas. 2) Por que tá dando uma *informação precisa* [dados pontuais], que é o fato de os extremistas quererem derrubar o governo. Quer dizer, está justificando o porquê do massacre, contextualizando no momento político (né?) lá daquele país e tá dando uma *informação precisa*, que é: desde 92, 1110 pessoas morreram. Isso é característico de um texto jornalístico honesto. (xxx)

S3{B1[P2-17]} - 1 e 2) São os nossos dois amiguinhos adolescentes de novo. *Tá contando* [narratividade] que passou um vexame no Bob's porque tomou uma Coca-Cola e a mulher ficou olhando e ele começou a rir. **Oral** de novo.

S3

B2 - P1

S3{B2[P1-1]} -1/2) Bom, primeiro e segundo parágrafos me parecem ser um texto jornalístico num jornal diário ou até numa revista, num desses meios. Né? Só que o segundo e o terceiro parágrafos são opinativos. Né? Ele começa com: “parece que o fundamentalismo islâmico continua sua expansão vertiginosa...” É um texto mais opinativo mesmo, mais autoral. Né? Até como ele coloca: “nos leva a questionarmos os procedimentos”... Abre outro parágrafo: “não se trata de varrer os xiitas da face da Terra, mas bem que as autoridades poderiam estar mais atentas”... Então eu não sei se isso aqui é uma colagem de um artigo e uma notícia sobre o mesmo assunto ou é um artigo que começa com cara de notícia. Acho que seria isso. Né? Não sei se tu fez alguma colagem, mas é isso. É uma colagem ou é um **artigo**. Se não é colagem, é um artigo. Ou, no mínimo, é uma matéria assinada talvez por um jornalista que tenha já cacife suficiente pra assinar uma matéria grande assim.

S3{B2[P1-2]} -1/2) Aqui é o mesmo caso. Começa com cara de notícia de jornal diário ou revista e, de repente, descamba pro lado opinativo. Então é a mesma coisa do caso anterior. Ou é uma notícia colada com artigo, ou é um artigo. Pelos mesmos motivos. Né? Só pra complementar. Ele começou bem sequinho, dando... Tem o *lead* aqui, o que que aconteceu, quando aconteceu (né?), o *sub-lead*, ele contextualiza melhor. No terceiro parágrafo ele começa: “É verdade, por outro lado que...” O texto assume um ar mais autoral e... Onde é que está aqui uma coisa que só falando mesmo...? Ah! “Como sói ocorrer”... É uma coisa incrível isso, ou é estilo mesmo de alguém que escreve dessa maneira... É muito acadêmico isso. Então, por isso, aqui tá bem caracterizado como **artigo**. “E seria uma equívoco, no entanto,”... Então ele tá opinando, nestes dois parágrafos aqui, a respeito dos acontecimentos descritos nos dois primeiros.

S3

B2 - P2

S3{B2[P2-1]} - 1/2) Esse aqui, ele parece vários fragmentos de um texto de notícia, mas estão desordenados. Né? Ele começa falando de..., num ataque que eu já sei qual é, por que eu já estou lendo todos os textos anteriores, mas alguém que pega isso aqui, começa “o ataque com saldo de 67 mortos...”... Ele **não tem lead**. Ele começa já falando sobre um determinado evento como se o leitor já soubesse que evento é esse. No meu caso, eu sei. Mas... Não era pra saber. Né? Ele tá..., além de cada parágrafo ser um período separado, ele não está descrevendo. Digamos assim, ele não tem uma, ordem nem cronológica, nem... São vários fragmentos de informações desordenadas sobre o mesmo assunto. Então, o que falta aqui: falta ordem, falta cronologia, falta *lead*, falta contextualização. Né? Tá tudo bem jogado.

S3{B2[P2-2]} - 1/2) Bom, aqui **está sem o lead de novo**. Isso parece ser um pé de matéria que a gente chama (né?), que ele tá dando um detalhe sobre aquele evento que estava escrevendo, que os caras estavam vestidos de preto e taltaltal, a maneira que eles saíram atirando, contextualiza neste outro parágrafo, no segundo, explicando o possível porquê do tal ataque lá e, por si, uma informação que é até complementar, que é a

atitude do presidente do Egito e a repercussão da comunidade internacional sobre esse acidente. Mas ele também não tem *lead* e eu diria que, talvez dentro daquele evento, seria informação secundária. **É um pé de matéria.** O pé de matéria é a primeira coisa que o editor corta quando o texto tá, digamos, maior que o espaço disponível. Sessão curiosidade do cotidiano jornalístico.

S3{B2[P2-3]} - 1/2) Esse aqui parece ser um fragmento também. Não imagino que a matéria tenha sido só desse tamanho, mas já tá **mais completinho. Ele tem começo, meio e fim, digamos.** Né? Abre com o *lead*, dizendo o que foi que aconteceu, onde que aconteceu. Dá informações precisas como quantos morreram, etc. Explica por que. Dá uma provável explicação pro ataque. E termina com aquele parágrafo que eu disse, ali no trecho anterior, que poderia ser cortado. Mas apesar de ser um texto pequenininho, ele tá redondo. Ele, muito rapidamente, de uma maneira bem concisa, ele... Não sei como é que vou te explicar. **Ele não dá a notícia inteira, mas você não sente falta de informações maiores.** A não ser, claro, que se o cara fosse escrever um tratado sobre o assunto. Né? Mas, assim, é um texto fechado. Ele tem começo, meio e fim. Dá conta de tudo..., das necessidades básicas, digamos, de um texto jornalístico, apesar de minúsculo.

S3

B3 - P1

S3{B3[P1-1]} - 1) Bom, é um **texto de jornal.** É uma **notícia.** 2) Por que está falando sobre um acontecimento recente, tá relatando esse acontecimento e, entre o texto e a publicação, no caso, tem um espaço de tempo bem recente. Tem algum lugar aqui que diz que foi ontem o negócio: “até a noite de ontem, nenhum grupo havia assumido..” Quer dizer, é um acontecimento bem recente. E foi publicado num jornal. Até porque a agência Reuters é uma agência já que fornece (né?) textos pra jornais diários mesmo. Então é um texto de jornal. Por exemplo o quê, quando, onde e por quê, e dá detalhes, a preocupação em dizer, por exemplo, “o saldo oficial de mortos foi 67”, e sempre citar as fontes: “segundo as autoridades 24 pessoas ficaram feridas”, “segundo Ahmed Iussef o panfleto dizia”. Tá relatando um acontecimento, mas tá sempre citando as fontes. Uma coisa típica de notícia de jornal de ter essa preocupação.

S3{B3[P1-2]} - 1/2) É um **artigo.** É, mais uma vez, um artigo e suponho eu que, onde ele foi publicado, ele deve ter sido assinado, porque, além de ter várias informações, ele tá abordando um tema. Ele não tá falando sobre uma..., no caso, o que diferenciaria de um texto de notícia (né?) de jornal é que ele não tá narrando um acontecimento isolado. Ele pegou um tema e tá dissertando sobre esse tema de uma maneira... Tem informações, entre aspas, imparciais aqui que são coisas, por exemplo... São fatos. Né? “O orçamento da CAPES de 98 é 10% menor do que o de 97”. Isso é um fato. Isso é incontestável. Eu suponho que o articulista deve ter autoridade, deve ter fontes que indiquem que, tipo assim, possam dar pra ele essa informação. Quer dizer, uma informação precisa. Mas, de resto, ele é um texto opinativo. Né? Ele tá descrevendo uma situação. Tá dissertando sobre um tema, que é esse problema das bolsas de pesquisa das universidades. Então, o artigo deve ser assinado. Podia estar num jornal, podia estar numa publicação científica, podia estar em *n* publicações. Ah, isso é uma coisa importante. Ele é dirigido a quem conhece o tema. Não é um texto pra leigos. Ele

não está colocando o problema assim: o governo resolveu cortar bolsas. Pronto. Ele não está explicando tudo. Quem lê isso aqui tem o conhecimento de que o governo resolveu cortar as bolsas de todas as universidades. Então ele é um texto pra iniciado.

S3{B3[P1-3]} - 1/2) Bom, esse texto aqui parece ser a **introdução de um artigo científico**.

Se foi publicado, foi publicado numa revista científica para um público bem específico, que é o público de... Não consegui identificar bem qual é a área aqui, mas deve ser no CCE, Linguística no CCE. Alguma coisa relacionada à linguagem, alguma ciência relacionada ao estudo da linguagem. É um artigo que está apresentando uma pesquisa que foi feita nessa área. Apresentando daquela maneira científica. Né? De se pegar a introdução e resumir o trabalho todo num parágrafo e depois começar (né?), pegando todos os passos aqui, contextualizando a pesquisa.

S3{B3[P1-4]} - 1/2) Esse aqui é uma **carta comercial**, onde o representante da loja, no

caso, tá, de certa forma, passando um pito no representante que vende calçados pra ele. Né? Tem essa linguagem formal. O fato de estar na terceira pessoa do plural é um indicativo da linguagem formal. Né? Quer dizer, em vez de eu quero informar, é nós, nós a loja, nós a empresa, essa coisa. E ele tá tocando num problema que, suponho eu, seja delicado, porque o representante não aparece mais lá na região. Então, ele tá tocando nesse problema de uma maneira formal. “Subscrevemo-nos atenciosamente”, mas, na real, eu acho que ele tá achando que o cara, o representante lá é um filho da puta. Porra, não aparece mais aqui. Então é uma carta comercial, assim, e tem esse tom formal. **(Porque carta comercial?)** Por que ele tá falando dos calçados... Né? Qual é o problema aqui? Qual é a situação, aliás? Sei que dá a entender que tem uma loja que recebe calçados, mas o representante não tá mais aparecendo na loja. Então, ele tá pedindo uma explicação. Por isso é uma carta comercial. Acho que tá na cara.

S3{B3[P1-5]} - 1/2) É um texto que dificilmente a gente veria ele escrito. Só, talvez,

fazendo uma pesquisa mesmo. É **texto oral**. Ele parece uma conversa de (sei lá!), talvez, dois adolescentes descrevendo uma situação engraçada. Por que que é um texto oral? Por que tem essas quebras (né?), essas coisas que, só falando, a gente consegue fazer. E, aliás, eu admiro as pessoas que conseguem falar texto final. São as poucas pessoas que falam, assim, bonito, que falam sujeito, verbo e predicado e você pode transcrever isso depois. A gente que trabalha com entrevista direto é assim. Uma vez eu peguei um entrevistado que tinha texto final. Eu tava comovida, transcrevendo assim: ai que lindo ele tem texto final, não dá trabalho nenhum. Então isso aqui tem essas quebras. Né? “Que eu tava”. Ninguém começa frase escrita, dizendo: “Que eu tava”. A não ser, talvez, em situações muito específicas, em crônicas. Mas aí é em outra... Tipo assim, quando o estilo literário pede isso, tudo bem. Mas, num texto, digamos, normal... Não é o melhor termo, mas tu deve conhecer melhor que eu o termo. Esse aqui, essas quebrinhas não são típicas de um texto escrito convencional, digamos. Né? Então, isso aqui: “aí o maior vexame”, “aí todo mundo olhou pra minha cara”. Essa repetição de “aí”, essa repetição de “que eu tava, que eu tava”. Então, é por isso.

S3

B3 - P2(Q1)

S3{B3[P2(Q1-1)]} - A) São. São diferentes. B) O que diferencia é a forma. Por que, por exemplo, se eu pegasse a situação aqui do Bob's, que é uma situação bem simples, e resolvesse fazer um texto de notícia, eu poderia começar assim: uma mulher agrediu um adolescente no Bob's ontem à tarde, ponto. Aí, testemunhas dizem que o garoto estava conversando alto e arrotou na frente da mulher, ponto. Entendeu? Teria outra maneira de você.. No caso, o texto que eu estou mais habituada. Se eu fosse fazer um texto jornalístico com esta situação, seria um texto completamente diferente. Né? Mesma coisa... Tipo assim, as linguagens são diferentes. Ou, as formas de organizar as informações são diferentes (né?), as formas de organizar a narrativa. Eu acho que é isso. Por exemplo, como eu estou mais acostumada com esse tipo de texto (**texto 1**), pra mim, esse aqui parece o texto mais normal do mundo. Mas, tipo, eu poderia abordar esse assunto de uma maneira coloquial que eu ia dizer: Puta! Mataram sessenta e poucos no Egito. Entendeu? É isso aí: a forma e então eles ficam diferentes. A gente poderia falar sobre cinco assuntos das cinco maneiras. Né? Só que, aqui, cada um tá colocado de uma maneira diferente e pra um objetivo. Né? Esse aqui: o objetivo são as conversinhas, a conversinha de adolescentes. Suponho que sejam adolescentes. Né? Já estou aqui preconceituosa. Esse aqui é um texto de jornal, pra leitores de jornais, pra quem lê páginas internacionais. Esse aqui é um texto pra..., é um texto comercial, representantes comerciais, etc. Esse aqui é um texto pra estudiosos de Linguística, ou de gramática, ou de quer que seja. E esse aqui é um texto pra professores de universidade preocupados com problemas das bolsas de pesquisa.

S3{B3[P2(Q1-2)]} (1) Bom, o *lead* é importantíssimo, que é esse primeiro parágrafo, primeiro e segundo, pode-se dizer, que resume... Quer dizer, não é que ele resume. Ele dá as informações mais importantes. Né? Por exemplo, se você terminasse no segundo ou terceiro parágrafo, talvez já estivesse bom. Né? Por que tá dizendo o que que aconteceu, onde que aconteceu, quando aconteceu, onde que aconteceu e por que. Claro que o porquê, ele tá meio que diluído no resto do texto, porque não se pode dizer: mataram 67 porque isso, isso e aquilo. Né? Tem várias versões. Mas o *lead* é o..., digamos que é o elemento essencial. Deixa eu ver, o que mais que é essencial aqui. Ele não tem uma ordem cronológica. Ele começa com a última coisa que aconteceu... Não com a última coisa, mas com a principal que é: mataram os caras. Aí, depois, ele vem pra seqüência dos eventos (né?), até pra usar um termo dele. Aí, dizendo o que aconteceu: os atiradores (xxx) mataram turistas, tentaram reagir e tal. Né? Quer dizer ele não segue uma ordem cronológica dos acontecimentos. Primeiro dá o ponto chave, ou a notícia em si, e depois ele organiza as informações em ordem de importância. Não sei mais o que poderia ser elemento. Não sei se o fato de ser terceira pessoa... Bom, acho que seria isso.

(2) Bom, como é um texto opinativo, ele começa... Bom, apaga isso. Pra mim, esse é um texto que tem começo, meio e fim. Em compensação, talvez funcione melhor se a gente comparar com a notícia. Comparando com a notícia, esse aqui não tem o *lead*, não tem um... Assim, aconteceu tal coisa e depois desdobra (né?), depois detalha. Ele tem... De fato, ele tem uma idéia principal, no primeiro parágrafo, que é: "uma das

áreas afetadas pelo pacote fiscal é a pós-graduação”. Né? Essa é a idéia central. Isso que ele quer dizer. Aí, depois, ele contextualiza e analisa melhor esse problema.

(3) Bom, como os outros dois, ele também tem o que a gente chama, pelo menos, tópico frasal. Ele, na primeira frase, ele dá: é tal coisa. Depois ele explica. Quer dizer, de cara, ele diz: esse artigo vai apresentar os resultados de uma análise piloto papapá. E, aí, a partir da segunda frase, ele começa a explicar (né?): como foi feita a pesquisa, etc., etc.

(4) Bom, esse aqui é o contrário. Ele começa com a história do teu gato subiu no telhado. Né? Seus calçados são aceitos, papapá, preços praticáveis, mas o ponto que ele tá querendo tocar aqui é que, há três meses, o representante não visita a loja. Então, diferentemente dos outros, o principal aqui está no meio do texto. É isso que me salta aos olhos, assim. De resto, acho que isso.

(5) “Eu já passei um vexame lá” é também uma certa..., tipo assim: te prepara que vem uma história boa. Né? É uma introdução à história, a essa seqüência que ele tá narrando e... É isso. Ele é mais semelhante aos outros três (né?), com exceção da carta comercial. Ele introduz o... Apesar de não detalhar aqui. Né? Ele só passou um vexame. Ele não fala: eu dei um arrotão lá dentro do Bob’s. Mas ele introduz o que ele vai narrar. Aí ele começa a contar depois. É isso.

S3{B3[P2(Q1-3)]} - Cartas pessoais, texto jornalístico, texto de artigo, mas dá pra diferenciar também o artigo que se publica em revista ou em jornais diários do artigo científico, que tem um outro objetivo. Texto jurídico, que é insuportável, que eu particularmente acho que foi feito pra ninguém entender. Tem o texto didático, o texto de livros de escola etc., etc. Tem o texto técnico. Pode ser bula de remédio, de manual de equipamentos eletrônicos. Científico, de teses e dissertações, resultados de pesquisas etc. Bom, tem o texto das cartas comerciais, que é formal.

S3{B3[P2(Q1-4)]} - É texto de notícia, que é texto mais rápido, digamos assim, mais imediatos. Reportagem que é como se fosse uma notícia ampliada. Né? Em vez de pegar um acontecimento, pega um tema. Às vezes, quando há já um acontecimento, faz uma coisa mais abrangente. O artigo se costuma fazer com colaboradores do jornal, com pessoas que não são jornalistas, mas que dissertam sobre determinado tema, que opinam. Né? Acho que são basicamente esses três. E cada um tem o seu lugar. Por exemplo, as revistas têm mais reportagem e menos notícias, os jornais têm mais notícias e menos reportagens.

S3{B3[P2(Q1-5)]} - O artigo, talvez. Acho que o artigo. Não sei que outro poderia. Que não sejam exatamente jornalísticos, mas que possam ser enquadrados como jornalísticos, são os artigos mesmo. Independentes de serem científicos ou políticos. Acho que é o que cabe. Devidamente assinado. Né?

S3

B3 - P2 (Q2)

S3{B3[P2(Q2-1)]} - Passos? Bom, primeiro você tem que ter um assunto, basicamente. Um assunto relevante, um assunto novo, uma novidade. Depois (xxx) as entrevistas. Às vezes você fala com uma fonte só e tem uma ótima matéria. Às vezes você fala com três e não sai grande coisa. Mas, na hora de escrever, eu, pelo menos, sempre procuro pegar o mais inusitado, ou o que é mais novidade dentro daquela história e puxar, abrir. Por exemplo, ontem teve uma reunião na OAB, sobre o problema fundiário lá no Parque Municipal da Lagoa do Peri. Né? Um problema que se arrasta a vinte anos, taltaltal e os moradores que estão dentro do parque pediram a ajuda da OAB. Eu acho que abrir a matéria... Eu não fiz a matéria. Eu só editei a matéria. Abrir a matéria assim, dizendo: representantes dos moradores da Lagoa do Peri se reuniram ontem com a Comissão dos Direitos Humanos da OAB para discutir o problema fundiário na região, ponto. É o que aconteceu. Só que não é... Eu acho que isso não chama muito. Eu acho que, se eu tivesse feito a matéria, eu buscaria, assim, um resultado. O que aconteceu? O que vocês vão fazer agora? Aí a OAB, de repente, poderia dizer: ah, nós vamos processar a prefeitura por causa do problema. Aí abre: a Ordem dos Advogados do Brasil vai processar a prefeitura por causa do babababá, ponto. A decisão foi tomada ontem, durante reunião... Entendeu? Puxar primeiro a novidade, o mais bombástico, digamos. Isso não é questão de ser sensacionalista. É questão de priorizar mesmo o mais importante, o efeito. E, daí, partindo disso, contextualizar o resto da história: onde que o negócio aconteceu, porque que aconteceu e até contextualizar. Nesse caso específico, em algum ponto do texto teria que ter um histórico do problema, mesmo que seja só dizer que o parque foi criado em 81, que mora muita gente lá dentro, que, depois disso, muita gente resolveu morar lá... Assim.

S3{B3[P2(Q2-2)]} - Bom, primeiro tem que ter *lead*. Né? Você já deve saber o que que é *lead*. O texto noticioso sem *lead* não existe. Mas, além do *lead*, além desse arroz com feijão, que é o quê, por quê, babababá, que a gente aprende na faculdade, tem que ter organização. Eu, que trabalho com edição, pego muito texto de colega que pega, estruturalmente tem um *lead* (né?), tá ali, só que não tem organização, porque... Claro que o que, quando, como, babababá, são elementos importantes, mas, às vezes, o quê é mais importante do que o onde, às vezes, o onde é mais importante. Então, acho que o repórter tem que ter organização mental. Ele tem que ter organização, na hora de escrever, pra dizer o que que tá mais importante. E, além da organização, tem que ter concisão. Você não precisa dizer a fim de que. Diga para. Não precisa dizer... Enfim, tem coisas que, às vezes, se escreve quatro ou cinco palavras que uma resolve. Né? Isso é concisão. E precisão também. Éh, cerca de 83. Isso sai direto na imprensa. Isso não é precisão. Você tem que dar uma noção exata. Então, certa de 80 ou 83. Agora, cerca de 83! Aí já é uma coisa, assim, meio estranha. Então é isso: organização, precisão, concisão. Às vezes, até sensibilidade. Tem coisas, assim,... Por exemplo, uma vez eu fiz uma matéria com os catadores de papel. Não dá pra dizer assim: 20 pessoas vivem catando papel em Florianópolis. Não pode dizer isso assim secamente. Tem que ter um... Tem como jogar um molhinho em algumas situações assim.

S3{B3[P2(Q2-3)]} - Não sei se... Eu não ligo o computador assim: hoje eu vou empregar tal elemento. Você entendeu? Não é assim. Sei lá, eu acho que eu tento empregar tudo

isso. Até por que, se eu falo, eu tenho uma certa auto crítica também. Às vezes, eu escrevo a fim de que, eu digo: porra que saco! Mas uma coisa que eu sempre quero, quando escrevo, é fazer um texto assim... Por mais que seja convencional, que seja um texto de notícia, tu vai ver ali tem um texto sobre o enterro d'um cara. Porra, que assunto! Né? Morreu um cara, tu tem que fazer uma matéria sobre isso. Mas, sempre tem que ter, assim, um molhinho. Né? É. Um molhinho, uma coisa assim, que não deixe o texto seco, não deixe o texto muito Folha de São Paulo, assim, que é um texto que eu acho muito seco, muito sem atrativos (né?), sem... Tem que ter um pouquinho de literatura. Né? Literatura num sentido, assim, de bonito. É por aí. Eu tento.

S3{B3[P2(Q2-4)]} - Sim, mas, via de regra, sai a fórceps. A não ser que seja uma coisa maior. Por exemplo, no meu trabalho de conclusão de curso, isso já vai fazer 4 anos que eu escrevi, foi sobre cursinhos de pré-vestibular. E, como é um texto que tu tem, assim, que puxar um gancho, como tu não tá escrevendo sobre uma coisa que aconteceu ontem, por exemplo, tu tem que arranjar uma maneira legal de introduzir o assunto. Isso, como eu tenho trabalhado mais com reportagem ultimamente, tu tá sempre tendo que procurar um gancho, tu tá sempre tendo que procurar uma maneira de introduzir o assunto. Como eu estou tratando de um tema e não de um acontecimento especificamente, eu tenho que dar um jeito de começar de uma maneira redonda, porque, se tu começa mal, ninguém lê. **(Tipo de texto?)** Éh, com relação ao texto de notícia de... No trabalho diário tu não tem muito tempo de ficar: ah, agora vou pensar no começo do meu texto. Não, tu chega lá e tem que sair. Né? Mas, claro que, quando é um texto que preocupa, por exemplo, eu digo: puxa, que gancho que eu vou dar pra essa coisa? Aí, claro, tem reflexão aí. Na maioria das vezes, tu encontra uma boa saída. Né? Eu tava falando do meu trabalho final. Meu trabalho final eu fiz sobre cursinho pré-vestibular e eu não tinha gancho. Era um trabalho final de curso. Né? Era uma reportagem. Aí um dia eu acordei de manhã: bah, é assim que eu vou começar. Eu peguei uma fórmula (né?), uma das fórmulas que eles batem, batem, batem nos cursinhos, que é “quem vê, ri”, e fiz uma brincadeira. Né? Eu tava questionando a didática do cursinho pré-vestibular, comparando com a educação de nível. Né? Então, nesse caso, houve reflexão. Eu tive que... Eu fiquei preocupada com aquilo, dormi preocupada com aquilo. Aí um dia eu acordei com uma idéia luminosa na cabeça, e fiz, e deu certo, e os professores gostaram e aí eu passei. Deu certo. Mas, em reportagem, isso muitas vezes acontece. Enquanto eu estou trabalhando, até encontrar um ponto, assim, com isso eu vou abrir, também é uma preocupação. Tu tá sempre buscando abertura. Agora, num texto de notícia, é difícil acontecer. A não ser que te dêem uma matéria muito babaca, assim, a ponto de não ter gancho. Por que, se não, quando é um texto de notícia, por exemplo, o calor da biblioteca pública, eu venho aqui e falo sobre o calor da biblioteca pública e da manifestação que teve por causa do calor da biblioteca. Não é? Então isso varia de acordo com o tipo de texto, esses momentos de angústia de reflexão e de parto.

S3{B3[P2(Q2-5)]} - Sim, várias: contextualização, *lead*. Eu estou uma chata aqui falando de *lead*! Né? Parece os meus professores de redação. Mas é o quê... Tem coisas básicas que, se não tem no texto, o leitor fica: poh, e aí? Às vezes, até detalhes, assim... Por exemplo, outro dia eu tava editando o texto de um colega, uma matéria de polícia. Aí ele colocou que teve um acidente, que morreu fulano, 20 anos, e o pedreiro beltrano. Ai eu fiquei pensando: porra, mas ele colocou a idade de um e colocou a profissão de outro. Eu fiquei querendo saber qual era a idade do primeiro e qual era a profissão do

segundo. Entendeu? Tem certas coisinhas, certos detalhes, assim, que tem que ter no texto noticioso. Mas, já que eu falei em idade, por exemplo, em alguns casos, a idade é relevante. O cara que morreu tinha 20 anos. Isso é relevante. Mesmo que tivesse 40 seria relevante. Agora, quando você faz uma enquete, por exemplo, nem sempre a idade é relevante. Então o essencial são esses... Não são detalhes exatamente, mas são coisas básicas, são elementos básicos que podem fornecer uma idéia mais precisa sobre o que aconteceu. Por exemplo, no caso do massacre do Egito, o número de pessoas mortas é relevante. É diferente morrer 67 pessoas, e morrer duas. É importante saber que, das 67, 6 eram policiais e o resto eram turistas. Né? Então, são essas coisas assim... Tem certos textos em que os detalhes são importantes. É saber quais os detalhes que são importantes. Dependendo da situação, dependendo do assunto, e até do público pra quem você está escrevendo, alguns detalhes são importantes ou não.

SUJEITO 4

S4

B1 - P1

S4{B1[P1-1]} - 1/2) Parece de um **texto literário**, um **conto**, uma **crônica**. Não sei. Acho que não é uma frase usual do jornalismo, do texto jornalístico. Porque *é coloquial* [oralidade] é um jeito de falar mais assim..., e é uma descrição que praticamente não se usa no jornalismo (né?): “aí ela começou a rir” e tal. Normalmente você coloca que fulano de tal riu, mas não dessa forma, como nessa construção.

S4{B1[P1-2]} - 1/2) Isso aqui me parece um **texto técnico** de um **parecer** de alguma... Aqui na Assembléia¹, por exemplo, que eu lido muito com esses tipo de textos, os pareceres são com essa formulação: com a *palavra* “*visa apresentar os resultados*” [léxico específico]. Normalmente é usada pra..., é quase um parâmetro normal, assim, de... Também não é uma construção jornalística, mais fácil pro leitor, assim. *É mais técnico* [tecnicidade].

S4{B1[P1-3]} - 1/2) Isso aqui parece um, um... (sei lá!), alguém que tá falando que..., um **texto de uma resposta** (né?) de alguém que... Que também pode ser uma **fala de uma fonte numa matéria**, mas que parece mais uma **carta resposta** ou alguma coisa assim. É alguém dizendo, com algum argumento anterior, dizendo que aquele argumento, aquele fato, pode tomar alguma atitude. Né? Por isso parece uma carta resposta.

S4{B1[P1-4]} - 1/2) Isso aqui também me parece, como o primeiro, parece de um texto solto, assim, de **crônica**, um **conto**, uma descrição de um fato sem muita..., assim, *mais solto* [- formalidade], *mais coloquial* [oralidade].

S4{B1[P1-5]} - 1/2) Isso aqui (não sei) me parece frase de um **artigo**, de um artigo da Folha, por exemplo, assim. O cara *tá analisando um contexto* [analiticidade], analisando as conseqüências do provão e as atitudes do governo logo depois. Também isso acontece... Isso aqui, pra mim, é artigo de opinião. Você tá... Mas isso acontece também em matéria jornalística também. Às vezes *o próprio repórter dá uma opinada* [argumentatividade] assim no meio da matéria. Mas tá mais pra **artigo de opinião**.

S4{B1[P1-6]} - 1/2) Isso aqui é um **texto científico** (sei lá! né?) de explicação científica, de **livro teórico de estudos**. Pela maneira de (não sei!) os termos, a estrutura mais teórica, assim, *sem ser coloquial* [- oralidade].

S4{B1[P1-7]} - 1/2) Isso aqui cabe num **texto jornalístico**. De repente, tu vai cobrir a *queda de um avião, fala a maioria das vítimas* [TCI] (xxx). Mas também cabe pr'um outro tipo de texto, um texto opinativo também. Mas serve pra uma matéria.

¹ Referência à Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina.

S4{B1[P1-8]} - 1/2) Não sei. Esse aqui também pode ser um **artigo de opinião**, pode ser um **texto apresentando um (xxx) numa feira de ciências**, um **livro com uma nova descoberta científica**. Pode ser também um texto de apresentação pra alguma descoberta da ciência ou um artigo opinativo. E também pode ser **nariz de cera de alguma matéria jornalística** que pretende ser imparcial, mas que, às vezes, começa com uma frase assim genérica (né?): “hoje a ciência...” Porque, às vezes, o próprio jornalista *lança mão de coisas, de clichês que já estão soltos no ar* [conteúdo clichê], e começa a matéria com esse nariz de cera porque fica bonitinho, sem pensar, assim, se aquilo lá é verdade mesmo ou é só uma fala comum já perdida.

S4{B1[P1-9]} - 1/2) Sei lá! Isso aqui também parece uma **carta**, uma carta reclamando, um **informe**. Sei lá! Veio à cabeça uma associação de bairro, assim, mandando uma carta ao IPUF. Entendeu? Parece... Também a estrutura que *é alguém reclamando de uma coisa* [TCI] que... Não sei! Sugere que, anteriormente, tem outro argumento, dizendo que há algum problema que alguém que devia estar resolvendo isso **não foi**, não apareceu. Por isso.

S4{B1[P1-10]} - 1/2) Isso aqui também é **jornalístico**. Né? De repente, você conversa com um monte de *fontes* [TES], mas não tem a fonte segura pra dizer: não foi isso mesmo que aconteceu, são tantos mortos. Então a saída dizer: oh, ninguém sabe ao certo, há relatos contraditórios. Acho que isso é **texto jornalístico**.

S4{B1[P1-11]} - 1/2) Este tipo de afirmação pode ser, por exemplo, também pode ser de um texto mais..., um **conto**, uma **crônica**, ou também pode ser, entre aspas, de uma **fonte (né?)**, **falando que...**, falando isso. Não sei. Acho que cabe nos dois casos.

S4{B1[P1-12]} - 1/2) Ah, isso aqui pode ser também **matéria jornalística** (sei lá!), *um assalto, uma fuga* [TCI]. Matéria jornalística, mas (sei lá!) pode ser um livro **literário** também. É a *história de uma fuga* [narratividade], por isso que se confunde muito a construção literária e a construção jornalística, o texto jornalístico. Pode ser um dos dois.

S4{B1[P1-13]} - 1/2) Isto é **jornalístico**. Eu acho assim... Tá, eu imagino uma **matéria**. Isso aqui pra mim é **tópico frasal**. Eu gosto de começar a **matéria**... Você faz o **lead**: tá, a educação está com problemas e parari e parará. Você vai começar a falar da pós-graduação, aí usa isso como **tópico frasal** pra não começar: a pós-graduação tem sofrido... Você começa com um **tópico** pra chamar o leitor pr'o assunto: a pós-graduação. Daí começa a falar. Eu gosto... O professor de redação que eu mais gostei, assim, ensinou a usar o **tópico** para **puxar o leitor**, às vezes, para os **parágrafos**, pra não começar o **parágrafo** já enchendo de dados os leitor.

S4{B1[P1-14]} - 1/2) Sei lá! Isso aqui pode ser um **relatório**, um relatório de um (xxx) (né?), como também pode ser um repórter entrevistando alguém da **vigilância sanitária** e colocando essa informação. Só que daí eu acho que seria..., claro que seriam mudadas as palavras. Tipo, isso aqui seria explicado mais acessível ao leitor. Tá mais pra **relatório mesmo de alguma pesquisa**. *Por causa das palavras, mais típicas de um órgão como a vigilância sanitária* [léxico específico], palavras tipo científicas de determinadas áreas que o jornalista tende a simplificar ou, como queira, assim, pegar um sinônimo que seja mais fácil para o leitor.

S4{B1[P1-15]} - 1/2) A isso aqui é um texto de assembléia legislativa. Isso aqui é vossa senhoria? É um **texto de protocolo de algum órgão**. *Pelo tratamento, pelos pronomes de tratamento* [léxico específico], *pronunciamento, a pompa do tratamento protocolar* [formalidade]. Né?

S4

B1 - P2

S4{B1[P2-1]} - 1/2) Éh, esse aqui é o tópico frasal que agora soa mais como um **artigo de opinião**, porque não tem muita informação, na verdade. É mais fato, assim. Se isso aqui fosse um tópico frasal numa matéria jornalística, “uma das áreas afetadas é a pós-graduação”, aí (sei lá!) eu já incluiria: o governo cortou mais de 150 bolsas só na UFSC. Entendeu? E aqui *tá mais argumentativo* [argumentatividade] mesmo. A informação que é necessária numa matéria, mas que num texto... Importante, mas não, assim, tanto.

S4{B1[P2-2]} - 1/2) É a descrição de um momento que me parece que está numa **crônica**. Eu gosto deste jeito de escrever assim com frases curtas. Mas pode ser um **cara contando pr'um outro um fato que aconteceu**. Não é necessariamente bem estruturada, assim, vem da memória. Porque, às vezes, tem textos assim que são meio bagunçados, mas que... (não sei!), tipo assim, realismo fantástico.

S4{B1[P2-3]} - 1) Ah, isso é jornalístico também, uma **matéria jornalística**. 2) Porque tem informação. A construção dele tá... *Tá super informativo* [propósito de informar], assim. Numa frase ele cita: quem atacou, quantos morreram, a quanto tempo foi o último ataque mais forte, e... É por isso.

S4{B1[P2-4]} - 1) Isso é um **artigo**. 2) Sim, por que o cara *tá dando uma opinião* [argumentatividade] aqui. Ele tá falando que seria um equívoco tratar a pesquisa como um privilégio. Né? Pra ele seria, mas pode ser que pra ti não, pro leitor não seja. Então, partindo do princípio de que nós precisamos ser imparciais na matéria jornalística, este está extremamente opinativo.

S4{B1[P2-5]} - 1) Isto também é do meio de uma **matéria**. Deve começar com: um acidente... 2) Não, porque eu já pensei no início da matéria: *um acidente não sei aonde lá causou comoção na comunidade internacional* [TCI]. Porque, também, aqui *tem informação* [propósito de informar]. Né? Apesar de ser só um fragmento, assim, você já percebe que tem algo que precede que indica que é uma matéria.

S4{B1[P2-6]} - 1) Isso aqui é parte de um **livro de gramática, lingüística**, um verbete (sei lá!) alguma coisa que... Isso aqui é de **livro de estudos**. Né? 2) *Pelas informações contidas* [TCI], a maneira como estão colocadas e *as palavras mesmo* [léxico específico]. Né? Que é para estudioso da lingüística. *Não é pra um leitor comum* [audiência específica].

S4{B1[P2-7]} - 1/2) Isso aqui é o final de uma **carta, de um ofício, algo protocolar** também, usual nos meios..., Assembléia, por exemplo que toda hora precisa fazer

ofício pra qualquer coisa. É que é uma *forma de tratamento de despedir-se* [movimento retórico] que é específica pra cartas, ofícios ou algo que o valha.

S4{B1[P2-8]} - 1) Isso aqui é **matéria policial**. Matéria. 2) *Pela informação* [propósito de informar] e porque tu, quando fala em versões e tal, vê que houve apoio de informações. Né? E eu gosto de textos assim com frases curtas que trazem bastante informação, mas não precisam ser todas na mesma frase, assim, cheio de vírgulas...

S4{B1[P2-9]} - 1/2) Isso aqui também é uma **história**, uma descrição de um momento, mas também... Como eu digo, assim, às vezes, tu tem numa matéria uma **fala da fonte** que pode ser assim também. Né? Mas tá mais pra uma descrição mesmo, um **texto descritivo**, até um... Mas, assim, tipo, numa matéria policial, essa é uma fala que tem que ser colocada porque pode dar indícios... (sei lá!), pode ser uma informação. Coisa que parece só uma descrição de um momento, mas (sei lá!) é uma informação pr'o leitor saber aqui depois do crime.

S4{B1[P2-10]} - 1) Isso também é um **texto de opinião** de algum arcaico da academia, do Rodolfo Pinto da Luz (riso). 2) *Porque*, assim, isso aqui tu vê também em texto jornalístico: “é verdade, por outro lado, que as instituições”... Mas daí tu tem que vir com informação pra baixo, porque esse *tá bem opinativo* [argumentatividade].

S4{B1[P2-11]} - 1) Isso é matéria também, **matéria policial**. 2) Ao mesmo tempo informa e... (é legal isso de) o molhinho da matéria geralmente fica nesses detalhes assim (né?) do repórter se tocar de..., poderia ter colocado “vestidos de preto, os terroristas” saíram atirando, mas tem relação com outra informação que está aqui que, de repente, o repórter se fraga que é importante, que poderia ficar de fora, mas que é importante. Eu acho que esse que é o molho sempre da matéria. Porque é informativa.

S4{B1[P2-12]} - 1) Esse aqui é a **carta resposta**. Deve ter recebido um catálogo de venda de sapato e não gostou do *produto* [TCI]. 2) É uma resposta porque, como eu te disse (né?), tem um *argumento anterior e tal*, mas depois diz que não. Também é um formato normal de carta resposta. Né?

S4{B1[P2-13]} - 1/2) Esse também, pela estrutura e *pela informação* [propósito de informar], é **texto jornalístico**.

S4{B1[P2-14]} - 1/2) Esse aqui eu tinha dito num fragmento anterior que parecia mais um **artigo de opinião**, mas também pode ser **matéria** mesmo, assim, no sentido de que o texto dá os dados, porque que a CAPES está diminuindo, porque que o orçamento aumentou ou diminuiu, e, no final, esse tipo de conclusãozinha, uma lição de moral, assim (“em suma, o governo...”), eu acho que é..., até é legal no jornalismo, mas desde que anteriormente ou posteriormente você coloque dados que comprovem aquela opinião. Pode ser matéria. Pode ter entrevistado alguém da CAPES (né?) que tá dando estes dados, e isso aqui é uma conclusão dos dados. Não é uma conclusão do repórter. Né? Mas também pode ser uma opinião, ser um artigo opinativo.

S4{B1[P2-15]} - 1/2) Isso aqui é a mesma coisa que aquela outra. Né? É a mesma do refrigerante que é uma **descrição**. Pode ser uma **crônica**, um **conto**, ou **alguém contando pra alguém uma história engraçada** que aconteceu. Pela maneira de

escrever, mais solta. Né? Claro que sem agressões à gramática, mas *mais coloquial* [oralidade]. Né?

S4{B1[P2-16]} - 1) Este é **jornalístico** também, **informativo**. 2) *Pela informação* [propósito de informar] mesmo, pela estrutura de matéria.

S4{B1[P2-17]} - Esse aqui é a mesma do refrigerante. Mesma coisa que aquela, um *texto mais solto* [oralidade], **descrição**.

S4

B2 - P1

S4{B2[P1-1]} - 1) Eu lembro desse fragmento e, em princípio, parece uma matéria normal, assim, mas também agora me parece mais uma opinião, usando uma informação mais jornalística que é dados, números e tal, mas, no final, dando uma liçãozinha de moral: é bom que eles façam alguma coisa. Um **texto opinativo**. 2) Por isso, por esses argumentos aqui, por essa... Primeiro ele questiona, primeiro ele fala que o fundamentalismo está se expandindo, o Islamismo está se expandindo, que é um problema e tal e depois questiona que as autoridades deveriam fazer alguma coisa. Dá pra tu fazer numa matéria também, mas não assim tão explicitamente, acho. Né? Você faz, mas assim tá mais pra alguém que domina um pouco o tema (sei lá!) e tá falando sobre. Não apenas informativo. Né?

S4{B2[P1-2]} - 1/2) Não sei! Acho que ela tem também uma estrutura de matéria, assim. Tem tópico frasal, que eu comentei na outra vez, e informação embaixo, tipo aqui: o autor do texto emitiu: “é verdade, por outro lado, que as instituições de fomento à pós-graduação não têm cumprido satisfatoriamente sua função social”. Tá. Mas por que que tu pode falar isso. Porque o CNPq divulgou um relatório e tatatá. Dá informação. Né? **Tem estrutura de matéria jornalística, mas também pode ser um artigo opinativo**, porque tu terminar um texto assim, “hoje mais do que nunca a ciência é condição e alavanca do progresso”, é meio (não sei!)... Lembra que eu tinha falado do nariz de cera que realmente se começa um texto, quando o cara dá umas viajadas assim, pra não começar com a informação nua e crua, bota uma frase narizão assim. E aqui parece que acabou assim. Né? Não sei. **Acho que pode ser as duas coisas, por isso, uma notícia, um texto informativo, e/ou um opinativo**. Porque o texto opinativo não necessariamente não tenha informação. Né? Só que também necessariamente ele não precisa ter informação. Informação que eu digo é coisas mais concretas, que eu acho que o jornalismo tem que primar assim por números. Não números, eu digo informação concreta a exemplo de números, informações mais corretas mesmo. Tem muito texto de opinião que viaja, assim. Né?

S4

B2 - P2

S4{B2[P2-1]} - 1/2) Esse aqui é um texto super informativo, assim, matéria informativa, cheio de onde, como, por quê, quem (né?) e bem sintético, assim,... Tu parte do princípio que tem um título e uma linha de apoio aqui? Porque, quando tu começa com

“o ataque com saldo de 67 mortos e tatatá”... Este aqui é um texto completo ou um fragmento também? Não porque, daí, tu primeiro tem que falar que ataque foi esse. Né? **Tá faltando... Isto aqui..., tem uma parte do lead no texto jornalístico.** Tá faltando dizer que ataque foi esse. Entende? Tu já começa dizendo “o ataque com saldo de 67 mortos”, tipo bem trivial assim. Aconteceu ontem em Israel um ataque terrorista tatatá. O ataque tatatá... Então **tá faltando uma parte do lead (né?) que localiza no tempo o que aconteceu, pra depois tu descrever o que foi e as conseqüências disso.** É que daí eu tava imaginando aqui assim: ataque terrorista em não sei onde mata tatatá; o ataque com saldo de....; e **uma linha de apoio, que é aquele olhinho que se usa no jornalismo.**

S4{B2[P2-2]} - 1/2) Esse aqui tem a mesma história, assim. **Falta uma parte do lead** de novo. Né? Ou seja, tu já imagina a mesma coisa, assim: terroristas matam turistas que visitam...; Vestidos de preto eles tatatá. **Tá faltando a introdução,** assim, umas duas frases iniciais do *lead* que te localizam na história. Que depois aqui já começa com a descrição e de novo a questão das conseqüências uma retrospectiva do que significam esses ataques. Então tá faltando o início, o “o quê”.

S4{B2[P2-3]} - 1/2) Esse aqui já começa pelas mortes, começa na ordem direta: um ataque matou tatatá. Mas a... **esse pra mim tá completo.** Eu só não costumo trabalhar com parágrafos tão... só uma frase no parágrafo, tipo, eu uniria as frases correlacionadas. Né? Só.

S4

B3 - P1

S4{B3[P1-1]} - 1) Esse é uma **matéria jornalística, factual.** Só que tá faltando aqui pra mim é quando, quando foi este ataque. Mas é uma matéria jornalística. 2) Pela construção, pela maneira de colocar as informações. Uma matéria. Porque conta um fato, um fato jornalístico, a meu ver, que é o ataque e as conseqüências, mortes dos turistas. E contextualiza o ataque em uma construção, pra mim, tipicamente de texto jornalístico.

S4{B3[P1-2]} - 1) Pra mim, assim, pensando uma **matéria,** isso aqui seria uma retranca, assim, nessa construção que começaria falando do pacote fiscal lançado pelo governo e que, detalharia este pacote, e depois, em retrancas específicas, falaria das áreas atingidas. Porque ele começa em *lead*... No primeiro parágrafo, começa falando: “uma das áreas afetadas pelo pacote...”. Então, isso quer dizer que já explicou alguma coisa. Mas também pode ser um **texto de opinião** (eu acho), um artigo analisando as conseqüências do pacote no ensino, na questão da pós-graduação e tal. Acho que é isso. 2) Porque há alguns pontos que me parecem de opinião, assim, que transmitem uma opinião em primeira pessoa. Se bem que eu digo que também pode ser uma matéria, porque são opiniões bem embasadas (né?), que tem dados, assim: quantas bolsas foram cortadas, quantos porcentos isso significa. Por isso que eu acho que serviria pras duas coisas.

S4{B3[P1-3]} - 1) Eu acho que isso aqui é um **artigo** como diz aqui: “o presente artigo”. É um artigo demonstrando o resultado de uma pesquisas (né?), um **texto científico** de

pesquisa, 2) pelos dados que apresenta pela forma que eles são expostos e pelas fontes que aponta que demonstram que é uma pesquisa e que o texto é um **artigo de resultado dessa pesquisa**.

S4{B3[P1-4]} - 1/2) Eu acho que esse aqui é um tipo de uma **carta comercial**, assim, uma reclamação. Mas a construção, o formato é bem formal, assim, de uma carta mesmo nos modos formais de mercado, assim. Acho que é isso. Assim como se tratam entre empresas ou entre vendedor e comprador de algum produto. Acho que é isso.

S4{B3[P1-5]} - 1) Esse aqui, pra mim, é como a **transcrição literal de um discurso, diálogo**, também, de alguém contando alguma coisa que pode-se colocar num **conto** (sei lá!), num texto mais solto, assim, de uma **crônica**, algo assim do gênero.

S4

B3 - P2 (Q1)

S4{B3[P2(Q1-1)]} - A) São. B) Primeiro que (sei lá!) cada um tem um objetivo específico, cada um é construído de acordo com o objetivo final: uma matéria jornalística, um artigo de opinião, um diálogo, um discurso coloquial, assim, que não precisa ser formal porque é essa a intenção mesmo. Eu acho que cada um é construído de acordo com a finalidade, assim, que há informações que precisam estar num texto jornalístico que, não necessariamente, precisam estar num artigo opinativo que não demanda, a meu ver demandaria, mas, assim, como não se... as pessoas expressam mais sua opinião pessoal sem contextualizar. Pegam um ponto e refletem em cima a partir da sua própria concepção. E isso, claro, que muda a construção, a partir de cada um.

S4{B3[P2(Q1-2)]} - (1) Do um, eu acho que, por ser uma matéria jornalística, em primeiro lugar, a informação correta exata. Eu acho que, em primeiro lugar, o texto tem que ser objetivo. Né? Não pode ter muitos volteios, muito molho, como se diz no jornalismo. Em termos de texto, assim, o... (não sei como explicar), mas a construção direta, assim. Né? Não sei como explicar isso. Acho que o texto tem um *lead* que a gente trabalha no jornalismo, que é o primeiro parágrafo, com as informações, numa construção direta, assim, e o tópico frasal que é importante, a primeira chamada, assim, por... e uma explicação depois, também numa construção direta, sem muita... Eu acho que é isso. E (sei lá!), eu acho que, deixar o leitor bem informado, com todas as informações possíveis, mas dentro de uma linha que não embole as coisas, assim, para ter a informação de acordo com a prioridade do que o leitor quer saber primeiro.

(2) Éh, aqui também é usado o tópico frasal, que começa lançando a idéia, assim, que “uma das áreas afetadas pelo pacote fiscal”... Aí explica por que. E eu acho que coloca contrapontos que é importante também que é a crítica e também a tese e a antítese. Né? E eu acho que aqui a construção não é tão direta assim. Né? Num artigo de opinião tem mais voltas que é diferente do texto jornalístico que não precisa ser tão objetivo (né?), tanta informação.

(3) Ah, eu acho que esse tem uma linguagem super própria (né?), que trata de explicar cientificamente os dados pesquisados. Então...Mas, mesmo assim, é bem objetivo, esse

daqui tá bem objetivo, mas também diferentemente do texto dessa matéria, assim, ele trabalha com parágrafo maior com frases maiores que não são tão... como é no jornalismo, na matéria jornalística.

(4) Oh, essa eu acho que é uma linguagem bem formal, bem telegráfica, quase telegráfica, assim. Então... Porque é também próprio desse tipo de texto assim, que tem um objetivo pré-estabelecido: uma carta comercial. É que eu tô analisando bem assim pela mensagem mesmo, não pela gramática. Não sei como você quer essa análise. Se é pela... Eu acho que esse texto é o texto formal, assim, que há uma regra que estabelece que as cartas são assim e as pessoas seguem essa regra e usam a estrutura de texto de acordo com esse objetivo.

(5) Ah, o cinco, como eu falei já, é bem solto, assim. Um texto solto que não se preocupa muito com a (como é que eu vou falar?), com ordem ou com a própria gramática, assim. É mais a transcrição de um discurso que a gente faz normalmente que não é o que a gente escreve. Né? A gente fala normalmente uma fala na ordem direta, a gente bota o verbo lá na frente ou lá atrás e não se preocupa muito. Então, isso é mais do jeito que a gente fala (né?) e que eu acho que pra crônica e tal é bom. Eu gosto deste tipo de texto. Solto. E que se torna agradável pr'as pessoas até pela identificação que tem com a nossa fala (né?), com nossa maneira de falar, com nosso discurso oral.

S4{B3[P2(Q1-3)]} - Bom, o jornalístico, o texto jurídico, o artigo, a crônica, o conto, as cartas formais, texto literário, não sei se cabe, texto de livro (né?), texto legislativo, de leis (né?) que é um texto também, que tem todas as suas regras de estrutura e construção, a bula de remédio, a propaganda, a (sei lá!)..., texto dramático.

S4{B3[P2(Q1-4)]} - Eu acho que nos termos que os jornais trabalham, da maneira com que se trabalha, o texto jornalístico da matéria, propriamente dita, é o texto com o velho chavão de quando, onde, como, por quê e quem, não necessariamente nessa ordem (né?), que é um texto, assim, que se exige, até pelas novas regras do jornalismo, seja super objetivo, sintético e adequado ao tamanho do espaço que você tem pra usar. Mas eu acho que também o texto..., uma crônica também, uma crônica da vida diária, escrita em forma de crônica, também é jornalística, a partir do momento que também passa informação e tem a mesma função, enfim, só que tu lê de outra forma. Né? O artigo de opinião também... Isso.

S4{B3[P2(Q1-5)]} - É. Eu acho que era por aí que eu tava falando. Né? Por que, assim, no jornalismo, eu tinha um professor, por exemplo, que falava assim, se a gente dava muitas voltas, ele falava assim: “não, você quer ser escritora, você quer fazer literatura e não jornalismo”. Mas eu acho que, assim, esse processo que caminhou o jornalismo é pr'o encaixotamento de informação. Mas eu acho que escrever de uma forma mais literária (sei lá!) também pode ser jornalística. Eu não sei se eu tou certa, mas o Machado de Assis, por exemplo, na sua literatura, era muito jornalista pra mim, assim, porque ele retrata, como o jornalista se diz, o cara que fixa os momentos, os fatos, que são notícia e que são história em algum determinado tempo e espaço, dia (sei lá!) de tempo, espaço de tempo... A literatura também faz esse papel, embora não se possa publicar dessa forma nos jornais, assim. Mas, acho que sim.

S4

B4 - P2 (Q2)

S4{B3[P2(Q2-1)]} - Bom, a partir do momento em que eu tou com os dados na mão, com as informações, a primeira coisa é fazer uma...(que, na verdade, a gente hoje age mais pelo espaço que a gente tem). Né? Então, a primeira coisa é fazer uma triagem das informações e priorizar, a partir do espaço que se tem, claro que levando em consideração o fundamental da matéria que tu tem que colocar, mas, assim, tem informações que são importantes também, mas que tu às vezes tem que desperdiçar por falta de espaço. Mas eu sempre faço... é que agora eu não tou escrevendo muita matéria, mas fazia assim: uma triagem, que tu volta com muita informação, quando entrevista muita gente e tal, uma triagem, a partir daí saia o *lead* (né?) e os próximos parágrafos de acordo com a evolução das informações, mas sempre cuidando pra não acabar a matéria, preciso acabar, assim. Por que tu pode começar uma matéria com muita força e acabar vazia, assim, principalmente quando tu tem um espaço de uma matéria longa, uma matéria mais aprofundada, tem que tomar esse cuidado pra não..., trabalhar os primeiros parágrafos com muita informação fortes (não fortes no sentido da informação ser muito importante, mas, assim, fortes no sentido do parágrafo ficar muito denso e depois tu se perder e chegar no final vazio, assim).

S4{B3[P2(Q2-2)]} - Eu acho que os elementos essenciais são aqueles que fazem o teu leitor se sentir bem informado. Porque, quando você está muito dentro de um assunto, você, de repente, corre o risco de achar que as pessoas também estão (né?), ou banalizar um pouco a coisa. Então, eu acho que tem que trabalhar muito com..., pensar muito, assim, quem não sabe nada daquilo e precisa saber. Então, elementos fundamentais são as coisas essenciais, assim, do acontecimento, assim. Vamos pegar uma batida de carro, que é um exemplo simples, assim, mas, assim, as pessoas querem saber que carro que bateu, quem morreu, se foi preso o... Então as informações essenciais têm que estar ali e, às vezes, a cor do carro não é essencial. Pode ser um molho pra matéria, mas tu não tem que se perder em elementos que se tornam excedentes, assim.

S4{B3[P2(Q2-3)]} - Bom, eu acho que eu já falei dos elementos fundamentais (né?) e eu, assim, volto a pegar na questão do texto jornalístico da importância do tópico frasal, que eu acho que tu consegue prender a atenção da pessoa a partir de uma... Se tu começar um parágrafo com uma frase muito comprida e cheia de vírgulas e querendo explicar tudo na mesma frase, tu perde o leitor e tu se perde também. Assim, então, eu acho que a construção tem que levar em consideração isso: que as pessoas lêem mais facilmente e entendem melhor, se você for mais..., construir de uma forma mais prática pra elas também. Um tópico frasal que explique o que vai vir a seguir e a explicação. Acho que, pra mim, isso é o fundamental. Porque tem parágrafos que tu pega que tem duas frases, o parágrafo desse tamanho e (cadê, assim?) sem encadeamento. Pra mim é bem legal escrever com frases curtas, mas bem construídas, com as informações hierarquizadas.

S4{B3[P2(Q2-4)]} - É. Porque, assim, no jornalismo, depende do..., já tem regras (entendeu?) também. Porque, assim, se tu for escrever um texto policial pra editoria de polícia, ele mais ou menos já tem uma fórmula. Tu pode fugir disso. Pode, mas é mais

fácil e quase todo mundo faz assim. Mas, assim, quando eu escrevo um texto sobre uma peça de teatro que vai estrear, por exemplo, eu tenho mais possibilidade de lançar mão de elementos da crônica, de outros tipos de texto que vão me dar um texto jornalístico, informativo e tal, mas que também vão ter um molhinho, assim. Né? Agora, quando tu vai escrever uma matéria de economia que também te permite (só que tu tem que ter um certo domínio pra não viajar demais), mas que tem que ser meio quadrado mesmo: a inflação tatatá, a cesta básica do DIEESE no mês de abril subiu tantos por cento, o feijão tatatá. Tem que ser direto. Mas eu, assim, os textos que eu mais gostava de escrever, quando tava no jornal, eram textos mais voltados... Na editoria de geral, por exemplo, também tem essa possibilidade de, às vezes, lançar mão de umas idéias mais legais, assim, tipo começar contando uma história. Sabe? Se tu vê que, na favela, as pessoas estão fudidas lá, não têm onde morar, e tu começa contando a história do Pedrinho, começa a matéria quase como se fosse um conto: Pedrinho veio lá do Oeste morar na tatatá. Ele é só mais um dos tantos... Daí tu começa. Sabe? Assim?! Fica bem definida a diferença. Aquele *lead* meio nariz de cera, assim, mas que te dá uma forma meio lúdica até de tratar. E eu acho que isso é legal no jornalismo, porque humaniza um pouco a dureza do texto jornalístico, do quem, onde, quando...

S4{B3[P2(Q2-5)]} - Bom, as características essenciais são as respostas às perguntas onde?, quem?, como?, por quê? e quando? Tem que tá aí porque, não necessariamente nessa ordem, mas porque tu, na verdade, tu tá fazendo a tua leitura, porque a imparcialidade, pra mim, é uma falácia. Né? Por que tu tá fazendo a tua leitura... Por isso que eu acho que o texto jornalístico é uma ficção também. Enfim, uma ficção baseada em fatos reais. Porque tu nunca vai... Você vai tá lendo, vai tá lendo o que você viu. Não vai tá lendo o que aconteceu. Assim como um documentário, pra mim, em vídeo, também é ficção. Não tem muita essa diferença de filme de ficção e..., porque sempre é uma leitura de alguém em cima de alguma coisa. Só que eu acho que, até por isso, que o jornalismo tem essas regras concretas, assim, que são estabelecidas de tu tê que dizer..., responder certas perguntas e, assim, o texto tem que ter isso pra não ficar..., assim, pra não correr o risco de contar uma história que fuja demais do que você realmente vê. Então, tem que ter dados precisos. Né? Só que, assim, a maneira como tu vai contar, a maneira como você constrói o texto, a tua maneira de escrever, o teu estilo de escrever, vão mudar essa história de alguma maneira. Mesmo que seja de uma maneira muito sensível, assim, mas vai mudar. Eu acho que o texto jornalístico, enfim, é meio, bastante ficcional também. Ficcional, a partir do momento em que você tá contando pr'os leitores o que você viu, em cima do fato que aconteceu.

SUJEITO 5

S5

B1 - P1

S5{B1[P1-1]} - 1/2) Ah, este texto aqui tem todo jeito, este fragmento de texto, eu não sei se você extraiu ou criou, no caso, mas ele tem todo, toda característica, pra mim, de texto tirado de uma **crônica** (tá?) *principalmente por causa desse “aí”*. O “aí” é muito *coloquial* [oralidade]. A gente, no português brasileiro, direto “aí” pra emendá, só que você não vê isso escrito. Num jornal, num texto de jornal, a notícia, num texto de editorial nem pensar, numa notícia nem pensar. Você pode usar o “aí” num texto se o teu personagem, se o teu entrevistado falar, você colocar isso como voz dele no texto entre aspas. Né? Aí te permite isso. Mas isso aqui é crônica pelo tom coloquial que ele tá ali passando: “aí ela achou engraçado e começou a rir”. Isso pra mim é crônica.

S5{B1[P1-2]} - 1/2) Olha, esse texto aqui é um fragmento de um **trabalho acadêmico**. Ele tá com algumas gorduras de texto num trabalho, assim, que o jornalismo... O jornalismo (xxx) o seguinte: escrever é arte de cortar palavras. Ou seja, o que você diz em duas linhas e pode ser dito em uma, você tem que dizer em uma linha. A premissa do jornalismo... Ainda mais eu que trabalho com jornal tablóide (tablóide é um jornal tipo um formato Diário, tem 36 cm de altura, 5 ou 6 colunas e tal), qual é a premissa básica do jornal? Os textos são curtos. Você acaba adquirindo uma capacidade de síntese, em função do trabalho, muito grande. Então, “o presente artigo...” [pista metatextual], (puxa!) se tu tá lendo o texto, é obvio que é o artigo, visa apresentar não. Ficaria assim na linguagem jornalística: o artigo apresenta os resultados iniciais de uma análise piloto quanto ao gênero do discurso. Mas, na minha opinião, esse é um fragmento de texto acadêmico. Eu não diria que ele seria inviável no jornal. Um artigo assinado por uma personalidade, por uma pessoa de uma área mais específica que não seja um jornalista, por exemplo, um médico vai assinar a página dois do jornal, o editorial, sobre o problema da saúde. Ele tem uma liberdade de texto. Ele vai escrever de uma maneira diferente o que o jornalista escreve. O editorial do jornal pode usar alguns desses recursos aqui também. Mas, basicamente, ele não é um texto que pertence ao universo de coisas diárias. Texto acadêmico é o texto *que tá te passando um resultado, tá te passando um parecer, e que é produzido dentro da academia, com a preocupação de conhecimento, uma análise de conhecimento* [TCO]. Né? O texto acadêmico é mais (vai me faltar o adjetivo!) elaborado, digamos assim. Por exemplo, “o presente artigo...”, vamos pegar o início dele, como eu te falei, você não vai usar isso num texto pr’o jornal. Não se permite que ele é um texto, um relato de uma pesquisa que você tenha feito pra algum curso acadêmico que você pode usar.

S5{B1[P1-3]} - 1) Ah, isso é uma **carta**. *Até pelo tipo de informação que ele tá passando: “esse fato, a nosso ver estranho, impele-nos a adquirir produtos de outros fabricantes pra repor o nosso estoque”* [TCO]. Isto é uma **carta comercial**, uma justificativa. 2) Pelo tom do discurso. Ele tá afirmando, ele tá justificando... O que que tá falando aqui? A decisão de quem escreveu essa carta, ele tem um fornecedor que repõe alguma coisa

em algum estoque, não vem ao caso o que é, houve algum problema, “um fato, a nosso ver, estranho”, que vai levar esse comprador a procurar um outro fornecedor, “adquirir produtos de outros fabricantes pra repor nosso estoque”. É uma resposta, encerrando um contrato, uma relação de troca e venda, de compra e venda, uma questão comercial. Né? *Tem aquelas palavras chatas: “adquirir produto”, “comprar de outros fabricantes”, “estoque”* [léxico específico]. Todas as palavras, tudo isso me leva a crer que seja um fragmento de um texto comercial, de uma carta comercial, texto de um fax, de um e-mail.

S5{B1[P1-4]} - 1) “Aí todo mundo olhou pra minha cara”. É **crônica**. É crônica, é **conto**, é um **texto literário**. 2) De novo, *por causa do “aí”* [léxico específico], *pelo tom coloquial* [oralidade] que passa (né?), o “todo mundo” (no jornalismo, você não vai usar “todo mundo”), é muito vago é muito amplo, coloquialmente você usa isso a miúde (né?): “aí tudo mundo olhou pra minha cara”. É um texto literário, provavelmente, uma crônica. De uma crônica ou até mesmo um verso de um poema. Permite também.

S5{B1[P1-5]} - 1) É um **artigo**. É um artigo publicado em jornal, tranqüilamente. Deve ser fragmento de uma determinada publicação. 2) Ele *tem um tom de crítica* [argumentatividade]. Né? Tá falando de uma atitude do governo que “o provão estabeleceu uma procura pela pós-graduação e agora ele quer reprimir essa demanda que ele mesmo ajudou a criar”. Pra mim, é fragmento de artigo.

S5{B1[P1-6]} - 1/2) Bom é um fragmento, de novo, de um **texto acadêmico**. É um texto em que você está *relatando uma pesquisa pra um projeto* [TCI], algum curso. Mas eu não tenho muito que falar desse fragmento não. Ele tá dando uma conclusão, até pela palavra estrutura, “estrutura genérica resultante”, ele tá concluindo alguma coisa. Por exemplo, ele tá comparando com outro trabalho (entendeu?): “há semelhanças com estrutura identificada por Bhatia”. Então, é um texto de teor acadêmico. Mas, como ele não tá (xxx), ele pode ser usado numa estrutura de matéria, numa estrutura de texto jornalístico, sem nenhum problema. Mas, até pelo fato de ter colocado as reticências entre parênteses, aqui, ele tem uma quebra de continuidade. Parecido com um texto acadêmico.

S5{B1[P1-7]} - 1/2) Bom, primeiro, pode ser um **texto informativo**, um **texto jornalístico**. Só que ele tem um estrutura de concordância verbal que eu não concordo: “a maioria das vítimas são”. A concordância aqui do “são” está indo com vítimas que tá no plural. Eu prefiro aquela regra clássica gramatical que o sujeito e o verbo sempre concordam. A maioria é singular. Então, “a maioria das vítimas é japoneses... Esse texto aqui me pegou agora. A maioria das vítimas são japonesas, a maior parte das vítimas são japonesas, japoneses, alemães e suíços são a maioria das vítimas. Tá correto. Tá invertido. Mas é um fragmento de um texto informativo. Sem dúvida. Pelo fato... *Tá te dando uma informação* [propósito de informar]. Vítimas, não sei do quê, não vem ao caso aqui, foram identificadas com três nacionalidades: japoneses, alemães e suíços. É um texto informativo, sem dúvida. Japoneses, alemães e suíços são a maioria das vítimas. É a maioria das vítimas. Bom, vai ficar a minha ignorância gramatical aqui. Mas, eu tenho dúvida aqui. É informativo. Apesar de que o texto não deixa de ser informativo. Esse informativo que eu coloquei é informação enquanto texto de uso em mídia (né?), em rádio, tv, jornal.

S5{B1[P1-8]} - 1) É um fragmento de um **artigo** com tom de discurso. 2) Por que “hoje, atualmente (né?), mais do que nunca a ciência é condição e alavanca do progresso”. Não está nem tirando uma conclusão. Ele tá determinando uma condição com essa inserção do “mais do que nunca”. Entende? Ele é um texto que pode funcionar num artigo, num editorial... Só que tem essa carga aqui autoral, vamos dizer assim. Quem escreveu o texto de onde saiu esse fragmento com certeza *ele tá dando uma opinião* [argumentatividade]. “Hoje, mais do que nunca” é um texto opinativo. Que ele tem um teor de texto jornalístico, tem, sem dúvida. Mas é essencialmente opinativo.

S5{B1[P1-9]} - 1/2) É um texto, claro, informativo, como quase todos os texto que a gente viu aqui. De novo, é um texto de **carta**, dessa relação. Né? Esse texto, quando eu coloquei texto de carta ou uma **carta comercial**, é aquele tipo de texto que está escrito e não vai ter um retorno imediato. É *uma informação que é mandada*. Você não vai ter, do receptor desse texto, uma resposta instantânea. Né? “Cumpre-nos informar, entretanto, que há três meses não recebemos a visita de seu representante nessa região”. Ele tem toda a característica de um texto presente numa carta comercial. Esse *representante aqui passa essa coisa comercial* [TCO].

S5{B1[P1-10]} - 1/2) Esse é um **texto informativo** e é um **texto jornalístico**. Pode ser um fragmento de um texto jornalístico. Ele *tá informando* [propósito de informar], *tá relatando algum acontecimento onde houve vítimas* [TCI], o número de mortos deixa isso bem claro. Eu identifico um texto, como possível de ser um texto jornalístico.

S5{B1[P1-11]} - 1/2) É um **texto literário**. Ele pode tá numa **carta pessoal**, ele pode tá numa **crônica**, ele pode ser um **fragmento de um poema**. “Eu já passei um vexame lá”. Tranqüilamente. É um fragmento de um **diário**, de um **diário pessoal**.

S5{B1[P1-12]} - 1/2) É um relato também que pode ter um teor jornalístico, como pode ter um teor literário. *Tá relatando uma seqüência de fatos* [narratividade]: tomaram outro ônibus, conduziram por cerca de um quilômetro antes de abandoná-lo, dispersando-se para trás da região. É um texto... Seguramente ele pode ser um texto jornalístico. O que não impede também ter sido um fragmento de um texto literário.

S5{B1[P1-13]} - 1/2) É um **texto jornalístico**. Ele pode ser tanto de uma **matéria** de 15 linhas, como pode ser um texto de um **artigo** publicado num jornal. Pode ser um texto editorial. Mas é um texto de uso de mídia, vamos dizer assim. Se não for um texto jornalístico, é um texto para ser divulgado por alguma mídia.

S5{B1[P1-14]} - 1/2) Pode ser um fragmento de um relato... Não é um texto jornalístico, a partir do momento que esse *corpus*, que inclusive está grafado em itálico, não é um texto, a princípio, um texto que você publicaria num jornal. Né? Aqui não tá muito claro o que é esse “*corpus* [léxico específico] que foi coletado numa empresa brasileira atuante no mercado fármaco-veterinário”. Pode ser um **texto acadêmico** ligado a uma área de saúde veterinária.

S5{B1[P1-15]} - 1) É uma **carta**. É uma carta em que a pessoa *está solicitando, requerendo uma posição* [TCI]. “*Vossa senhoria*” [léxico específico]. É um fragmento

de um texto que até pode ser um texto de jornal, de repente, como eu tinha te falado, um artigo assinado. Né? Mas tem um teor de ser um texto de carta.

S5

B1 - P2

S5{B1[P2-1]} - 1/2) Esse é um **texto opinativo**. Seguramente, é um texto opinativo. Ele *tá analisando um momento econômico* [analicidade], as conseqüências deste momento econômico nas universidades. Né? É um texto, com certeza, é um texto opinativo.

S5{B1[P2-2]} - 1/2) Tem as características de **crônica** (xxx): “que eu tava bebendo refrigerante, tinha muito gás, uma mulher lá olhou pra mim”. Ele tá em *primeira pessoa* [1ª pessoa do discurso]. Isso caracteriza uma das possibilidades estéticas que a crônica possui. Né? Possibilita isso. É um fragmento de um **texto literário**.

S5{B1[P2-3]} - 1/2) Isso é um **texto informativo de um jornal**: “o ataque com saldo de 67 mortos foi o mais feroz desde o início da onda de atentados de extremistas islâmicos no país há cinco anos”. Posso até chutar, assim, deduzir que seja um texto que falam da Argélia: “ataque com saldo de 67 mortos”. Mas é um texto... Esse fragmento que você me deu é um texto que se encaixa, desde uma **notícia pequena**, até uma **reportagem** mais longa, ou até mesmo de um **artigo editorial** de um jornal que tem essa *preocupação de informar* [propósito de informar], nos seus editoriais, a questão política e econômica mundial. Mas é, seguramente, um **texto jornalístico**.

S5{B1[P2-4]} - 1/2) É um **texto opinativo**: “seria um equívoco, no entanto, tratar a pesquisa como se fosse um privilégio de países desenvolvidos”. É um fragmento de um artigo assinado, caso tenha sido publicado num jornal. Mas, em princípio, *é opinativo* [argumentatividade]. A característica dele. Ele tá bem claro também. Ele é um texto opinativo com, bem claro, a opinião política que o autor tá passando. Crítico. Né? Bem crítico.

S5{B1[P2-5]} - 1/2) É o texto de uma **reportagem**. Vou fazer um parêntese aqui. Se esse texto estiver falando sobre o massacre de cerca de 50 turistas em Luxor (é em Luxor esse massacre? Bom, enfim, foi no Egito), em setembro de 97, não tenho muita certeza quanto à data... O texto jornalístico, ele tem uma premissa que ele tem que ser imparcial, mas as palavras têm um peso, a escolha... Eu não acredito no texto imparcial. Eu acho que a partir do momento que você elege um jeito de pontuar, um jeito de escrever esse texto, você já tá dando uma opinião. Certo? Aqui fala num acidente. Se estiver falando sobre a matança dos turistas, eu particularmente escreveria esse texto da seguinte maneira: o presidente Osni Mubarak enviou ministros a Luxor e convocou uma reunião emergencial de seu gabinete. Até ali, tudo bem. O acidente foi condenado. Não é acidente. Foi um massacre. Eu colocaria uma palavra mais forte. Não que isso signifique uma característica sensacionalista pr'a notícia. Não. Mas seria uma opinião seguramente. Num texto que tá informando, é possível passar opinião na..., a partir do momento que você hierarquiza determinadas informações, de que maneira você vai passar isso pr'o leitor. Entende? Determinadas palavras vão dar, vão passar a opinião de quem escreveu esse texto. Eu escreveria um massacre, caso fosse um texto relatando aquela matança de turistas no Egito, um massacre, uma matança.

Mas, enfim, quem escreveu optou pela palavra acidente que é uma palavra muito genérica. Um acidente pode ser você se machucar na cozinha até você... Né? Uma explosão de uma bomba que mate 300 pessoas também é um acidente. Mas há características diferentes de você se machucar na cozinha e um terrorista explodir uma bomba num local público. Eu acredito muito que a opinião do jornalismo nos textos que têm que ser imparciais, por exemplo, a reportagem, a notícia informativa, mas, mesmo ali, existe a possibilidade de trabalhar a opinião. Aliás, é a parte mais fantástica no jornalismo, como você escolher palavras pra montar um texto. E o jornalista, é importante que ele se dê conta do que é cada palavra da Língua Portuguesa e que uso que elas acabam tendo e em que situações elas podem ser usadas. Um dos grandes méritos de um texto jornalístico é esse: você tem que fazer um texto imparcial, que eu acredito que não exista. Entende? As coisas... As palavras determinam muitas coisas.

S5{B1[P2-6]} - 1/2) É um texto em que o autor comparou dados, estudou tais dados, ordenou (né?), ordenou, *há opinião dele a respeito* [argumentatividade]. É um texto com esse teor, um **texto acadêmico**. O que seria esse texto com teor acadêmico, diferentemente de uma reportagem? A reportagem você vai, levanta dados, fala com pessoas, ouve fontes, chega na redação faz um texto e publica. Esse texto aqui deixa bem claro que o trabalho que ele demandou pra ser criado é bem maior e tem um outro destino. *Não tá voltado pra uma comunicação de massa* [audiência específica]. Ele até pode ser publicado num livro, mas aí vai ser numa forma de comunicação de massa, mas bem menos abrangente que um jornal que tem uma tiragem de 50.000, por exemplo, 50, 100, 200.000, depende do tipo.

S5{B1[P2-7]} - 1/2) Fechamento de carta clássico: “sem mais subscrevemo-nos atenciosamente”. Encerramento de uma **carta formal**.

S5{B1[P2-8]} - 1/2) Ele é um **texto informativo**, um **texto jornalístico**. Eu até arrisco dizer que a fonte deste texto, deste fragmento, tenha sido..., bom, que é **de uma agência internacional**, seguramente é. Mais também é..., bem uma característica dos textos que a gente, em jornal, recebe das agências estrangeiras, principalmente da France Presse, a FP, e da Reuters. Né? Por que que eu digo isso? Porque, nestes textos, eles usam muito a *fonte não identificada* [TES]. Versões de fontes médicas. Que médicos são esses? Aliás, fontes médicas e policiais. Que médicos e policiais são esses. Esse é um recurso muito usado em textos feitos por jornalistas de agências de notícias internacionais. Obviamente é um **texto jornalístico**, de divulgação em mídia. É muito comum, em textos de agências, acontecer o seguinte, um exemplo, assim: uma fonte do congresso americano informou que a secretária de estado Madeleine Albright determinou tal coisa. É muito comum destacarem alguma fonte mais sem especificar que que seria essa fonte. Né?

S5{B1[P2-9]} - 1/2) É um **texto coloquial**. Ele é um texto que, necessariamente, não precisaria estar escrito. Vamos explicar isso. Ele é um texto que pode ter sido gravado de uma conversa. “Aí eu recolhi os negócios, eu e esse meu primo, e fomos embora pra casa”. É um texto que ele pode ser um texto de **crônica**, ele pode ser um **trecho de uma carta informal**, entre duas pessoas muito íntimas. Né? Mas é um texto que não teria, digamos, não teria espaço no jornal pela *característica coloquial* [oralidade] que ele tem.

S5{B1[P2-10]} - 1/2) Eu desconheço completamente essa palavra “sói”. É um **texto opinativo**. É um fragmento de um **artigo**, que permite, inclusive, usar recursos de linguagem que não são do domínio público, como usar uma expressão até como “sói”.

S5{B1[P2-11]} - 1/2) É um fragmento. Dá até pra arriscar que seja uma continuação daquele outro que fala do presidente do Egito convocando uma reunião emergencial do gabinete dele. Ele aqui tá descrevendo o momento que aconteceu o acidente, como diz o texto, o massacre: “vestidos de preto, mesma cor usada pelos guardas que vigiam o templo Hatshepsut, os terroristas saíram atirando da construção...” É, seguramente, um **texto informativo** de mídia de jornal ou até mesmo tevê. Em tevê tem muita intercalação. É mais um texto de jornal mesmo, jornal ou revista, mídia impressa, digamos.

S5{B1[P2-12]} - 1/2) É um fragmento de uma **carta comercial**. Ele tá desfazendo, via carta, *um contrato de compra e venda* [TCI]. Não sei em que nível que estava estabelecido este contrato. Mas, a partir do momento em que ele tá falando que o produto tem uma boa aceitação, o preço praticável (xxx). Ele tá desfazendo esse negócio, justificando a ausência do representante a três meses. É o formato de uma carta comercial.

S5{B1[P2-13]} - 1/2) Esse aqui pode ser o famoso *lead de jornal* [movimento retórico]. O *lead* é o comum no jornalismo, no jargão jornalístico, pra designar o primeiro parágrafo de qualquer texto jornalístico. Tá dando já o que aconteceu: “pelo menos 57 turistas estrangeiros e 4 egípcios foram mortos a tiros em frente a um templo faraônico em Luxor”... Por que que ele tem a característica de *lead*? Porque ele é um *texto que informa* [propósito de informar] o quê, quem, o quando não está exposto aqui ainda, o onde, Luxor, e faltou ainda o por quê. Fala o porquê das mortes: mortes à tiros. Mas tem toda a característica de ser uma matéria de um texto jornalístico que, no jargão da profissão, a gente chama de *lead*, um termo inglês: liderar, guiar.

S5{B1[P2-14]} - 1/2) Este fragmento aqui, mais completo que aquele anterior, mas continua sendo um **texto opinativo**, um fragmento de um **artigo**. Ele tem a preocupação em explicar, em reportar o passado, falando do corte de verbas, 10% menor, e as conseqüências com a redução de verbas no ensino. Sem falar que isso é antagonismo: ao mesmo tempo em que o governo exige um provão (isso significa que vai ter que passar por um provão, vai ter que ter um corpo docente mais qualificado, vai ter que ter professores indo à pós-graduação), ao mesmo tempo, ele reduz a verba destinada à pós-graduação. *Tá colocando bem esse paradoxo, esse antagonismo, de uma política de educação* [analiticidade]. Só pode ser um texto opinativo.

S5{B1[P2-15]} - 1/2) Juntando os fragmentos, se confirma... Ele até pode ser um fragmento de uma matéria, se tivesse entre aspas, mas eu continuo apostando num fragmento de **crônica** (né?), *pelas características de texto coloquial* [oralidade], *primeira pessoa* [1ª pessoa do discurso], toda a situação que tá retratando.

S5{B1[P2-16]} - 1/2) Pois é. A gente continua no **texto jornalístico**, aqui: “os extremistas querem derrubar o governo e estabelecer um governo islâmico puro no Egito. Desde 92, 1110 pessoas, terroristas e policiais na maioria, morreram nos choques”. Um **texto**

informativo, um texto pra ser usado em mídia. Eu questiono um pouco o uso da palavra “puro”, inclusive aspado aqui. Seria um estado islâmico absoluto mesmo.

S5{B1[P2-17]} - 1/2) Ele complementa aquele relato. Ele pode ser um relato de uma **crônica**, pode ser um fragmento de uma **carta informal**, pode ser um texto que foi gravado, mas *é essencialmente um texto informal* [- formalidade].

S5

B2 - P1

S5{B2[P1-1]} - 1/2) Fala que a (xxx) é construída de uma maneira informativa, que eles sempre ganham alguma coisa a mais (xxx). Provavelmente este foi teu objetivo. Né? Mas, **a partir do momento em que ele passa a ter essa opinião, se caracteriza como texto de editorial. Certo? Ele começa como texto informativo e termina como texto opinativo.** É uma combinação que você pode usar em texto assinado em jornal. É um texto opinativo e informativo. Seria um editorial, por exemplo. Se você determinar uma terminologia pra ele, seria um **editorial**, principalmente a partir do momento que ele tá jogando muita informação, ou **uma coluna assinada, uma opinião.** Como traz uma opinião do autor, isso é... Eu caracterizo esse texto como opinativo, pra um editorial, pra um artigo, pra uma coluna.

S5{B2[P1-2]} - 1/2) Aqui repete. Né? Repete eu acho que o mesmo esquema que foi usado neste outro texto. Ele tem informações, mas, à medida em que estas informações vão avançando no texto, vão se intercalando com opiniões até o texto se tornar bem opinativo. A exemplo desse primeiro texto, **é um texto de editorial, de um editorial, de uma coluna assinada.** Enfim, alguém está dando, alguém tem que assumir a responsabilidade por essas opiniões, digamos assim. Se o veículo quiser assumir, isto aqui é um texto de editorial, que é um texto que não vai assinado e que sempre tem a voz do jornal. Se representar a opinião de um pesquisador, de um professor, de alguém ligado à universidade, isso aqui também é um texto opinativo, com assinatura, um texto de uma coluna. Certo?

S5

B2 - P2

S5{B2[P2-1]} - 1/2) Ele é um texto que precisa ser melhor trabalhado. Ele tem as informações, mas está faltando estilo, está faltando alguma coisa neste texto. Ele devia ser reescrito pra... Mas ele é basicamente um texto informativo. Certo? Ele não tá claro em alguns momentos, ele devia repetir algumas palavras. Ele precisa ser reescrito. Eu começo o texto sabendo que foi um ataque. Que ataque é esse? Com 67 mortos. Né? Não cita qual é o país.(xxx), eu suponho que seja o Egito. Não tem nada que deixa claro que foi no Egito. Esta informação tem que estar ordenada já no início do texto. Tá faltando um método: a hierarquia dessas informações. Não que essa hierarquia apresentada aqui esteja errada. Ela está inclusive correta, mas tá necessitando é um..., pra dar um pequeno reordenamento dessa frase aqui, trocando as unidades, de repente e tal. Fazer um texto igualmente informativo, só que mais gostoso de ler, mais fácil, mais claro. Certo? Ele tá claro, mas ele tá seco. É um texto meio radiofônico por causa

disso. Mas é um texto informativo. Eu, na minha opinião, é ..., até além de situar melhor isso daqui. É um texto que não pode ficar jogado aqui sem recuperar exatamente que fatos são esses, embora seja muito comum que seja publicado este tipo de texto no jornal. Ele carece de um (xxx), vamos dizer assim, do resgate pra ele ficar um texto completo pr'o leitor, quem for ler o texto, assim, saia satisfeito com essa informação que ele quer passar.

S5{B2[P2-2]} - 1/2) Isto aqui, o problema, se é que a gente pode falar em problema, é exatamente esse: reordenar um pouco as informações pra ele ficar mais claro. E também esclarecer de um resgate dessa história toda. Né? De repente, com informações aqui junto ao (xxx), daria para fazer uma boa mistura e tirar um texto melhor. Essas informações que estão aqui, alguns detalhes aqui que eu acho que são interessantes que sejam citados, por exemplo: como os terroristas se camuflaram pra fazer o massacre dos (67?), 61 casos. Mas, enfim, eu acho que se combinar os dois, a coisa fica melhor aqui. Eu acho que falta reordenar essas informações.

S5{B2[P2-3]} - 1/2) 57 turistas e 4 egípcios, então, são 61 pessoas. "O ataque com saldo de 67 mortos". Quem são os outros 6 mortos? As outras 6 vítimas? Entende? Ele tem um erro de informação. Tá certo que você tá jogando com pelo menos 61 pessoas. Né? Mas você pensa..., aí..., a falar com tanta, a escrever com tanta certeza que o ataque teve um saldo de 67 mortos. Aqui tem um erro de informação. Pelo menos 57 turistas e 4 egípcios dá 61 pessoas. Certo? Depois, em seguida, foram mortos a tiros pelo menos 61 e depois... Oh, desculpa. 6 terroristas morreram. Como eu estou distraído! Gente! Aí dá um saldo de 67 mortos. É realmente a forma. Eu acho que ele deve ser reescrito. Entende? Ele tá confuso. Entende? Dá pra entender o que está acontecendo, mas ele deveria ser reescrito. De repente, ordenar essas informações. Certo eu acho que falta... É só uma questão de estilo mesmo. Eu não sei te dizer qual elemento que tá faltando. Pra mim parece com um texto que tem que ser reescrito e transformado num texto de dois parágrafos pra ficar um texto... (eu não gosto da palavra texto jornalístico), mas, assim, pra ficar um texto informativo um pouco mais direto, um pouco mais claro. Ele tem informações, mas tá faltando mais informações pra sustentar melhor estes acontecimentos. Entende? Se a gente (xxx) e fazer uma pesquisa histórica rápida, a gente consegue salvar isso.

S5

B3 - P1

S5{B3[P1-1]} - 1) Essa é uma **notícia** que tá relatando um fato acontecido. É um relato comum, o de uma crônica, de uma notícia. 2) Traz informações imediatas, informe do que aconteceu. Fala de uma coisa que aconteceu ontem. É uma unidade básica de informação do jornalismo. Isso aqui tá dando um acontecimento, tá relatando um acontecimento. Isso caracteriza uma notícia. Certo? Como eu não gosto do esquema de cada período ser um parágrafo, eu reescreveria este texto. Deixaria ele com 5 parágrafos, de repente, não nessa quantidade grande. Mas, enfim, é um estilo que existe. É muito usado pelo jornalismo de língua espanhola. Eles usam muito isto aqui. Mas principalmente agência usa muito isso pra divulgar notícia em inglês, espanhol, em francês. Eles usam muito este tipo de construção. Facilita a tradução, quando chega

nas agências nacionais. Né? E até mesmo esta característica de redigir o texto, cada período um parágrafo, dá a ele uma carga informativa muito forte.

S5{B3[P1-2]} - 1/2) A forma como este texto está escrito, o assunto que ele tá abordando. A existência dele confirma que o texto anterior é uma notícia. Entende? Ela é imediatista. Aqui não. Aqui já está havendo uma repercussão em cima de um fato que já aconteceu (certo?), que ele foi tratado pela imprensa no dia seguinte ao acontecimento desse fato, enfim (né?), e esse texto aqui começa a pegar um detalhe em particular desse pacote fiscal, vamos começar a nomear as coisas, e estendeu. Ele focou em cima de um detalhe e construiu, a partir de informações de..., outras evidências, um texto opinativo. Pra ser um texto de uso em imprensa, ele tem que ser um texto assinado. Certo? Como eu tinha te falado anteriormente, a não ser, claro, que o veículo esteja assinando embaixo, isto aqui pode ser assumido como um editorial. Mas a diferença básica entre um e o outro é que esse aqui, ele é um texto igualmente informativo, ele traz informação como qualquer texto (né?), só que o tratamento que é feito, ele trabalha com a opinião, dando uma nova análise de um fato. Ele é um texto opinativo, **é um texto pra editorial**, editorial todos os texto de jornal são..., o texto de editorial **pra página de opinião**. Certo? Informações que estão aqui, elas podem ser retiradas e pode ser construída uma notícia. Ao mesmo tempo que no texto anterior, falando do massacre lá do Egito, se você tiver conhecimento do todo... os fatos políticos que levam a esse tipo de reação terrorista, você também pode tirar um texto opinativo.

S5{B3[P1-3]} - Este é um texto que, basicamente, ele tá falando com um público que já tem um pré-conhecimento do assunto. Certo? A partir do momento em que ele começa a colocar, ele começa a descrever o resultado de um trabalho (né?), uma análise piloto quanto a gênero do discurso, isto já direciona o texto para um tipo de público e, do jeito que ele está estruturado, ele remete a situações, enfim, a determinados aspectos que tu necessita ter um conhecimento básico. “Este estudo focaliza ainda quais aspectos léxico-gramaticais formalizam as funções retóricas dos movimentos e passos identificados nesse *corpus*”. É um texto bem dirigido. Você tem que ter um conhecimento básico em Linguística pra poder entender o percurso que se segue. É a **abertura de algum livro de texto acadêmico**. Um nome. Né? (xxx) eu não conheço a nomeação de texto, mas eu diria que isso aqui é um **texto de abertura**, é um **texto de apresentação**.

S5{B3[P1-4]} - 1) É um texto de uma **carta comercial**, a partir do momento em que ele coloca, informan..., ele tá fazendo um discurso sem... Sei lá! Ah, tá feio, desculpa, me perdi. Dá uma pausa. O cara está desmanchando um negócio através de uma carta, através de um texto de um fax, de uma carta. Certo? Um texto com esse objetivo, pra discutir informação, pra manter um contato comercial. 2) Pelo tom que a carta..., pelo tom que ela tem, pelos pronomes de tratamento, ele já dá (certo?)..., vai me faltar palavra agora, mas o pronome de tratamento é um vocativo, é o jeito que você está chamando a atenção de alguém. Ali tá escrito vossas senhorias, acredito eu, eu tô chutando que seja vossas senhorias aqui, sou péssimo em pronomes de tratamento, mas esse fato aqui já determina que ele é uma carta, uma carta formal, depois o assunto que está sendo abordado entra na forma de uma carta comercial formal, normalmente são as cartas comerciais, formais, sob um tom de formalidade (né?): “cumpre-nos informar”. Muito solene. “Cumpre-nos informar”. Esta solenidade toda caracteriza

como uma carta comercial muito formal. “Sem mais subscrevemo-nos, atenciosamente”. Este é o fecho clássico de cartas formais.

S5{B3[P1-5]} - 1/2) Esse, eu lembrei do texto agora! Esse aqui é uma **crônica**, gente. Esse aqui é bárbaro. Eu adorei esse texto aqui. Ele pode ser, desde um texto de história em quadrinhos, até uma crônica. Certo? Ele tá relatando um fato que não interessa pra ninguém a não ser pr'o próprio autor, mas, o jeito que ele tá trabalhado, ele pode chamar a atenção das pessoas pelo seu estado de literatura. Né? Afinal, o mundo acontece na tua rua. E deixa um tom de curiosidade com: “aí eu recolhi os negócios, eu e esse meu primo e fomos embora pra casa”. Que negócios são esses. Né? Que que ele tava fazendo nessa lanchonete? Aqui tem um antes e tem um depois: fragmento de crônica.

S5

B3 - P2 (Q1)

S5{B3[P2(Q1-1)]} - A) São. B) A estrutura e o tipo de informação que cada um deles está passando. A estrutura, o uso de palavras. Né? Você tem aqui um texto informativo, uma notícia, basicamente, você tem um texto mais aprofundado com todas as informações, que é o opinativo, um texto que eu julgo um texto acadêmico, um texto voltado pra alguém que tem pré-conhecimento sobre o assunto, conhecimento profundo pra entender esse texto, o quarto texto é uma carta comercial e o quinto é um fragmento de crônica. Todos eles são textos que te passam informações. Certo? Algumas tem a necessidade de ter um conhecimento mais profundo pra entender, no caso do terceiro texto, que eu considerarei acadêmico. O primeiro texto está bem informativo, mas (sabe?) ele exige um pouco do leitor que ele tenha um conhecimento sobre a questão islâmica, sobre o que é o Islamismo, o texto não cumpre informar muito bem. Foi isso que eu te falei num dos comentários a respeito de um dos fragmentos desta notícia que, pra ela ser publicável, pra qualquer (xxx) em jornais, ela seria assim, mas, com um bom trabalho de edição, precisa ter um resgate em termos do caso, alguma coisa desse tipo. Certo?

S5{B3[P2(Q1-2)]} - (1) Existe uma regra em jornalismo que diz que você sempre começa o texto pelo acontecimento particular. Fles chamam isso até de pirâmide invertida. Do jeito que as informações são colocadas, elas formam uma pirâmide de informações. Certo? Começa dando o..., ela, ele é um pirâmide que, ele vai de um assunto, ele vai ampliando. Podemos dizer que (xxx)... Este texto é uma outra teoria do jornalismo. O primeiro elemento que devia ser colocado seria o *lead* (né?) que te dá uma abertura no texto que tá acontecendo e vai deixando você se aproximar de um texto (xxx). Sei lá! Até pelo próprio tamanho que ele tem também é um dado estrutural da redação da notícia.

(2) O texto, ele tem uma conclusão. Todos os outros textos têm uma conclusão. Num, a conclusão é uma relação de fatos que estão pra acontecer, por exemplo, ele tá perguntando: que tratou esta reunião de Estado, esta reunião de Estado vai definir? Esta é uma outra notícia: suíte desse acontecimento. Neste segundo caso, o autor coloca uma conclusão opinativa, ele conclui o texto. E aqui ele concluiu com (xxx). Então ele fecha uma opinião. Ele tem uma abertura, chamando pr'um fato. Ele vai (xxx) pra que

fato foi esse. Aqui no caso, (xxx) e puxa pra uma conclusão, pr'um fecho. Ele tem, dentro destes critérios, ele tem uma introdução, um aprofundamento, e uma conclusão.

(3) Ele é uma apresentação de um trabalho científico. A estrutura dele é essa: introduzir o assunto. E ele falha (né?), e ele limita as pessoas que não têm um prévio conhecimento sobre o debate que ele tá propondo, no âmbito lingüístico...

(4) A conclusão de uma carta comercial. Isto mesmo. A estrutura dele é esta. Ele tá..., ele é um fragmento que fecha, é uma conclusão de um assunto anterior. Eu não sei exatamente qual é. Tem um elemento aqui que não fecha. A conclusão que você acaba sofrendo é que ele tá desfazendo um negócio através de uma carta comercial.

(5) É bem um fragmento. Ele tá jogado. Ele situa um acontecimento num determinado lugar, mas não te traz realmente como esta situação aconteceu, nem o que aconteceu depois dela. É um fragmento, talvez, de um diário. Diário (xxx) introduz um acontecimento, mas não dá uma conclusão. O personagem desse acontecimento saiu do lugar.

S5{B3[P2(Q1-3)]} - Vou começar por traz. O último texto que peguei foi crônica. Eu me lembro de estrutura de crônica, estrutura de conto, estrutura de romance, estrutura de notícia, estrutura de um texto opinativo, de um artigo editorial. Tem o texto... Uma peça de teatro é um texto, poesia também é um texto, a própria carta é um texto, um roteiro de um vídeo, um roteiro pra um áudio-visual, entrevista de pergunta e resposta (né?), num curso como o jornalismo tem esse tipo de texto que é o que gente chama de ping e pong (bate e volta). É uma pergunta e uma resposta, uma pergunta e uma resposta.

S5{B3[P2(Q1-4)]} - A notícia, quando ela é um acontecimento, um relato, a reportagem, quando você aprofunda determinado acontecimento, você faz uma matéria mais detalhada, você acaba chamando de reportagem. Na verdade, reportagem, ela tá em tudo. Tem vários tipos de reportagem, mas ar bem diferente da notícia. Quer dizer, o enfoque necessariamente informativo, de repente, informativo com outros mais, que permite, ao leitor, formar uma opinião sobre o assunto. Também, pra aprofundar, o texto editorial. O texto com legenda, uma foto com legenda, que é um texto informativo curto que remete a uma foto, carece da foto pra ser completo. Certo? A foto aparece simplesmente como uma entrada pra uma reportagem, pra uma notícia. Ela tá complementando o texto onde tiver. O texto editorial, o artigo, a crítica, de determinada obra, de um livro, de um filme, a crônica, inclusive um tipo de texto que nasceu no jornalismo brasileiro. Eu acho que basicamente estes 8. Você encontra outros tipos de texto num jornal. Depende da edição do jornal, você vai encontrar as cartas, outro tipo de texto, por exemplo, opinião de leitor também é importante que seja citado. Basicamente estes. Aí tá. Aí tem variações. Por exemplo, tem o texto de chamada de capa de jornal, que você vai pegar o assunto quente do dia. (xxx) Vai ter esse texto no jornal na forma de uma notícia, de uma reportagem e vai ter o que chamaremos de uma chamada, de um texto de capa, que seria uma manchete e um texto de apoio que a gente chama de chamada. Chamada também é um tipo de texto que são os excitadores do jornal, são os (xxx), através deles, você vai chamar o leitor a ler. A grande função editorial de um jornal, digamos assim, quando você começa a editá-lo, é como você vai tornar todos aqueles assuntos atraentes pr'o leitor. Então, aí

que tá a utilidade do texto que a gente chama manchete, título, olho, que é o textinho de abertura, pequenininho. O olho tá te olhando, te chamando pr'o texto. São os truques que a gente tem no jornalismo pra chamar o leitor pr'o filé da história toda que é a reportagem que é a notícia. Também é muito importante.

S5{B3[P2(Q1-5)]} - Há determinados romances, principalmente romanc..., principalmente não, quase todos são romances históricos, em que eles tratam determinada época da história de determinado povo, determinado país, e que acabam tendo uma importância jornalística, inclusive. Você pode pegar desde *Os Sertões* de Euclides da Cunha, ele cobriu a Revolta de Canudos no Estado de São Paulo e lançou um livro, em seguida, compilando essa reportagens. Ele é um clássico literário, enfim, mas ele é..., a essência dele é jornalística. Entende? *Os Dez Dias que Abalaram o Mundo* de John (xxx) também faz o mesmo esquema. Então, são grandes textos, são grandes romances... *As Vinhas da Ira* do John Steinbeck é o mesmo esquema. Neste caso, também era jornalista. Ele conta como um episódio da vida socioeconômica americana, que, no caso, foi... (porra, eu li este livro faz tempo!), foi uma grande migração interna que houve nos Estados Unidos. Ele pegou um exemplo e transformou aquilo lá num livro, o exemplo de uma família que migrou do interior dos Estados Unidos até a costa Oeste, até o pacífico. Né? Quer dizer, são textos literários que são, também, textos jornalísticos. Inclusive tem uma escola, digamos assim, uma tendência, um ramo do jornalismo, chamado novo jornalismo, que surgiu na década de 50, 60, em que alguns jornalistas começaram a usar elementos de ficção, elementos da literatura pra escreverem artigos. Então, textos fantásticos, fazendo cobertura de uma corrida de carro, que se transformam numa grande crônica, que descreve coisas, se aprofunda. Né? Aí você acaba achando, os livros são de uma fonte de literatura, mas são livros que nasceram com uma proposta de um jornalismo. São textos publicados por revistas como a *Squire* ou Revista do *New York Times*, revista (xxx). Também são textos de autores que são jornalistas, trabalham com a literatura, mas são textos jornalísticos de alguma maneira.

S5

B3 - P2(Q2)

S5{B3[P2(Q2-1)]} - A partir do momento que você sabe qual assunto que você vai cobrir, o que está provocando esta notícia, você vai ter que averiguar todos os dados, e todos os dados que determinaram aquele acontecimento, desde o porquê que aquele acontecimento existiu, quando ele aconteceu, como, porque, quem foram as pessoas envolvidas, o importante seria ouvir todos os lados possíveis, das forças que se envolveram nesse acontecimento, ou então as instituições envolvidas, você ouvir as pessoas que respondem pelas instituições. A partir do momento em que você pegou todos esses dados, checkou todas essas informações, você pode começar a escrever o texto. Mas, o primeiro passo é você levantar esses dados, o segundo, você hierarquizar esses dados, e o terceiro, finalmente, escrever o texto. Isso pode ser uma coisa que você pode conseguir em meia hora, dependendo do assunto, ou você pode levar dias, também, dependendo de que assunto você está investigando, pra redação desse texto. Levantar as informações, checkar..., por exemplo, um entrevistado seu pode falar que a população de Florianópolis tá em tal número. Certo? É interessante checkar esse número junto a alguma informação oficial, por exemplo, do IBGE, que é o órgão do Brasil que

faz este tipo de levantamento. Né? Você confirmar estes dados e, até mesmo, a veracidade. De repente, um assessor pode te falar..., um assessor de determinada figura política, por exemplo, pode te falar um assunto, você duvidar desse assunto. Né? Uma das regras do jornalismo é você duvidar de tudo o que te falam. Então checar as informações é vital pra tu fazer um trabalho claro e ético. Depois, tem que hierarquizar essas informações, por exemplo, o que é mais importante, o que tem de diferente nesta história, como eu vou vender esse peixe pr'um leitor. Entende? Por exemplo, voltando àquele caso do massacre dos turistas, o que foi mais chocante? Acho que o número de mortos (né?) que o ato levou. Então você vai abrir, você vai começar a redigir, falando que houve um massacre, tantos mortos em tal lugar. Né? Hierarquizar essa informação. Você vai ter informação que vai pegar muita gente. É comum quando você começa a escrever um texto, quando você começa a ter uma sistemática de produção de textos diários, você escrever texto sem se dar conta que deixou a informação mais importante no final da notícia. Onde é que tá...? A gente costuma falar, onde é que tá o *lead*? Onde é que tá o primeiro parágrafo do texto? Você sente que tá com algum problema de estrutura. Tu lê aquilo, subtrai e diz: não, pera aí, a informação está aqui no meio, vamos, então, inverter, vamos puxar isto pra cima. O exemplo que eu posso te dar é que, esta semana, foi divulgado pela Fundação Getúlio Vargas os números relativos ao crescimento da indústria no país em 97. Este texto caiu na minha mão. E o texto, como foi mandado pr'a gente do Estado, eles abriram mostrando o desempenho do Estado de São Paulo, mas, lá pelo terceiro parágrafo, começava a falar do desempenho do Estado de Santa Catarina, que também teve uma queda, enfim. Aí o que que eu tive que fazer? Eu tava preparando um texto pra um jornal regional, pra um jornal estadual: puxar todas as informações sobre Santa Catarina pr'o alto da matéria. Também essa questão de hierarquizar informações é muito relativo. Sabe? Num jornal nacional, num jornal que cubra todo o país, você vai falar, naturalmente, o maior, o destaque que tem o parque industrial, que é São Paulo. Mas se você está escrevendo pra um jornal em Pernambuco, você vai falar primeiro, se o jornal só circula em Pernambuco, você vai falar primeiro da situação que está o Estado de Pernambuco e vai trazer essas informações pr'a tua abertura de matéria. Daí que eu falo que é relativo. Naturalmente, há fatos que não..., que você mantém a mesma estrutura porque a importância do assunto é nacional. Numa queda de ministro, não tem o que você... Qual é a informação mais importante você vai contar, num relato, em que caiu o ministro? É o nome do ministro que caiu, que pasta ele ocupava e porque ele caiu. Na abertura... Depois, eu pego..., você pode aprofundar, dizer que a situação ministerial está assim e assado que tem uma determinada dança de cadeiras. Né? Se é uma assunto nacional, não tem porque mudar a estrutura. Você vai passar assim mesmo o acontecimento.

S5{B3[P2(Q2-2)]} - Clareza, você tem que ser claro, e, principalmente, qualidade de informação. Entende? Que tipo de informações eu estou passando e se estas informações estão corretas. São as duas premissas básicas: fazer um texto claro, fazer um texto preciso. Você não pode trabalhar com um texto que não seja claro, que não tenha uma leitura fácil. Quando você está trabalhando com um tipo de texto, você não sabe quem vai ler. Você vai atingir pessoas com diferentes formações culturais, com diferente formação, inclusive, acadêmica, desde de um cara que sabe praticamente ler até uma pessoa que sabe muito mais se inteirar por força de outras razões. Né? Então, tem que ser um texto claro, que fique claro pra toda pessoa que vá lê-lo e, obviamente, com uma precisão informativa. Você não vai falar, por exemplo, que Santa Catarina

tem 15 milhões de habitantes num texto. Teu texto pode estar claríssimo, mas você não pode dar esta informação porque é falsa.

S5{B3[P2(Q2-3)]} - São aqueles que eu te falei antes: principalmente, manter uma clareza, pra que ele tenha um ritmo, ele não se torne um texto enfadonho, se torne um texto cansativo. Por mais maçante que o assunto possa ser, você tem que deixar ele suave. E quando você trabalha numa editoria coma a que eu estou trabalhando agora, que é a economia, esse cuidado tem que ser praticamente redobrado. Você trabalha muito com jargões, o maldito economês, precisa trocar isso pra uma linguagem acessível. Então, de repente, você está com um texto em mãos e cita alguma coisa que um economista domina, por exemplo, TBC (taxa básica do Banco Central), é uma taxa de juros que regula a cobrança de juros no país. Então, se colocar num texto que a TBC subiu, você tem que explicar o que que é uma TBC, o que que quer dizer esse aumento. Essa clareza, você tem que procurar sempre. Existem tantos casos de TBC que tem uma história que aconteceu ontem comigo. Eu tive que refazer esse texto e eu disse: o que é a TBC? Coloquei lá em duas linhas. A clareza é a premissa básica de um texto pra jornal.

S5{B3[P2(Q2-4)]} - Sem dúvida. Quando você trabalha numa linha de produção de texto com é o jornal, você tem que ter isso muito claro. Até em função do espaço que é te dado pra determinado texto. Às vezes, você tem que pegar um texto super resumido, porque é o espaço que você tem pr'aquela texto que o espaço está previsto na edição do jornal vai te exigir, que o texto seja. Quem sabe? Normalmente, nunca é o primeiro texto que você usa. Todo texto é um passo novo. Tem texto que eu fico pensando dois dias antes de começar a escrever, quando eu tenho prazo. Tem texto que eu começo a escrever, em casa, a mão, começo a ordenar idéias pra chegar a uma estrutura que eu possa seguir. O processo de criar um texto pra jornal, eu acho, particularmente, uma gestação. Apesar de ter que fazer isso todo dia, a cada dia que passa, eu tenho que fazer um texto, eu leio aquele texto em voz alta. Quando você lê, em voz alta, um texto que a maioria não vai ler em voz alta, como é o caso do texto de jornal, no momento que você dá voz a este texto, você percebe alguns vícios que ele tem, algumas imperfeições gramaticais, você percebe na hora que lê este texto em voz alta. Quer dizer, a criação de um texto começa de..., você começa a elaborar, inclusive pra hierarquizar as informações que você precisa, você tem que começar a pensar nesse texto. A questão do tipo, até que não, porque são funções delegadas. Né? O repórter precisa pensar num tipo de texto dele notícia, reportagem. O editor de opinião vai ter que pensar sempre no texto sabendo que vai ter que trabalhar com opinião. Ele vai ter que fazer um texto diferente, como um dos exemplos que você me mostrou. Então, chega uma hora que você liga o piloto automático. Né? Você sabe que tem informações, que precisa escrever uma notícia de 15 linhas. Pensa sobre o texto, tá, vamos lá, escreve o texto, revisa, se intitula, tá pronto em 20 minutos. Agora, por exemplo, se forem me dar esta função..., (sei lá!) de repente eu chego no jornal: vai escrever o editorial. Paro o que eu estou fazendo, vou trabalhar com um texto que eu não tenho intimidade. Certo? Então vai ser um processo mais difícil. Vou ter que pensar bem mais com este tipo de texto. Mas, como há esta estratificação de funções, quem vai escrever tal tipo de texto numa edição, essa mudança de você ficar pensando um texto, no estilo que ele vai ter, na forma que ele vai ter, acaba não acontecendo. Uma jornalista (xxx) uma vez me falou que, não concordo muito com ela, mas, enfim, vou até citar como exemplo. Ela disse que perguntaram pra ela, ela é editorialista, como é que ela fazia pra escrever um texto,

pra defender uma opinião assumida por uma iditoria onde ela trabalhava e que, de repente, não era a mesma que ela tinha (talvez até ela seria um cérebro de aluguel da empresa, vamos dizer assim), falou que sem problema. Ela comparou até mesmo com um transe: abaixa um santo e eu escrevo o texto que eu tenho que escrever, mesmo eu discordando. Isto nunca aconteceu comigo, escrever um texto sobre um assunto que eu não concorde e falar que eu concordo. Não aconteceu comigo e não sei nem qual seria a minha reação nessa hora. Né? Se eu ia fazer de conta que tá tudo bem e fazer o meu trabalho ou se eu ia recusar fazer esse texto. Ainda não aconteceu isso comigo e te confesso que não sei qual reação eu teria. Provavelmente ia ser um cavalo de batalha. Eu ia recusar o texto, acredito eu.

S5{B3[P2(Q2-5)]} - Ah, é a estrutura formal do *lead* (né?), aquelas perguntinhas básicas: o quê, quando, como, onde, por quê, para quem. Cada jornalista fica batendo um jeito de escrever o *lead*, mas você tem que satisfazer estas informações básicas na abertura de uma notícia. É um estilo a ser seguido? É. Ele tem variações, ele permite inclusive revoluções nesse estilo? Permite. Mas isto depende muito pra que tipo de veículo você está trabalhando. Mas, mesmo nesses veículos mais sisudos com relação à estrutura de texto, você consegue fazer experiências e tal. Eu não tenho tanta experiência a ponto de dizer que eu poderia fazer isso, mas pessoas que têm mais experiência conseguem pegar informações duras e trabalhar, quebrar um pouco esta monotonia do: por quê?, quem mandou? Não é impossível. Consegue. Quem quebrou muito a forma como era feito o jornalismo no Brasil, inclusive que introduziu o *lead*, que é uma inovação americana, que foi bem pra consumo, que seria o texto pra consumo... O *lead* é uma invenção americana, você pega numa notícia, ele é uma forma americana. No Brasil, ele começou a ser praticado..., eu não tenho certeza a época, mas você imagina de uma 35 anos, e foi na redação do Jornal do Brasil, eles começaram a testar o *lead* no país (né?) e ele virou regra. Todos os jornais diários adotam o *lead*. Mas há conflitos, digamos, direto, se é a melhor forma ou não de escrever uma notícia. Daí, ali, implica uma série de fatores: a concorrência com o rádio, a concorrência com a tevê é uma coisa que se preocupa muito com o trabalho com o texto de jornal, inclusive houve uma radicalização do *lead* numa experiência americana realizada no USA Today, tablóide americano do início dos anos 80. Né? Por que ele prioriza o texto curto. É um tipo de jornal pra você ler no metrô, dentro do ônibus, em casa, rapidinho. (xxx) de mapas, de gráficos, (xxx) desse tipo de recurso, mas há que ter um certo critério pra você usá-lo. Né? Você não pode comprometer o tipo de informação, nem a qualidade da informação que você vai passar por causa de uma regra estrutural por parte do jornal. É complicado. O jornal, ele ainda vai ter que passar por algumas mudanças ou perder um pouco desse pavor que ele tem pela concorrência com outras mídias: tevê, rádio e, agora, muita coisa *on-line* (xxx). Não que ele tenha que mudar. Tem que se atualizar, de repente. Ele tem um pavor meio desmedido da tevê. (xxx) nas redações aqui do Brasil, os jornais tentam se igualar à tevê na velocidade de informação, o que é absurdo. Por exemplo, uma tragédia que aconteça às cinco horas da tarde (a coisa da tragédia que sempre rende notícia), a tevê vai dar uma cobertura no dia. O jornal vai trazer essas mesmas informações no dia seguinte. Por que que o jornal não aprofunda essas informações? Acontece isso no (xxx), mas tem vezes que não acontece. Às vezes, só a satisfação de dar a mesmas informações do dia anterior deixa uma equipe satisfeita, mas não satisfaz o leitor, por que o leitor acabou sabendo tudo aquilo pela tevê e ele queria aprofundar. Essa função do jornal de aprofundar a abordagem do assunto que vai ser uma das saídas pra essa concorrência da mídia instantânea, rápida,

Internet. Mas é um processo..., deveria ser mais rápido, mas que vai mexer um pouco com a estrutura do trabalho em redação. Ele vai ser lento, possivelmente vai acabar sendo lento, mas que vai ser uma revolução, vai ser, óbvio, quando o jornal se der conta que a função dele é um aprofundamento das abordagens dos acontecimentos.

SUJEITO 6

S6

B1 - P1

S6{B1[P1-1]} - 1/2) Eu acho que é uma **narração**. Né? Tá contando um pedaço de uma história. *Aconteceu alguma coisa antes* [narratividade] que ela achou engraçado e começou a rir. Então, tá narrando. É um texto de uma narrativa.

S6{B1[P1-2]} - 1/2) Isso é **dissertação**. Né? Inclusive parece que *é bem técnico* [tecnicidade] porque “o resultado preliminar de uma análise piloto quanto ao gênero” *tá apresentando o resultado de alguma coisa. Ele vai dissertar sobre alguma coisa que ele pesquisou* [TCO].

S6{B1[P1-3]} - 1/2) Também esse é um **relatório**. Pelo tipo de texto também seria outra **dissertação**. Né? O cara tá explicando porque vai comprar determinado produto de outra pessoa e não desse. Deve ter tido algum problema aí, mas é relatório. Porque *fala em adquirir produtos de outros fabricantes para repor* [TCO]... O que dá a entender aqui no texto é que é uma empresa que tá comprando algum tipo de produto (né?), *como tá claro aqui pelo “estoque”* [léxico específico]. Então, este fato que não tá citado no texto é um fato anterior, que ele deve ter explicado no relatório, levou a empresa a cancelar determinada compra e comprar outro. Então, lembra até essas histórias de licitação. Por isso que é um relatório. Né? Às vezes pode até ser um relatório do Tribunal de Contas explicando, por exemplo: não compramos desse por isso e isso. Aí isso, isso e isso é o fato. Então, esse fato nos levou desse..., com o preço. Por isso que eu digo que é um relatório.

S6{B1[P1-4]} - 1/2) Outra **história** (né?), outra **narração**. Aconteceu alguma coisa errado ou boa, “aí todo mundo olhou pra minha cara”. Por que aqui está contando uma história. Alguma coisa está acontecendo. Esses outros, por exemplo, pra diferenciar, é uma coisa mais técnica. Né? Tá explicando determinado assunto. Aqui ele tá relatando porque que ele não vai comprar aquilo. Quer dizer, são argumentos técnicos para deixar de fazer ou pra fazer alguma coisa. Aqui no caso tá defendendo uma idéia e aqui defendendo uma compra. Aqui não, aqui dá toda a impressão que ele tá contando uma história: “aí todo mundo olhou pra minha cara”. Então (sei lá!), *tá contando alguma coisa que aconteceu e ele reagiu de uma certa maneira* [narratividade]. Né? Como eu falei, ou foi uma coisa boa, ou foi uma coisa ruim o que provocou que ele chamasse a atenção por alguma coisa que aconteceu. Então (sei lá!), tá numa festa, derrubou um copo, quebrou um copo: “aí todo mundo olhou pra minha cara”. Ou tá numa palestra e foi citado pelo palestrante como uma figura eminente e aí ele ficou meio envergonhado, todo mundo olhou pra cara dele. Não sei! A impressão que dá é essa. Parece que ele tá contando uma história pra alguém, contando algo que aconteceu e uma das frases: “porra cara, aí todo mundo olhou pra minha cara”. É essa a impressão que me dá.

S6{B1[P1-5]} - 1/2) Isso aqui é a cara de **editorial de jornal**. Mais uma **dissertação**. Né? Porque provavelmente o editorialista *colocou alguns argumentos antes, aí, depois, ele concluiu* [esquema argumentativo]: “Em suma, o governo estimulou, via provão, a corrida à pós-graduação e agora reprime a demanda que ajudou a criar”. Então, tem cara de editorial de jornal.

S6{B1[P1-6]} - 1) Mais um **relatório**. Provavelmente alguém que estava estudando alguma coisa da..., a gené..., a genética, a estrutura genérica resultante... Bom, ainda assim é um relatório. Não sei de que área, porque eu não sei quem é Bhatia. Mas, ainda assim, é um relatório de alguma estrutura: talvez lingüística, talvez de antropologia ou talvez até de biologia mesmo. Mas tem cara de relatório. 2) Bom, primeiro porque *ele aponta alguns dados...*, “a estrutura genérica resultante”, *quer dizer, ele teve um resultado. Houve algum tipo de pesquisa aí* [TES], seja física, seja de química, seja de ciências sociais ou até mesmo de psicologia. Mas houve uma pesquisa. Né? Pra ele ter uma estrutura genérica resultante é porque ele teve dados como resultado. Aí: “apresenta semelhanças com a estrutura identificada por Bhatia”. Isso é muito da ciência. Você fazer determinada pesquisa pra procurar semelhanças ou diferenças com determinada teoria, que é o que ele tá falando aqui que: “a estrutura identificada por Bhatia”. Não sei quem é esse Bhatia, mas que tem cara de texto científico, tem.

S6{B1[P1-7]} - 1) Mais um **texto de jornal**. Parece alguma coisa de guerra. *Aconteceu determinada guerra: “a maioria das vítimas são japoneses, alemães e... Ou uma queda de um avião* [TCI], por exemplo. Isso você vê muito em matéria de queda de avião: caiu um avião em tal lugar, bababá bababá, morreram 230 pessoas, daí tá: “a maioria das vítimas são japoneses, alemães e suíços”. Tem cara de **notícia de jornal**. 2) Pelo o que eu te falei. Parece que ele contou algum fato antes, no jargão jornalístico onde tem o *lead* e o *sub-lead*. Né? O *lead* é aquele que abre a matéria. Então conta: ontem à noite caiu um avião em Berlim e na queda morreram 240 pessoas. Quem lê vai pensar: porra, mas aonde que morreram essas pessoas? Será que tem algum brasileiro? Então o próximo parágrafo: “a maioria das vítimas são japoneses, alemães e suíços”. Então, por isso tem cara de notícia de jornal, contando..., o que me vem à idéia aqui é, por exemplo, a queda de um avião.

S6{B1[P1-8]} - 1) Isso parece um **discurso**. Né? Coisa de ministro: “hoje mais do que nunca a ciência é condição e alavanca do progresso”. Ou, então, **aula inaugural de universidade**. As pessoas falam muito isso em aula inaugural. Agora, tem cara de discurso de alguém, ou alguma aula, alguma **palestra**. Né? 2) *Pelo clichê* [conteúdo clichê] (né?): “hoje mais do que nunca a ciência é condição e alavanca do progresso”. É um puta clichê isso aí e, geralmente quando a pessoa está discursando ou fazendo campanha política, você fala, mais ou menos, aquele clichê que é pra pegar a sua audiência ali diferente, heterogênea (né?), pelo menos a maioria. E o povo gosta de ouvir isso. Então, por isso que a mim me lembra um..., tem cara de discurso político sobretudo. O cara tá inaugurando ali. De repente é um laboratório de uma nova universidade ou, um laboratório até num hospital pra fazer algum tipo de pesquisa, e aí (né?), pra defender a ação dele no governo, de quem seja, e aí ele vai..., durante o discurso ele fala: isso é muito importante porque “hoje mais do que nunca a ciência e a alavanca”... Por isso que tem cara de discurso isso.

S6{B1[P1-9]} - 1/2) Mais um **relatório técnico**. De repente, de algum representante de venda ou algum representante médico. Sei lá! Qualquer coisa que esteja num ponto remoto e que depende que o representante passe lá direto. Até da FUNAI, por exemplo. Sei lá! Algum posto de meteorologia, algum posto de meio ambiente. Então, eles estão precisando de um determinado profissional que tenha que passar lá naquela região e ele está avisando o chefe, ou a matriz, ou o órgão responsável. Você vê oh: “cumpre-nos informar que já faz três meses que ninguém aparece”. Isso é mais um relatório técnico. *Eles estão pedindo um profissional ou estão explicando* [TCI/expositividade]: porque vocês não mandaram lá tal coisa? Ah, porque o seu representante não aparece aqui. Ou tão pedindo alguém ou tão explicando alguma coisa que eles deixaram de fazer. Mas é relatório técnico também. Tem cara.

S6{B1[P1-10]} - 1/2) Também mais uma **narrativa** aqui. Né? Parece também **texto de jornal**. “Há relatos contraditórios sobre a seqüência de eventos e número de mortos”. É aquilo que eu lhe falei. Né? Essas que me lembram **matéria de jornal**, lembram certas frases do meio do jornal. Então tem lá, assim, uma notícia maior, você pode até se ligar àquela dos japoneses, porque ele diz que a maioria das vítimas lá são japoneses, alemães e suíços: havia relatos contraditórios sobre a seqüência dos eventos e número de mortos. Pera aí! *Deve ter acontecido algum acidente, só que não se sabe ainda como aconteceu o acidente (né?), como é que foram a seqüência dos eventos e não se contaram os mortos ainda* [TCI]. Mas é **notícia de jornal** também.

S6{B1[P1-11]} - 1/2) É outra **narrativa**. Também parece **conversa**, alguém contando uma história sobre algum lugar, porque tem cara de uma conversa. Né? Alguém contou alguma coisa em determinado lugar e a figura que ouviu falou: ah, conheço. É assim, assim, assado. Até já passei um vexame lá. Então, tem cara ou de uma conversa, de duas pessoas conversando, isso é uma parte da conversa, ou, até mesmo, uma história, uma narrativa (né?) e o personagem vai fazer alguma coisa ou foi fazer alguma coisa e comenta que, nesse lugar onde ele foi, ele já passou um vexame. É narrativa aí também.

S6{B1[P1-12]} - 1/2) Aqui pode ser os dois também. Tem cara de... É estranho, é tudo a mesma coisa, narrativa e notícia de jornal você está contando uma história. Tem cara de **notícia de jornal** e tem cara de **romance**: um conto, uma **crônica**, ou uma **narrativa** como as outras que eu apontei ali. Né? Porque tá contando a história de algumas pessoas (é mais de um, porque tomaram outro ônibus), de algumas pessoas que tomaram o ônibus, andaram não sei quanto tempo. Quer dizer, *tá contando uma série de fatos que aconteceram* [narratividade]. Ou é uma história, ou é um romance, uma crônica, um conto, ou é uma história de jornal, por exemplo, dois ladrões, três ladrões que fugiram e tomaram o ônibus e... Sei lá! Então, é mais uma narrativa.

S6{B1[P1-13]} - 1/2) Também tem cara de **notícia** (xxx), às vezes, alguma análise de jornal, explicando o lançamento do pacote fiscal, onde vai... Isso acontece muito, inclusive, em todos os jornais. Né? Todos eles têm alguma novidade na área econômica, ou alguma descoberta na área científica, ou um acontecimento na área de cultura e eles chamam alguns dois ou três bambambam aí pra fazer uns artigos comentando. Tem cara disso. Foi lançado um grande pacote fiscal aí ontem e aí *o cara tá explicando* [expositividade]: uma das áreas afetadas é a pós-graduação. E aí, teoricamente, ele continuaria explicando. Tem cara de artigo de jornal também. Não

tem cara de editorial, por que aqueles que eu apontei editorial é um negócio mais..., já tem um comentário naquela frase. Sabe? Naquela frase já tinha um comentário. Por isso que eu achei com cara de editorial. Porque o editorial, ele põe a opinião do cara ali. Aqui não tem muita opinião ainda. Né? A impressão que dá é que ele vai explicar aqui: olha, uma das áreas afetadas é a pós-graduação. Não tem nenhuma... Ele não diz que o pacote fiscal é bom ou ruim, que o pacote fiscal tem equívocos. Eu não sei. Né? É uma frase um pouco mais fria e a impressão que dá é que viria uma descrição técnica e, depois, porque que ele acha que a pós-graduação... Então é por isso que eu digo que esse aqui é mais **artigo de jornal** e não editorial. Por que o articulista coloca um pouco a opinião dele também, mas, sobretudo nos cadernos específicos, economia, esporte, esporte não conta, porque esporte é paixão, economia, ciência (né?), o cara coloca alguns dados técnicos ali. O que me lembrou um pouco isso aí, de tudo que eu falei, foi as matérias do Luis Nassif, por exemplo, na Folha, no caderno de economia, ou do Celso Pinto, também, de economia, ou do Jânio Freitas, no caderno de política, porque eles dizem as coisas, mas é por isso, isso, isso e isso. Já o editorial não. Tem mais a opinião do jornal mesmo. Ele não fica perdendo muito tempo em fazer a descrição técnica, em querer provar o que ele tá falando com dados e tal. Ela tá colocando a opinião do jornal e vai discutir essa opinião. É por isso que eu achei... É sutil, mas... Não sei.

S6{B1[P1-14]} - 1/2) Mais um **texto científico**. Né? Esse “*corpus* numa empresa do mercado fármaco-veterinário”. É mais um **relatório**, explicando também alguma coisa que tá sendo pesquisada aí. Né? Os textos que eu acho que é relatório, eles têm a cara de *texto técnico por causa das palavras*. Né? Esse “*corpus*” num “*mercado fármaco-veterinário*” [léxico específico]. Se bem que *corpus* eu nunca vi em texto técnico. Geralmente é esse exemplar, esse..., ele dá o nome específico do exemplar. Né? *Corpus* pra mim é novidade. Mas tem cara. Ele tem o “mercado fármaco-veterinário”. Então, *tá explicando também sobre alguma coisa que está sendo pesquisada, coletada, e aonde eles conseguiram* [expositividade/TCO]. Nessa empresa brasileira aí. É **relatório científico** também.

S6{B1[P1-15]} - 1/2) Esse é continuação daquele lá, do rapaz que não aparece há três meses. Parece que eles estão cobrando. É que lembra. Mesma coisa também: **memorando de empresa**. Né? *Que tão pedindo determinado tipo de informação* [TES]... É que, juridicamente, não chama memorando também. **Petição**. Né? Acontece muitas vezes de um órgão pra outro. Aqui, no caso dos precatórios, já aconteceu bastante de um órgão pra outro pedir informações. E aí o outro demora pra mandar e você manda uma petição via justiça e tal. Né? O ministério público aqui teve que pedir bastante pr’o Banco Central durante os precatórios. Tem cara daqueles textos do ministério público pedindo motivos da prolongada ausência. (**Por quê petição, tem marcas?**) Sim, “*solicitamos*”. Né? *Ele tá pedindo alguma coisa: “solicitamos, pois, informando-nos dos motivos de tão prolongada ausência”* [léxico específico]. Então, tem essa coisa “de tão prolongada”... Ele tá apontando um aparente problema: “tão prolongada ausência”. Pra ele escrever ali “tão prolongada ausência” dá a impressão de que não é pra demorar tanto tempo. Senão não teria esse advérbio de intensidade: “tão prolongada ausência”. Quer dizer, talvez uma de... com uma menor infreqüência seria normal, mas, como tão prolongada, os caras estão preocupados. Solicitamos então informações (né?), um pronunciamento de vossa senhoria, informando-nos... Quer dizer, pedimos que vossa senhoria explique por que que tá faltando isso. Traduzindo

essa frase, seria isso. É por isso que eu vejo que é uma petição ou, então, um memorando. É que, no caso, se for de cima pra baixo: eu sou o chefe e você é meu empregado, e não tá fazendo a coisa, então é memorando em que eu tou dando esporro. Agora, se eu sou de baixo e você é de cima, isso é uma petição que eu tenho que ser educado. Né? Então é por isso.

S6

B1- P1

S6{B1[P2-1]} - 1/2) Olha aqui! Aqui eu me enganei (xxx). Eu achei que fosse um artigo mais técnico, que o cara viesse dizer que: “a pós-graduação que tem 3600 professores, cuja perda salarial já acumula 80%...” E não é. Depois ele só vem com *argumentos políticos* [argumentatividade]. Né? Não tem nenhum argumentos científico aí ligado diretamente à pós-graduação. Ele tá criticando a crise e a política econômica aí de educação, dizendo que os problemas..., os problemas impostos aos brasileiros e também aos obstáculos à aprovação do cientista. Agora dá pra dizer que é **editorial de jornal**. Erre lá atrás.

S6{B1[P2-2]} - 1/2) É uma **narração**, isso aqui também. Mesma coisa: é uma **crônica** (né?), um **romance**. Eu só não entendo porque começa com o “quê”. Deve ter alguma frase: ela disse que eu tava bebendo... Só que aí tem essa outra, “aí a mulher olhou pra mim”, não tem muito sentido. Mas é uma narração. Tem cara de crônica, isso. Porque ele *tá contando uma história* [narratividade]. Tá contando que ele tava num determinado lugar, tomando refrigerante..., e ele vai detalhando as coisas, ele te dá uma noção do ele tá fazendo, da situa... Ele não dá..., a frase é curta, não dá a noção do lugar, de como é que é o lugar. Mas dá a noção do que ele tá fazendo e da sensação através do que ele tá fazendo. Tá tomando refrigerante, o refrigerante tinha muito gás, aí a figura olhou pra ele (o que mais?), e ele tava no lugar conversando alto. Dá a impressão que é um bar ou uma festa, porque tá tomando refrigerante e conversando alto, a mulher olhou pra ele. Por isso que é uma... Ele localiza você num tempo, num espaço e conta uma história. Né? Não tá vindo com argumentos técnicos, não tá colocando uma idéia ou defendendo essa idéia. Tá contando uma história. Por isso que é uma narração.

S6{B1[P2-3]} - 1/2) Mais uma **narração**. Só que essa é **notícia de jornal**. Fala de um ataque (né?) com 67 mortos e os atentados islâmicos extremistas no país. Né? Então, isso noti..., também uma narração, mas é uma notícia de jornal. Deve ter um parágrafo antes, contando que *houve um ataque de extremistas islâmicos em algum lugar de Israel* [TCI], por exemplo, e morreram 67..., e, aí, esse é um parágrafo depois que tá explicando a natureza do ataque. Notícia de jornal, esse.

S6{B1[P2-4]} - 1/2) Como o primeiro parágrafo, dá pra encaixar também, apesar do *clichê* [conteúdo clichê] também que ele fecha ali, “hoje mais do que nunca a ciência é condição e alavanca”, dificilmente se vê num jornal mais decente esse clichê assim, mas poderia ser um **editorial de jornal** também. Agora, da mesma maneira, pode ser um **discurso**. O cara continua falando lá, o político tava falando, ele fala que “seria um equívoco tratar a pesquisa como se fosse um privilégio”, defendendo a idéia de que a pesquisa tem que ter também no Brasil, nos países mais pobres. E aí fecha o discurso

dele com a: “a ciência é a condição da alavanca do progresso”. Né? Ainda acho que pode ser um discurso, ou pode ser um editorial também. Alguém que *tá defendendo uma opinião* [argumentatividade] aí.

S6{B1[P2-5]} - 1/2) Mais um pedaço dessa **notícia de jornal**. A impressão que dá é que, se você juntar tudo, dá uma notícia completa: a que fala que a maioria das vítimas foram alemães e suíços e japoneses, depois teve outro texto, que eu não me lembro, mas que eu juntava com aquela informação, teve essa outra aí do ataque de extremistas islâmicos, agora o presidente Osni Mubarak, que eu não lembro da onde que é Osni Mubarak, mas o nome é daquelas bandas de lá, éhh, convocou uma reunião emergencial e o acidente foi condenado... Quer dizer, mais um pedaço de notícia. Deve ter sido citado algum acidente ali, provavelmente um ataque de extremistas islâmicos, e o presidente Mubarak enviou ministros pra lá. Também lembra notícia de jornal, porque tá contando a ação..., como eu te falei, a impressão que dá aqui é que falta um primeiro ou um segundo..., ele tá no meio do texto. Deve ter uns dois ou três parágrafos acima, contando alguma coisa que aconteceu. Aí, partindo disso (você veja!), já que aconteceu tal coisa, o presidente fulano de tal tomou essa iniciativa: enviou tais ministros a Luxor pra fazer uma reunião emergencial. Aí, na linha seguinte, na oração seguinte cita: “o acidente foi condena...” Então, você imagina que ele mandou esses ministros, porque houve um acidente que foi condenado pela comunidade. Já que foi condenado, é alguma coisa de errado, um acidente foi provocado por alguém. Por isso que eu imagino que tenha sido *algum atentado, alguma coisa assim* [TCI]. Né? Então, tem cara de notícia de jornal, pois é isso que o jornal conta: o que aconteceu, por que aconteceu, onde aconteceu. Depois, *o próximo passo da estrutura é contar quais as medidas tomadas por quem de competência, por quem deva tomar* [movimento retórico (consequências/reações) parcialmente reconhecido]. (xxx) Depois vai ser contado o acidente que já tá..., cita aqui o acidente, aconteceu um determinado acidente e, aí, a figura que tem que tomar a providência, no caso aqui o presidente, convocou uma reunião provavelmente pra decidir. Né? Provavelmente viria aqui o resto do texto, explicando o que que eles decidiram. Por isso que é notícia.

S6{B1[P2-6]} - 1/2) Éh, aqui eu continuo, eu tinha lido só a primeira frase, só até o Bhatia, aqui eu continuo não sabendo o que é. Mas é **texto científico**. Ele tá comparando (né?) uma estrutura genérica, determinados escritos, que agora já dá pra ver que é uma coisa de Linguística, porque ele cita ali a Linguística e compara com outro tipo de teoria que esse Bhatia ou essa Bhatia definiu que são as cartas de troca de informação. Né? Aqui tá bem claro que é um **texto científico de Linguística**. A mesma defesa que eu fiz na primeira vez aqui vale também. Só que aqui tá um pouco mais explícito. *Teve um processo aí de coleta de dados, tinha uma teoria já pré-definida antes, pelo jeito, já comprovada, aceita como uma teoria (né?), gênero das cartas de troca de informações, escolheram aquela estrutura genérica pra ver se batia com as cartas de informações* [TES] e, aí, diz: “a descrição genérica destas cartas demonstra quais movimentos são mais convencionalizados, quais mais abertos”. Ele faz uma teoria, depois explica o que que é essa teoria, dizendo que são cartas com movimento e passos mais abertos com a (xxx) na linguística, total da linguística. Fala da convenção de determinada teoria, a definição de um gênero de tipo de carta e, no comecinho, conta aí da coleta de dados pra comparar com uma estrutura já definida. Por isso que é científico.

S6{B1[P2-7]} - 1/2) Bom, aqui pode ser qualquer coisa. Né? Pode ser uma **carta**, uma **petição**, um **memorando**. É algum pedido, alguma informação formal entre empresas ou entre pessoas, entre pessoa jurídica, qualquer coisa. Você pode mandar pr'o seu banco, isso, por exemplo. Pedi isso a semana passada. Por isso que me vem à cabeça. A alteração do meu endereço para correspondência para o endereço tal. Aí coloca o endereço: sem mais, subscrevo-me. Né? E qualquer tipo de carta, você pode mandar uma carta pr'o seu pai, pr'o seu amigo, e você fala “beijo grande, até a próxima”. Tipo assim, é uma **carta formal** pr'o gerente de banco, pr'o teu chefe, pr'o juiz, pro... (sei lá!) Tribunal Regional da..., é uma carta formal. *É o final de uma carta formal* [movimento retórico], isso aqui. A não ser que o cara seja muito coxinha, escrevendo pr'a namorada dele: sem mais, subscrevo-me, atenciosamente. Né? Se o cara for um *nerd* pode ser uma carta pr'a namorada. Mas, se o cara for uma figura normal, é uma carta pr'um gerente de banco.

S6{B1[P2-8]} - 1/2) Novamente é **notícia de jornal**. Né? Tinha um fragmento na primeira parte aqui que só tinha: “a maioria das vítimas são japoneses, alemães e suíços”. E aqui tá: “fontes médicas e policiais apontam 69 estrangeiros mortos. Então, aconteceu alguma coisa ou descobriram alguma coisa que tem um monte de mortos, então, eles precisam de *fontes médicas e policiais pra comprovar o número de mortos* [TES]. E, aí, completa a informação: “a maioria são vítimas japonesas, alemãs ou suíças”. Né? Também é um pedacinho de notícia de jornal.

S6{B1[P2-9]} - 1/2) Mais uma **narração**, ou de **romance**, ou **conto**, ou **crônica**. Pelo pedacinho não dá nem pra saber (né?) específico. Mas é alguém contando uma história, ou um autor contando a história de um personagem. Né? Aí, no caso, contando *em primeira pessoa* [1ª pessoa do discurso]: “aí eu recolhi os negócios, eu e esse meu primo e fomos... Tá contando uma história. *Encadeando uma série de ações* [narratividade] que ele tá fazendo pr'uma certa pessoa, pra onde eles foram. É uma narração.

S6{B1[P2-10]} - 1/2) Também tem cara de **editorial**. Né? É uma **dissertação**, alguém ou algum grupo *defendendo uma opinião* [argumentatividade]. Por que ele deve ter apresentado alguns argumentos antes porque, depois, ele fala: “é verdade que, por outro lado...”. Quer dizer, ele disse alguma coisa antes e, agora: “por outro lado”. É uma outra maneira de ver, uma outra visão da coisa é que as instituições de fomento... Aí ele defende que se a graduação está ruim, se a pós está ruim, é porque as instituições não têm bancado a pós como deveriam. Aí aponta alguns problemas do CNPq, dá dados ali, e, depois, pra finalizar, ele também argumenta que o problema é comum na administração pública. Então é uma dissertação e pode ser **editorial de jornal**.

S6{B1[P2-11]} - 1/2) Aquilo que eu falei em outras passagens que é **notícia de jornal**, que é uma **narrativa**, contando uma história de terroristas, contando um crime (né?),o ou uma notícia de jornal. Tá descrevendo, aqui, no caso, uma notícia bem detalhada, que diz até que os caras estão vestidos de preto, como é que os terroristas são. Mas é uma narração. Pode ser um **romance** ou pode ser um fragmento de uma notícia de jornal, isso.

S6{B1[P2-12]} - 1/2) Mais uma **carta formal** aí. Né? Aos poucos, vai aumentando o quebra cabeça. Lá tinha só o pedacinho do cara que não aparece a três meses, o

representante. Agora, aqui, vê que é uma fábrica de calçados, então. Então, o cara tinha um comprador, uma loja, uma distribuidora que, pra não queimar o filme com o fabricante: não, a qualidade é muito boa, mas como o seu representante não aparece temos comprando de outras pessoas. É uma carta formal, *justificando o porquê da troca de fornecedores* [TCI]. Eles compravam de determinada figura, passaram a comprar de outra. Talvez são eles que acabam, lá atrás, com “subscrevo-me, atenciosamente”.

S6{B1[P2-13]} - 1/2) Mais uma **notícia de jornal**, como também pode ser um **romance**. Né? Pode ser um livro, não necessariamente um história verdadeira, mas contando de um atentado que aconteceu no Egito, no qual morreram tantos turistas e também terroristas. Né? É uma narrativa, contando o que aconteceu. Por que ele diz o quê, localiza no tempo. Então, *tem um pedaço formal de uma historinha* [narratividade]. Pode ser do jornal, ou pode ser um romance, não necessariamente verdadeiro. Por que tem um monte deles que eu aponte que eram notícia de jornal sem ter pensado que pode ser um romance. A história que tá sendo contada pode não ter acontecido. Pode ser simplesmente uma história só inventada. Né? Então é um dos dois: ou... É que isso aqui é recente. Aconteceu naquele... Se isso aqui é de jornal mesmo, apareceu recentemente (né?) em todos os jornais e na tevê e tal: dos turistas que foram assassinados lá no Egito. Mas, se for pra analisar só a estrutura do texto, poderia ser uma **crônica**, um romance.

S6{B1[P2-14]} - 1/2) Novamente é o **editorial de jornal** ou o **texto opinativo**. Aquilo que eu falei pra você que há essa diferença sutil. Aqui, também, eu não saberia dizer exatamente se é um editorial ou se é um **artigo**. Por que *tem a opinião* [argumentatividade] da pessoa que tá escrevendo: “porque, em suma, o governo estimulou o provão, agora reprime a demanda”. O jornalista da notícia do dia-a-dia não pode pôr isso. Você não tem essa liberdade de colocar a tua conclusão: bom, então, eu concluo que o governo estimula isso, porém atrapalha do outro lado. Né? Você simplesmente conta o fato. Ele tá contando o fato aqui. Primeiro ele *faz uma análise conjuntural* [analiticidade] (né?) lá da CAPES que (como é que é?) tá com um orçamento menor e apresenta alguns problemas com relação ao orçamento e liquidez da CAPES e as bolsas de estudo. Né? Ao mesmo tempo fala da intenção do MEC aí de fazer os estudantes procurarem mais a pós-graduação. E, aí, ele conclui: bom, vendo estas duas coisas, o governo estimula isso e puxa do outro lado. Se o texto acabasse aqui, antes dessa última frase, do em suma, poderia ser uma notícia de jornal (né?), no meio de um texto, contando aí alguma decisão que foi tomada com relação a... Agora, como tem esse... O que dá de dizer que é um artigo ou notícia é a última frase. Por que o primeiro parágrafo inteiro aqui, esse primeiro período inteiro, faz uma análise conjuntural, mostrando a situação da CAPES, com porcentagem, posição do MEC e essa coisa toda. Então, poderia ser, assim, uma simples notícia, o meio de uma notícia. Né? Mas, a conclusão dele: bom, em suma, o governo fez isso... Então, tem o teu lado opinativo aí que ou é editorial ou é um artigo assinado de jornal revista ou tevê. Né?

S6{B1[P2-15]} - 1/2) Isto tem cara de uma **crônica**. É uma **narração** também. E tem cara de crônica porque é esse lado meio brincalhão, contando uma história... “fui rir”, também, “arrotei na cara da mulher”. A crônica tem essa coisa de falar do dia-a-dia, de falar de uma maneira meio irônica. Então, parece que é uma história do dia-a-dia e alguma coisa que aconteceu aí com esse cara e a mulher. E eu acho que é esse cara mesmo porque, se fosse outra mulher, não ia tá “arrotei na frente da mulher”. Ali ia tá

arrotei na frente... Não sei! Acho que, se fosse outra mulher narrando a história, ela se referiria à mulher de outra maneira. Dava o nome: arrotei na frente da Cristina, da Maria, da Adriana, arrotei na frente daquela amiga desconhecida. Sei lá! Mas como fala “arrotei na frente da mulher”, a impressão é que ele..., é só pra diferenciar. A impressão que dá aqui é que quem está narrando a história é homem. E até porque, um pouquinho de machismo, é difícil a mulher chegar na frente da outra e dar um arrotão na cara dela. Então é uma crônica contada por um homem.

S6{B1[P2-16]} - 1/2) Bom, aqui, senão, eu vou ficar aqui repetindo os argumentos toda hora. Novamente tá completando aquela **história** que já apareceu em outras aí: do atentando aos turistas. Né? Um pedaço de **notícia de jornal**.

S6{B1[P2-17]} - 1/2) Ah, no Bob's! Na outra parte a gente já tinha lido isso aqui. Tinha comentado que: “fui lá e passei um vexame”. Pois é, a figura passou um vexame no Bob's. Talvez pode até ser com aquela mulher que ele arrotou na cara dela. Não sei! Podia imaginar um pouco, já que tem cara de **história**, isso, tem cara de uma **crônica**, dá pra juntar aquela história com essa daqui. Mas é uma crônica também. O cara tá *contando alguma coisa do dia-a-dia* [TES], alguma mancada, algum vexame que ele passou dentro da lanchonete.

S6

B2 - P1

S6{B2[P1-1]} - 1/2) Aqui parece **editorial de jornal**. Ele começa com um texto narrativo. Né? Os dois primeiros parágrafos são... Aqui tá bem dividido, esse texto. Os dois primeiros parágrafos são uma narração, que pode ser de um romance (né?) ou de um trecho retirado de jornal mesmo, uma notícia, contando o que aconteceu aí dos turistas mortos pelos terroristas. E, depois, os dois últimos é um comentário do que tá dito. Né? Então éh, no dia-a-dia, parece um editorial de jornal, porque ele primeiro apresenta a notícia pra comentar as causas e as conseqüências daquela notícia. Se fosse pra classificar um tipo só, seria um editorial, se pudesse dividir, primeira metade é uma narração (né?), é uma notícia (né?), e a segunda metade é um comentário, é a opinião, o editorial.

S6{B2[P1-2]} - 1/2) Mesmo caso do texto anterior. Ele começa apresentando uma narrativa, um fato que aconteceu (né?), no caso, aqui, as medidas do governo Fernando Henrique com relação às bolsas e depois começa a comentar também. Também é a exposição de uma opinião aqui, um **editorial**, uma **dissertação**.

S6

B2 - P2

S6{B2[P2-1]} - 1/2) O que falta aqui é o **começo da história**. O ataque: que ataque? Por que ele entra o texto dizendo “o ataque com saldo...” e vai contando os detalhes pós-ataque, mas não contou que ataque: se é um ataque de avião, um ataque de terroristas, um ataque com..., de bomba. Sei lá! Dá pra ver que é um ataque de..., não é de animais ou de outra coisa, porque fala dos suspeitos, grupos islâmicos. Então, é um ataque de

grupo de pessoas, aparentemente um grupo terrorista, mas não detalha. Então falta aí o começo dessa narração que é apresentar isto: que ataque? O que que aconteceu? Pra ele começar a explicar com saldo de tantos mortos. Falta o começo da história aqui. É a unidade que falta.

S6{B2[P2-2]} - 1/2) Aqui eu apontaria duas coisas que faltam. **Falta o começo**, melhor estruturado também. Né? Aqui já dá pra ter uma idéia aqui de: “vestidos de preto saíram da construção de Hatshepsut atirando e tal. Quer dizer, você sabe que aconteceu um atentado terrorista, mas, mesmo assim, não localiza direito. Faltaria dizer melhor quantos terroristas, como, quando, aonde, porque (né?), apresentar de cara. Pelo menos pr’o jornal é isso que a gente faz: apresentar de cara a narrativa e depois você vai detalhando. Esse abre tá meio fraco aí. Fica meio solto assim..., fica faltando alguns detalhes pra quem tá lendo. Então, o que falta é isso: é um começo mais bem estruturado. E, depois, falta dizer o que aconteceu, porque diz que saíram atirando e depois não explica os motivos políticos dos extremistas que querem derrubar o Estado..., querem estabelecer um Estado islâmico no Egito. Mas não fala quantas pessoas morreram, quantos ficaram feridos, como é que foi o salvamento, se alguém foi preso, se todos os terroristas morreram também, se a polícia atuou. Fica isto: o cara lê e diz: sim, mas o que aconteceu? Né? Fica faltando contar pr’o leitor o que aconteceu depois. Pra mim, faltaria estas duas coisas: o começo mais estruturado e o que aconteceu depois.

S6{B2[P2-3]} - 1/2) Esse aqui tá quase perfeito. Né? **Não falta quase nada**. Só faltou quando. Diz que tantos turistas foram mortos pelos terroristas, mas não diz quando: se foi ontem, na semana passada, há dois anos. Né? Achei que faltou só localizar no tempo, a narração, a notícia. Agora, o resto, eu acho que não faltaria nada.

S6

B3 - P1

S6{B3[P1-1]} - 1/2) Isso parece inclusive texto da Folha, isso, porque tem os parágrafos curtos e tal e não é muito rebuscado. A Folha que obriga a gente a emburrecer o texto desse jeito. Bom, é texto de jornal. É típica **notícia de jornal**. Né? Conta um fato que tá acontecendo e começa a dar os detalhes numéricos: aonde foi, como foi, quem, quais as conseqüências, e vai descrevendo os detalhes do atentado terrorista aí. Algumas outras vezes, quando eu vi fragmentos menores, até dizia que poderia ser d’um romance a algo assim. Mas aqui parece que não porque ele é muito frio, muito curto. É só pra dar a notícia do que aconteceu. Né? Não tem uma descrição melhor e mais romanceada dos lugares ou de que se passa pelas pesso... Não tem uma descrição de personagens, não enriquece os personagens, não enriquece o lugar. Simplesmente conta o que aconteceu, diz a versão da polícia, diz a versão dos médicos, diz que há versões contra, cita até uma outra agência de notícias. Quer dizer, é o típico texto de jornal, com a notícia ali fria, os fatos que aconteceram, onde, como e por quê. Isso é texto de jornal. Olhando pra ele, até parece texto da Folha, pelos parágrafos curtos.

S6{B3[P1-2]} - 1/2) Isso é uma dissertação. É um texto de **artigo**. Né? A pessoa, o redator coloca algumas opiniões dele e, pra reforçar as opiniões, dá dados aí da CAPES, da FAPESP, dados sobre a pesquisa. Não tá contando um fato, uma coisa que aconteceu com lugar, hora determinada, com certos personagens. Não é uma coisa que acontece.

Ele tá analisando uma determinada situação, no caso aqui, do programa de pós-graduação (né?), de formação de cientista, e, aí, ele analisa os prós e os contras, os problemas que ele vê do apoio do governo, da falta de grana e da necessidade de se ter (né?) um melhor aperfeiçoamento. Então, é a típica dissertação. No caso do jornal, seria um artigo, ou até um editorial. Mas tem mais cara de artigo de jornal mesmo.

S6{B3[P1-3]} - 1/2) O redator, aqui, tá apresentando...É um tipo d'um **relatório** (né?) **sobre determinada pesquisa** na área de lingüística. Parece. Porque ele analisou... Dá pra ver que é de lingüística porque tem três teóricos ali e as teoria desses caras, ele compara com 14 cartas que analisou. Então, depois dessa análise, ele fez aí os resultados, parece que tabulou os resultados, fez as tabelas, comparou e tal, e tá mandando esse resultado dessa pesquisa pra alguém. Por que (né?) “o presente artigo visa...” não diz pra quem, mas é um relatório de uma pesquisa na área de lingüística. Parece. Né? E essa pesquisa foi feita comparando cartas de empresas comerciais”. Né? É. Tá aqui, profissionais de empresas comerciais, pra tentar comparar com três teóricos aí. Né? Então, é um **relatório de uma tese, de uma pesquisa** na área de lingüística.

S6{B3[P1-4]} - 1/2) Aqui é uma **correspondência entre empresas** (né?), basicamente comercial na área de calçados. O distribuidor ou a loja que vende determinado calçado tá reclamando aí com o fabricante que não recebeu a visita. Então, é... Só que ele não conta isso (né?) do dia-a-dia. Né? É uma conversa toda formal. Né? Primeiro, ele elogia o sapato, depois: “cumpre-nos informar...”. Então, é um **relatório formal e comercial**, entre duas empresas, reclamando aí a falta de um produto que não foi entregue. Mas, pelo tipo de texto, todo cheio de formalidade, “sem mais subscrevemo-nos, atenciosamente”, pela formalidade com que ele conta a história e ele cobra o sapato, então, dá pra dizer que é uma **carta comercial** (né?) entre duas empresas.

S6{B3[P1-5]} - 1/2) Esse é um **romance** (né?), ou uma **crônica**. É um narrador contando uma história do que aconteceu e, ao contrário daquele último texto que eu falei, que é todo formal, que é uma carta, aqui não. Aqui tem todos os traços de uma conversa entre dois amigos (né?), de uma conversa informal. Ele conta onde tava e a maneira como que ele começa as frases com “que”: “que eu tava bebendo”, “que eu tava conversando alto”. Não tem uma conexão com a frase anterior. Né? É o modo bem coloquial de falar mesmo. Repete a fala da pessoa na linguagem oral. Né? Tem cara de uma crônica por ser bem solto, assim, contar alguma coisa engraçada, um vexame que ele passou em determinado lugar. Parece ser uma crônica, isso.

S6

B3 - P2(Q1)

S6{B3[P2(Q1-1)]} - A) São. B) Basicamente, o assunto. Cada um trata de um assunto diferente. Então, basicamente, aí já é diferente. E, na estrutura, o tipo de linguagem. Né? A estrutura deles, a linguagem que é usada em cada um deles é diferente: um, aquele do Bob's, é mais solto, é uma linguagem do dia-a-dia, é uma linguagem bem coloquial, tem outro lá, dos sapatos (né?) do..., esse aqui, que é todo formal, é uma carta entre duas empresas, e tem o outro que conta uma história, mas sem aprofundar personagens, sem..., uma histó..., uma notícia, um outro que dá a notícia. Os assuntos é diferente e a estrutura dele é totalmen..., de cada um deles, a estrutura é diferente.

S6{B3[P2(Q1-2)]} - (1) Bom, é, basicamente, assim, a prioridade pr'a informação. Né? Ele tem uma estrutura lógica. Começa com a informação mais importante e, depois, vai diminuindo, pra detalhar essa informação mais importante. Preocupação com os detalhes, números de mortos, de feridos, informação da polícia, informação dos médicos (né?), parágrafos curtos, e, basicamente, um texto frio, sem ficar dando características de personagens, de lugares e tal. É só pra dar aquela informação e pronto, sem riqueza de detalhes psicológicos. Né? É uma narrativa mais física, uma narrativa física, mais fria, que dá ao local uma..., como se fosse uma fotografia, uma coisa fria e pronto (né?), uma descrição mais fria, sem enriquecer mais a narrativa. Esse é o texto um.

(2) O dois é o da CAPES aqui, que é, inclusive, o texto mais chato. Bom, a característica principal é a defesa de argumentos. O redator apresenta dois ou três argumentos, aqui, a favor da pós-graduação, e criticando a atuação do governo, e, pra isso, ele apresenta..., ele defende os argumentos com dados da CAPES, com dados do desenvolvimento de pesquisa. Então, basicamente é isso: a apresentação de argumentos e a defesa de argumentos. Por isso que eu falo que é uma dissertação. Né? Também não há personagens, não há descrição de fatos, não há... Ele não conta uma história. Ele tá comentando um determinado assunto e tá apresentando as opiniões dele nesse assunto e defendendo da maneira dele.

(3) Bom, basicamente, é a linguagem mais rebuscada também, com cara de linguagem científica, ele apresenta uma análise de dados, em comparação com uma teoria, também não tem personagens, não tem um tempo, não tem um espaço definido no tempo, ele não tá contando como, onde, por quê. Essa análise é um relatório de um determinado estudo científico que foi feito. Basicamente, a análise da estrutura do texto acho que é essa.

(4) Também, aqui não tem uma história, não tem um personagem, ele não tá defendendo uma tese (né?), não é a idéia que tá... Simplesmente é um comunicado. Né? Tem cara de uma carta mesmo (né?), porque ele passa a informação, ele, primeiro, ele dá as boas vindas, "nós somos testemunhas da aceitação tãtãtiotípica", boas vindas, ele, depois, ele conta a história, informa que não tá recebendo determinado produto e pergunta por quê, e termina a carta: "sem mais subscrevemo-nos, atenciosamente". Então, tem toda a estrutura curtinha de um recado comercial, de uma carta (né?), porque tem, ali, a apresentação, conta a história e termina se despedindo. Também não tá defendendo uma idéia, não tá contando uma notícia ou uma história que aconteceu. Tá, simplesmente, comunicando uma coisa, via uma carta.

(5) A principal característica aqui na estrutura é a linguagem coloquial. Ele tá contando uma histó..., só pode estar contando pr'um amigo (né?), que no Bob's aconteceu isso, que viu não sei quem, e a mulher riu, e ele arrotou na frente da mulher. Quer dizer, ele conta as coisas do dia-a-dia com naturalidade, com tranqüilidade. Então, a principal característica é a linguagem coloquial. E a outra coisa, que tem cara de narração porque ele tá contando uma história que aconteceu com ele, aonde, que é no Bob's, outros personagens que tavam envolvidos, e ele dá mais características psicológicas, diferente daquele texto do jornalismo (né?), aquele texto dos egípcios, que não tem nenhuma característica, seja dos terroristas, ou dos turistas que morreram, ou da

polícia. Aqui não. Aqui ele dá algumas características dele: que foi engraçado, que ele riu, e ele arrotou na frente da mulher, a mulher também riu. Quer dizer, tem todo um outro clima que dá uma cara mais de uma história melhor narrada, mais aprofundada. Então, é por isso que... Bom as características principais são essas. Basicamente a linguagem coloquial, desse.

S6{B3[P2(Q1-3)]} - Será que eu sei 10 tipos de texto? Assim, pelo nome genérico: crônica, dissertação...? Não, não tá claro não. Eu posso dizer, por exemplo, o texto de jornal, o texto de opinião, não pelo modo genérico deles. Por que, basicamente, quando a gente aprende lá na escola, lá no colegial, basicamente, são três ali (né?): a dissertação, a narração... **(o que se encontra no dia-a-dia)** Bom tem a crônica, tem o conto, tem o romance, aí tem o texto de jornal, informativo, tem o texto de jornal, o artigo (né?), o de opinião, tem o editorial de jornal, que difere do artigo, porque o artigo tem um nome específico (né?), ele reflete o pensamento daquela pessoa, o editorial não, reflete o pensamento do jornal, às vezes até um pouco mais impessoal. Então, tem o editorial do jornal (o quê mais?), tem a carta e, dentro das cartas, tem um monte (né?): tem as cartas comerciais, tem as cartas científicas, tem a carta entre amigos que é aquela carta mais coloquial, mais do dia-a-dia (o quê mais?). Nas cartas dá pra entrar o relatório científico também... Eu cheguei a té 9. Eu não tou lembrando mais.

S6{B3[P2(Q1-4)]} - O que traz uma notícia, ou o que traz uma determinada opinião. Então, já, primeira coisa, pra ser jornalístico, no jornalismo informativo, tem que ter uma notícia de alguma coisa que aconteceu (né?), num lugar determinado, com personagens determinados pra você contar aquela notícia que contou. Né? A primeira coisa é que ele tenha a notícia, alguma coisa que tenha acontecido. Ou, outra coisa que pode ser um texto jornalístico..., esse de notícia pode ser em qualquer área, na área de cultura, na área de esporte, na área de divulgação científica, na área de ciência mesmo, na área de literatura, ou seja, alguma coisa que aconteceu ou tá pra acontecer, por exemplo, o lançamento de um livro, a descoberta de um novo planeta por um telescópio que foi lançado há dois meses. Então, qualquer tipo de notícia que possa ser..., qualquer tipo de acontecimento que possa virar notícia. O que mais que tem no jornal? E, tem o texto opinativo... Ah, pode ser..., antes do opinativo tem um texto intermediário que é o analítico, quer dizer que você conta a notícia, mas fazendo uma análise dela também, então, pegando fatos mais antigos, fazendo a correlação com outras coisas, por exemplo, pegar um caso recente, aqui, da morte de político, que morreram aí o Luis Eduardo e o Sergião. Né? Não só contar a história: morreu tal, tal, tal, o líder do governo morreu, o ministro das tele-comunicações. Mas, aí, você faz outros textos, mostrando a implicação disso. Né? Aí você tem várias..., por exemplo, a implicação familiar. Então, você faz um texto mais humano, mostrando como é que foi a reação do pai, da mulher que ficou viúva, a família que fica..., assim, a reação do povo baiano que gostava do... Então tem um lado mais humano, que você pode fazer a repercussão da notícia. Então, a política, como que fica o governo agora sem o líder? Né? O que eu vi que muitos jornais fizeram. Então, é um texto mais ana..., que também é um texto jornalístico, mas ele tá ali esmiuçando melhor aquela notícia. Né? Que é um texto mais analítico. Aí depois tem o texto opinativo. Sobre determinadas notícias, o articulista, ou o redator vai fazer um texto de opinião. Vai colocar ali o que que ele acha sobre o problema de bolsas CAPES, sobre a sucessão, agora, do líder do governo

na câmara, sobre (sei lá!) política de reforma agrária do país, sobre a atuação dos sem-terras, se eles são radicais ou não, sobre a desistência do PT do Rio de apoiar o Bri... Ou seja, o cara vai analisar certas situações e vai dar a opinião dele. Em cima disso apresenta argumentos. Então, tem, basicamente, isso: o noticioso, o analítico, o opinativo, e tem o opinativo do jornal, que é o tal do editorial (né?), que é parecido com o artigo, só que é um negócio mais frio, que é a opinião do jornal. Ele escolhe ali dois ou três temas do dia (né?) e faz um texto, uma dissertação (xxx) as opiniões do jornal. Deixa eu ver se tem mais algum. Fora isso, aí tem aquelas coisas que é mais contemporâneo (né?), antigamente não tinha isso, é mais do jornalismo americano e que a Folha tem copiado muito e outros jornais..., o lance que esse jornal do esporte faz muito também, que ela faz as tabelas, gráficos, esquemas. Né? Então, os jornais estão ficando muito cheios disso, de artes, uma arte: "entenda o caso!" Aí tem uma flexinha, aconteceu isso: "Miguel Ourofino superfaturou a ponte e depois fugiu para Portugal, foi preso em Lisboa, volta para o Brasil. Que isso também é um texto. Né? Tem pesquisa sobre isso que, às vezes, o leitor lê isso e não lê a matéria, "ah, então, já entendi o caso", e passa pra frente. Como aconteceu o massacre de Eldorado dos carajás: às 16 e 45, pára o caminhão da polícia; às 17 horas, a polícia abre fogo; às 19 recolhem os corpos... Então, é outro tipo de texto que fica a cargo da editoria de arte: as artes, resenhas, tabelas, essas coisas. Que mais? Ah, e nessa área de resenha, tem, nos cadernos de cultura, outro texto que é jornalístico, que é a resenha das obras (né?) que foi outro texto opinativo que eu esqueci de falar. Então, tem o lançamento do livro, aí tem o jornalista, ou uma figura, um escrito, um crítico de arte e tal, que vai comentar sobre esse livro. O lançamento de um filme, mesma coisa, o crítico de cinema... e assim vai. Um *show* (né?), que também é outro tipo de texto..., outro artigo opinativo. Basicamente, são esses, de jornal. Aí tem os não escritos que são as charges, fotografias e tal.

S6{B3[P2(Q1-5)]} - A crônica, a crônica pode ser enquad... Dependendo do jornal (né?), da abertura do jornal lá, você pode colocar uma crônica, que é mais solta, tem uma linguagem mais leve, conta do dia a... e você pode tá botando uma notícia, mas por meio de uma crônica. Né? Ou até pode tá fazendo a análise, de um texto ou de uma situação por de uma... Isso acontece muito nos jornais. Eles geralmente são enviados pra cobertura especial (né? sei lá!) da copa do mundo ou mesmo um grande policial como foi o massacre dos sem-terras ou, no caso de uma guerra, coberturas especiais. Muitas vezes, o jornal dá essa abertura pr'o enviado. Além de mandar as notícias do dia, depois, no final, ou, ou longo da cobertura, manda, assim, um texto de impressões. É o caso de uma crônica. Crônica da semana que ele passou lá em Bagdá ou passou em Paris cobrindo a copa e tal. Então, a crônica serve muito ao jornalismo, assim, com uma linguagem mais coloquial, mas próxima do leitor. A crônica pode ser. Que mais? Muitas vezes, até os textos científicos também. Né? Às vezes, o jornal também publica determinados..., não a tese toda, obviamente, mas artigos científicos, artigos na área de política, artigos na área de sociologia também. Então, artigo científico também serve. Não é a regra no jornal (né?), senão ia ficar um jornal pesado, chato de ler e tal. Mas se for algum assunto interessante e relevante, o texto científico também serve. Os que servem mais o jornal são esses dois, que dá pra usar também, além daqueles que eu já disse (né?), que é a narrativa pura e simples do jornal, a crônica dá e o texto científico também.

S6

B3 - P2(Q2)

S6{B3[P2(Q2-1)]} - Começando de procurar a notícia, ou a hora que eu já tenho a notícia na mão? Por que eu começo procurando a notícia. **(Pela pauta)** Por que, muitas vezes, é eu... por isso que eu falei que eu procuro. Por que eu sugiro a pauta. Como correspondente, eu é que faço pauta. Então, muitas vezes, eu recebo a pauta de São Paulo. Agora, muitas vezes, eu que mando a pauta também. Então, todo dia, à noite, ou durante o dia mesmo (né?), se você está fazendo uma matéria muito..., é como descobrir a notícia mesmo, você está fazendo determinada matéria que você já foi pautado, aí, lá, você conversa com uma pessoa, conversa com outra, ou fico sabendo de outra coisa que dá, rende uma outra notícia. Tem que ir atrás. Liga pra quem é envolvido com aquilo, que possa te dar mais detalhes, e vai atrás dessa outra notícia. Outra coisa que me pauta, às vezes, é até o rádio. Ouvindo rádio à noite, ouvindo rádio de manhã, tem alguma notícia que eu vou atrás. Bom, aí, feito isso, é ouvir todo mundo que tá envolvido (né?), o que dá..., a Folha trabalha muito por telefone. O que der pra fazer por telefone. Então... Por exemplo, uma notícia..., pra dar exemplo do que pode fazer por telefone (né?), uma notícia de política: essa crise do PT e do PDT. Então, você ouve tudo mundo envolvido. Liga pr'o presidente do PT do estado, liga pr'o candidato do PT, liga pr'o presidente do PDT, liga pr'a oposição, vai ouvir o cara do PFL, o cara do PPB, o que eles dizem disso, qual é a análise, por que aí você mistura um pouco o texto noticioso com o texto analítico. Né? Ouve todos os envolvidos e, aí, pronto, aí você vai sentar pra escrever. Né? Na hora de escrever, eu pego o que eu tenho de mais forte ali (né?), o que eu acho que é mais notícia ali, o que eu acho que vai chamar mais a atenção do leitor, é o que a gente chama de *lead*. Né? O que eu tiver de mais forte ali, como no caso, aqui, dos egípcios (xxx), abre com a morte dos 57 turistas. Né? Ele não abre dizendo que: "houve um atentado ontem no Egito...". Não. Ele começa dizendo já: "morreram 57 pessoas. Então você..., eu faço a mesma coisa, eu também sento ali, dou uma folhada no meu bloco (né?), ouço de novo a fita... Geralmente não dá tempo de ouvir a fita não, porque tá sempre em cima da hora. Então, o que eu faço, eu sempre gravo a fita pra evitar que alguém depois diga: não, eu não dei essa entrevista não. Então eu tenho gravado, mas eu tenho anotado no meu bloquinho. Então, eu abro o bloco ali e vejo: bom, o que que disse aqui? Oh, o Grandó disse isso... Bom, basicamente, aqui, o que eu tenho é essa briga do PDT. Então, o que que eu tenho de mais forte aqui? Uma coisa que chame atenção, que eu garanta o meu espaço no jornal, que eu acho que o leitor vai ler também a coisa mais interessante. E, a partir dali, eu vou pegando outros detalhes (né?), geralmente quando sobra um pouquinho de espaço, aí, pra matéria de mais longo fôlego. Né? Aí pega alguns dados mais antigos que tão, no caso de um atentado: esse é o terceiro atentado que acontece no lugar, assim, assim, assado. No caso de chuva, você até me citou aí que, em 95, houve uma... Então, se eu tiver uma matéria grande de chuva pra fazer, eu já vou atrás dessa história de 95 (né?): "depois dessa enchente de 98, nessa década, foi a segunda enchente que abalou Florianópolis. Em 95, uma enchente parecida e tal". Então, basicamente, eu pego o que eu tiver de mais forte ali (né?), que eu acho que é mais interessante pr'o leitor e, ainda, quando sobra espaço, eu procuro dar o resgate, contar caso parecido, fazer a história da coisa (né?), dá a memória da coisa pra localizar melhor. Basicamente é isso. E quando tem morte, sempre começo pela morte. Se tiver morte de criança, começo pela morte de criança. Sempre.

S6{B3[P2(Q2-2)]} - 1/2) Essa a gente cai no clichê do jornalismo, mas não tem outra saída. Ele... Tem que trazer ali o quem, o quando, o *lead* (né?): quem, quando, como, onde e o por que aconteceu: quais são os atores dessa notícia, como aconteceu aquilo, os porquês da notícia, onde, você tem que localizar, porque a notícia muda de figura se um trem matar 200 na Índia e se um trem matar 200 no Rio de Janeiro. Né? Então, o onde é... Ah, e o quando, com a presença do telejornalismo diário, é fundamental isso. Né? Não adianta eu querer passar lá pra São Paulo, dizendo que foram presos na semana passada dois estupradores em Florianópolis. Lá eles vão dizer: “mas, na semana passada, isso não é notícia mais”. Agora: “foi hoje. Hoje foram presos dois estupradores aqui em Flo... Acabaram de estuprar duas mulheres”. Então é hoje. A notícia tá quente e tal. Então, basicamente é isso: você tem que contar a notícia (né?)... Primeiro você tem que ter uma notícia boa pra contar. No texto jornalístico... Aliás, é uma coisa que os assessores de imprensa que ligam, às vezes, procurando dar notícia que não tem importância. Mas, primeiro tem o fato relevante pra você e pra sociedade, sobretudo a sociedade local (né?), quanto mais próximo o fato, mais importante pr’o teu leitor, e, tendo esse fato, a tua obrigação de jornalista é dar esses dados (né?): quem são os atores envolvidos, onde aconteceu o fato, como aconteceu o fato, quando aconteceu e, se possível, o porquê. Né? Às vezes, num acidente, você não tem muitos porquês, mas acordos políticos, acordos na área científica, esporte, você tem esse porquê. Então, você tem que..., são esses os elementos que vão citados no texto.

S6{B3[P2(Q2-3)]} - Desses elementos, todos. Tem que ter em todos os textos. Esses elementos, todos eles no texto. Né? O que muda é a tua fluência no texto. É isso que eu ia falar. Talvez a pergunta não seja a mais indicada..., mas o que muda, conforme o tamanho que você tem, então você escreve um texto mais arredondado (né?), aquilo que eu te falei, podendo citar coisas passadas, podendo citar coisas paralelas, encadear melhor as idéias (né?), intercalar um parágrafo com uma fala de uma autori... Por exemplo, se for um acidente, então intercala o parágrafo com uma fala de um dos sobreviventes, com uma fala de alguém da família, de alguém dos envolvidos que queira falar, obviamente, com a fala de um policial que atendeu aquilo. Se for um crime, você intercala..., aí você tem..., é obrigatório colocar a fala do promotor e a fala do advogado, no caso de um julgamento, por exemplo. Né? Um acordo político, intercala com as falas dos agentes ali envolvidos, dos partidos, ou presidentes de partidos, ou líderes de partidos ali envolvidos. Numa invasão de terra, intercala com fazendeiro, ou intercala com um sem-terra, ou com um grupo que ocupou a terra e assim vai. Acho que estes elementos tem que ter. Então, contar a história, colocar ali umas aspas, colocar a fala das pessoas, tentar contextualizar aquela história, quando você tem espaço, quando não, você faz um texto mais ou menos telegráfico mesmo: “ontem três sem-terra invadiram a fazenda tal. Né? A fazenda fica no sul do Pará, ponto. O governo determinou a reintegração de posse, ponto. A polícia vai pra lá amanhã, ponto. Então, se você fica muito preso pelo..., quando você tem um espaço maior dá pra fazer um texto mais arredondado. Eu chamo de arredondado o que tem todos esses elementos. Né? Quando não, fica um texto ali meio telegráfico mesmo. Você tem ali 10 centímetros, você tenta arredondar naquele espacinho que você tem.

S6{B3[P2(Q2-4)]} - Não, porque é sempre o mesmo. Como eu sou repórter, é sempre o texto noticioso. Então, eu penso nesse, obviamente. Né? Agora, não penso em ficar variando, até porque não dá. O jornal que eu trabalho não deixa. A Folha não deixa.

Né? Várias vezes, tentei escrever isso de outras maneiras, com uma linguagem um pouco diferente, dentro do texto jornalístico também, mas menos rígido dentro do manual de redação, não passou pelo editor. Ele falou: “óh, reescreve, que não estão (xxx). Você não é o Arnaldo Jabor. Então, reescreve que isso não passa”. Então, eu acho que eu penso, tento, conforme o texto, inclusive quando você muda de caderno. Né? É legal fazer uma matéria pr’o caderno de turismo, por exemplo, porque tem essa abertura, que eu te falei da crônica. Né? Às vezes, você pode escrever até uns textos com mais cara de crônica, sem ser esse texto noticioso mais frio de quem, quando, onde, por quê, e conta a história ali friamente. Não. No texto do turismo..., porque tem que dar as impressões pr’o leitor que quer viajar. Então, das cidades em que você passou, dos lugares que você viu, os museus que você conheceu, o tipo de pessoa que você vai conhecer nesses lugares, o tipo de transporte que você pode usar ou que você não deve usar, quais as ruas que você deve evitar que ali são perigosas. Então, o que eu penso muito no texto é conforme a editoria pr’a qual eu estou escrevendo. Toda a casa tem que seguir aquele..., mais ou menos, o padrão do texto jornalístico, frio, sem nenhum adjetivo e que conte a história da maneira mais concisa possível. Agora, se for pra política, tem uma maneira de escrever. Porque aí tem que ser um texto mais sério (né?), ouvir o máximo de gente possível e tal, se for pr’o cotidiano, já pode ser um texto mais solto, conforme o assunto, porque o cotidiano comporta saúde, educação, polícia, comportamento. Então, se for polícia, é um texto frio também como o lá da política (né?), e sem descambar pr’o boletim de ocorrências. Tem muito jornal (né?) que tem mania de usar “elemento”: “o elemento que mora na travessa tal”. Eu não uso isso. Acho horrível. Então conto a figura, o cidadão e tal. Inclusive, não uso nem a palavra menor, porque o menor..., apesar de que a pessoa que tem menos de 18 anos é ainda..., mas soa como o menor infrator. Sempre quando o leitor lê o menor, já pensa no menor infrator que tá na FEBEN e não sei o quê. Então, você tem que saber escolher as palavras também. Né? Então, de polícia é um texto mais frio também, isso dentro do caderno cotidiano. Agora, se for um texto de comportamento, aí já é diferente. O texto de comportamento você pode brincar um pouco mais. É um texto um pouco mais solto e tal. Né? É o que a gente brinca na redação, fala: “não, pode ter um pouco mais de viadagem”. É mais tranqüilo. De turismo, é a mesma coisa. No caderno de cultura também tem essa liberdade. Esporte, é conforme o texto que você está fazendo também. Esporte, também você tem o espaço da crônica esportiva (né?), pr’o artigo, tem os comentaristas. Então, esporte também é um texto de você contar história: quem perdeu, quem ganhou, quem ganhou a corrida, quem foi o cestinha do jogo e tal. Agora, basicamente, o que eu penso antes de escrever os meus textos é: “pra que editoria vai isso”: “ah, pra política. Então, é assim. Ah, pr’o turismo. Então, é desse jeito. Ah, é pr’o caderno agrícola. Então, é assim”. Agora, como eu sou repórter, não tenho muita abertura pra ficar fazendo muita viadagem. Né? Não dá pra variar muito os textos. Tem que ser dentro daquele texto jornalístico. Agora o que dá pra caprichar mais, é tentar fazer esse texto mais contextualizado. Mas..., e, felizmente, a Folha tá mudando agora. É o projeto editorial de fazer o texto mais analítico. Então, dá pra você colocar mais informação, ouvir mais pessoas, buscar histórias mais ant..., sem dar o texto cru, frio ali pr’o teu leitor. Você pode contextualizar melhor, contar melhor o porquê, porque, assim, fica mais fácil pra ele entender o porquê das coisas. Né? Se você joga (né?) de cabeça, assim, a notícia mais recente, que é o negócio do PT, por exemplo: que o PDT rachou a aliança em nível nacional com o PT por causa do Rio. Tá, mas, por causa do quê? E aí você vai contar e tal. Então, o que eu busco fazer é sempre contextualizar. Não só jogar... Eu não quero mandar um telegrama pr’o meu

leitor. Né? Eu quero contar a história e ajudar a entender, ajudar a colocar todos os elementos da nossa história aí pra ele tirar as conclusões dele e ele poder ficar informado e tal. Agora, basicamente, o que eu penso é pra que editoria vai. Aí eu posso deixar o texto mais maleável ou não.

S6{B3[P2(Q2-5)]} - Tem, por exemplo, que é ouvir os dois lados, ouvir todos os lados envolvidos, o acusado e quem tá acusando (né?), ouvir todas as versões, colocar todas as versões lá. Por que aqui você não é o juiz. Então, você não vai colocar a tua versão de jornalista. Você vai ouvir as versões, até porque a verdade não existe. Né? Existe a versão que mais se aproxima dela (né?), mas nunca é a verdade. Então, a primeira obrigação é colocar todas as versões possíveis ali no teu texto. Geralmente são duas as principais: alguém que tá acusando e alguém que tá sendo prejudicado por isso. Então, você tem que ouvir as duas pessoas. As versões satélite, se couber, se tiver espaço, você pode colocar mais alguma outra, senão, os principais são isso: o acusador e o acusado. Outro traço principal é ter o mínimo de adjetivo possível, sobretudo quando o adjetivo interfere na notícia (né?), de juízo de valor. Então: “o senador corrupto... Né? Quando você faz algum juízo de valor em alguma decisão que você tá dizendo na notícia, agora não tá me vindo nenhum exemplo desse caso, mas você conta a decisão de um padre, por exemplo, e já comenta aquela decisão: “com uma decisão acertada, o padre orientou a menina a fazer o aborto”. Aí não é o jornalista que tem que dizer se a decisão é acertada ou não. O padre orientou a menina a fazer o aborto. O leitor, conforme a religião, a formação dele, o que ele acredita, os dogmas, a ideologia, ele vai concordar ou não com o padre ou com a menina. Por exemplo, este tipo de adjetivo... Acho que só cabe adjetivo pra localizar o lugar da pessoa. Então, o alpinista caiu..., se bem que, nesse caso, nem precisa de adjetivo. Se você puder dar os números, é melhor: de uma montanha de 9.145 metros. Não vai dizer de uma montanha alta. Sim, mas alta, 100 metros pode ser alta. Agora, em algum lugar se cabe esse tipo de adjetivo. O adjetivo pra localizar melhor no tempo, no espaço do leitor. Então, eu acho que só aí que cabe. Fora isso, o texto jornalístico é sem adjetivo. O mínimo possível de adjetivo e o mínimo possível de advérbio. Né? É um texto de verbo e substantivo. Porque, senão, você interfere. Né? A verdade não existe. A objetividade, a imparcialidade também não existe. Tua história é um fator de mim. É a partir... As perguntas que você faz pr’o teu entrevistado já têm um certo viés. Então... Os verbos que você usa já tem. Nesse caso do MST, mesmo, o verbo invadir e o verbo ocupar são totalmente diferentes. Agora, todos os jornais e de todo o governo, os fazendeiros, usam invadir. Todos os sem-terra usam o ocupar. Pode ver que eles nunca usam o invadir. Né? Inclusive quando você faz essas entrevistas com os caras, você tem que tomar cuidado, porque eles ficam brabos (né?): “não, ninguém invadiu terra aqui. A gente tá ocupando a terra”. Mesma coisa, na época do massacre também. Então, na hora de escrever eu, obviamente, eu assumi que era o massacre dos sem-terras, e o jornal assumiu, toda a imprensa assumiu. Né? Eu acho que teve uma discussão antes. Né? Foi consultado o departamento jurídico, fala com editor: “mas, pode dizer que é massacre. Não vai dar problema”: “não, 19 morreram, porra! Massacre e tal”. Só que na hora de perguntar pr’o fazendeiro: “sim, mas o confronto com os sem-terra e tal”. (xxx) . Então, na hora de usar o substantivo, já tem um certo viés. Aí você começa a meter adjetivos e advérbios ainda. Aí acabou. Aí você tá fazendo um texto..., esse não é mais o texto noticioso. É um texto... Então é a precisão, você se aproximar o máximo possível da verdade, ouvir todos os lados envolvidos e evitar ao máximo adjetivos e advérbios. Quando eu escrevo meus textos, eu penso nisso: “vamos ver esse caminho aqui”.

SUJEITO 7

S7

B1 - P1

S7{B1[P1-1]} - 1) Pra mim, é um **texto literário**. 2) Por que ele *tá contando uma história* [narratividade], assim, super..., “aí ela achou engraçado”, *tá super coloquial* [oralidade]. Eu digo literário no sentido de ser, pode ser uma **crônica** (né?), uma coisa mais... Mas, não é uma matéria, uma notícia, no caso. Se fosse uma notícia, não ia tá assim “aí”..., não ia tá *informal* [- formalidade] dessa maneira. Ela tá contando. É como se fosse... Podia até ser um enredo de historinha infantil, pela maneira como está escrito.

S7{B1[P1-2]} - 1) *Prevê que é artigo* [pista metatextual]. Pra mim é artigo também. “O presente artigo visa apresentar os resultados...” Né? Esse *é um texto daqueles bem formais* [formalidade], assim, um texto de empresa. Parece uma CI, assim. CI, que a gente chama, é **comunicação interna**, quando tu vai (né?) passar (sei lá!) uma ordem por escrito. Acho até que, pra artigo, tá formal demais, isto. É um artigo, mas é um artigo acho que muito..., não pra jornal. Deve ser um artigo pra alguma revista médica, alguma coisa assim (né?), algum artigo pra alguma **publicação técnica**, pela maneira como tá. Né? Pra jornal, não é. 2) Não, porque, assim, eu acho que, “o presente artigo...”, primeiro que já tem o “presente artigo”, presen... a gente já tá vendo aqui (né?), no caso, seria o artigo aqui. Este presente já tá confirmando. Né? “Visa apresentar uma análise piloto quanto ao gênero do discurso”. É uma linguagem super (como eu vou dizer?) rebuscada, assim (né?), e é uma linguagem até chata. Se o artigo do cara for todo escrito assim, ninguém vai ter saco de ler. Né? (xxx), só que, se fosse no jornal, esse artigo não ia nem... Ia ser modificado, assim, a maneira como tá escrito. Né? Pode ser tipo um **ensaio num revista técnica**, alguma coisa assim. Né?

S7{B1[P1-3]} - 1) É. Essa é a CI, aquela que eu te falei. Né? É uma **comunicação interna**. 2) Por que..., “*produtos de outros fabricantes pra repor o nosso estoque*” [TCI]. Parece, realmente, uma comunicação de um funcionário pr’um outro, assim, dentro de uma empresa. Pelo assunto até. Não é nem pela linguagem que tá aqui, que, até pela linguagem, *tá formal* [formalidade] também de novo (né?), “*impele-nos a adquirir*”. Né? Podia ser precisamos comprar mais produtos e tal. Esse “*impele-nos a adquirir*” é que tá esquisito. Parece, assim, um chefe daquele bem...(aí, como é que eu vou te definir isso?), aqueles chefes que subiram rápido, assim, daí quer falar difícil com o empregado. Por isso que escreve assim, “*impele-nos a adquirir*”.

S7{B1[P1-4]} - 1) É. Isso aí, se não for por escrito, é, de novo, aquela *linguagem coloquial* [oralidade]. Porque a pessoa fala assim. Né? O certo não seria “cara”, meu rosto algo assim. Então tá super... Pode ser **história em quadrinhos**. Né? Pode ser uma historinha também, gibi, **livrinho de história**, uma **crônica** dessas do dia-a-dia. (**por quê história?**) 2) Por que ele tá contando: “aí todo mundo olhou pra minha cara”. *Esse*

“ai” dá a entender que alguma coisa estava acontecendo antes [narratividade]. Né? Então...?

S7{B1[P1-5]} - 1) Isso aqui pode ser um **texto de jornal** daqueles bem secos, assim. Né? Texto de jornal. 2) Por que ele tá falando o que que o governo fez. Né? Tá bem direto. Por que ele me dá a impressão de que ele tá dando uma **notícia**, assim. Né? Claro, é um pedaço de uma notícia: “o governo estimulou, via provão, uma demanda à pós-graduação. Agora reprime a demanda à pós-gra...”. Pode ser uma **matéria numa página de ensino de jornal**, por exemplo, explicando alguma coisa. Né? Sozinha, assim como tá, parece ser. Pode ser também **jornal da universidade**. É uma *coisa bem dirigida* [audiência específica], assim. Se não for um texto de jornal normal, é um jornal da universidade, ou de alguém, assim, ligado à área.

S7{B1[P1-6]} - 1/2) Isso aqui é um..., parece uma frase de alguma **coisa didática**, de algum.... Tá ensinando alguma coisa. Um livro didático. “A estrutura genérica resultante apresenta semelhanças com a estrutura identificada”. A impressão que dá é que *tá explicando alguma coisa* [expositividade]. Então, seria também..., se fosse em jornal, uma **matéria científica**, ou **educativa**, assim, ou faz parte de algum livro, que não é um livro de história. É um **livro pra alguém aprender alguma coisa**.

S7{B1[P1-7]} - 1/2) Isso aqui, também, é uma **notícia**... É: “a maioria das vítimas são japoneses...”. “São”. Né? Se fosse “foram e tal”, aí poderia ser um livro, alguma coisa contando alguma história que já passou. Mas, como tá, é uma notícia que pode ser na tevê, no rádio, no jornal... Né? Contaram pra gente. Né?

S7{B1[P1-8]} - 1) Isso aqui parece **discurso de político**: “hoje, mais do que nunca, a ciência é a condição e alavanca do progresso” e tal. Pode ser um pedaço de discurso de político, isso aqui. 2) Ah, *pelas palavras*: “*alavanca do progresso*”. É uma coisa que não se usa em parte nenhum [conteúdo clichê], a não ser que seja algo do discurso mesmo (né?), e que seja, assim, um discurso daqueles bem populista ainda. Né? Então, alguém, assim, que está defendendo a ciência como sua plataforma e daí diz que a ciência é que é “alavanca o progresso”. Por isso, assim, pelo tipo de expressão mesmo.

S7{B1[P1-9]} - 1) É isso aqui é um... tipo uma **carta** também (né?), aquelas **memorando**, aquelas **cartas de empresa para empresa** (né?) que... “Há tempos que não recebemos a visita de seu representante nessa região”. É bem isso. A impressão que eu tenho, assim (né?), quando eu li que *o fornecedor dele* [TCI], lá, não tá aparecendo mais e ele tá comunicando, dizendo que não tá vendo ninguém... Algo assim. É uma carta de uma empresa pra outra. Podia ser até de um político também, seu representante, mas uma coisa bem..., mas eu acho que é mais pra empresa mesmo. 2) Por que, pelo... Se ele estiver falando com o cara só, ele não iria dizer: “cumpre-nos informar, entretanto, que há três meses...” Isso deve ser alguma coisa que ele já disse..., a continuação de algo (né?) que ele já disse antes. Sei lá o que foi! Por que esse “entretanto” quer dizer que alguma coisa antes ele falou e esse “entretanto” tá meio que, até, meio que não me engano, mas... É tipo um porém, assim. Né? Tudo tava dando certo, mas, entretanto, o cara não tá vindo aqui. É algo assim. Né? E pelo “*cumpre-nos informar*” que me dá a impressão de ser carta [formalidade].

S7{B1[P1-10]} - 1/2) Apesar da palavra “evento” que é danada. É a palavra proibida ali na variedades. Eu não deixo ninguém usar a palavra “evento”. É ou pode ser um trecho de uma **matéria** (né?): “há relatos contraditórios” (né?), o número de mortos [TES]. Quando tem isso, assim, *no presente* [verbo no presente], sempre dá a entender, dependendo do teor da frase, dá a entender que é uma **notícia**. Né? Tá no presente: tá acontecendo ali ou aconteceu a pouquinho.

S7{B1[P1-11]} - 1/2) Isso aqui, também, *é bem coloquial* [oralidade]: alguém contando alguma coisa para alguém. Se fosse uma publicação, também,... Era o mesmo cara do “ali”, da “cara”, aquela. “Eu já passei um vexame lá”. Né? *Alguém contou alguma coisa* [narratividade], e, aí, ele respondeu (né?): “eu já passei um vexame lá”. Isso é uma **história**.

S7{B1[P1-12]} - 1/2) Apesar de tá, assim, *meio formal* [formalidade], também, é uma **notícia** também. Pode até ser... Tá falando no passado, mas pode ser aquela notícia que retoma, tipo: “foram presos (né?), são presos, *assaltantes são presos hoje*” [TCI]. Aí, isso aí é uma frase que retoma, porque eles foram presos: “porque, ontem (né?), eles conduziram o carro e abandonaram e tal”. Pode ser uma notícia. Pode ser, também, uma **história**. Vamos supor que tu esteja contando a história de alguém. Também dá pra ser aqui nesse caso. Uma história quer dizer, no caso, assim, um livro, **romance policial** (né?), *porque tá no passado* [narratividade].

S7{B1[P1-13]} - 1) Isso, de novo, é uma **notícia**. Mas é uma **notícia dirigida**, assim. Né? Ou é o *jornal da universidade*, ou é a *página de ensino* (né?), *algo pra quem se interessa por pós-graduação* [TCI/audiência específica]. Ou, até pode ser uma página de economia. Mas, aí, acho que tá dando um destaque demais, assim, pr’a pós-graduação numa página de economia. Eles, normalmente, não dariam. Tá bom pra outra coisa. Então, se fosse uma página de ensino, aí sim, falando da... Mais pelo destaque, pela prudência e tal. 2) É uma notícia, porque *tá informando* [propósito de informar], oh: “uma das áreas afetadas pelo pacote fiscal lançado pelo governo é a pós-graduação”. É uma informação. Então, é uma notícia. Geralmente quando é uma informação assim... *Tá explicando* [expositividade] direitinho o que que foi, o que que aconteceu e atingiu a quem. Uma notícia.

S7{B1[P1-14]} - 1/2) “*Esse corpus*”... “*Esse*”... *Dá a impressão que isso aí é algo, também, dirigido* [léxico específico/audiência específica]. Mas (não sei!), acho que uma notícia não. É, eu acho assim: parece, também, uma publicação dirigida pra algumas pessoas da área médica ou veterinária, enfim (né?), *dessa área toda: biologia, algo assim* [TCO]. Acho que (não sei!), talvez, o interesse do assunto também. Solto assim, não interessa. É a partir do momento que esse pode... Eu acho, assim, pra mim, é uma publicação, um **livro médico**. É, assim, mas aqueles livros, tipo aqueles livros menorzinhos (como é que chama? Não é (xxx). Sei lá!). É uma coisinha assim, não livre como uma coisa literária assim. Né? Um livrinho, assim, de **guia: guia médico, primeiros socorros rápidos**...

S7{B1[P1-15]} - 1/2) Ah, isso, de novo, aquela **carta** de..., ou pra algum político que não tá indo lá pra prestar conta no congresso. É uma carta formal de alguém que é superior, cobrando alguma coisa de alguém inferior. É a impressão que eu tive. Mas é uma carta, ou de empresa pra empresa, de político pra político... 2) Por que, assim, oh:

“solicitamos, pois, um pronunciamento de vossa senhoria”. Então, ele tá falando diretamente com alguém. Né? *Poderia falar num telefone? Poderia. Só que, daí, não seria nessa linguagem: “solicitamos, pois”. Né? Seria uma coisa mais... Não teria o “pois”, pra começar [léxico específico]. Né? Então..., e é carta, porque, assim, tá falando com alguém diretamente [interlocutor direto]. Né? Se ele não estivesse falando: “gostaríamos que”....*

S7

B1 - P2

S7{B1[P2-1]} - 1/2) Ah, agora, junto com tudo isso aqui... É que eu tinha falado que era um artigo (que era um artigo!), que era uma notícia, uma publicação dirigida. Né? Agora, pode ser um **artigo num jornal**, na página 2 do diário, por exemplo, porque *tem opinião* [argumentatividade]. Né? No momento que tem opinião, é assinado por alguém. Ele não está simplesmente dizendo que uma das áreas foi afetada. Ele tá dizendo o que que isso traz (né?) de problemas e por que e tal, a crise não pode servir de pretexto. Ele tá dando a opinião dele. É um artigo.

S7{B1[P2-2]} - 1/2) Continuo dizendo que é um **texto literário**. É uma história, assim. Pode ser um **romance**, algo assim.

S7{B1[P2-3]} - 1) Isso é uma **matéria de jornal**, uma **notícia**. 2) Por que *tá informando* [propósito de informar] (né?), “o ataque com saldo de 67 mortos” (né?), e, tipo assim, tá retomando uma história (né?), “foi o mais feroz desde de uma onda de atentados”. Né? Pelo tipo como tá com uma linguagem bem clara, assim. Não tem nada rebuscado. Tá direto. Tá dizendo o que que aconteceu (né?), e dizendo que foi o mais feroz de todos e tal. Fica bem claro que tá informando alguma coisa.

S7{B1[P2-4]} - 1/2) É. Agora, aquilo que parecia um discurso de político, não é mais um discurso de político. Né? Pode ser um **artigo**, de novo, como aquele outro *artigo com opinião* [argumentatividade]. Né? E, a frase, como ela ficou agora, pode muito bem ser um artigo. Quando ela tava sozinha, ela parecia que o cara tava discursando no palanque. E, agora, ela até ficou normal aí no meio das outras. Mas eu continuo achando essa “alavanca” horrível.

S7{B1[P2-5]} - 1) Parece, de novo, uma **notícia de jornal**, ou de tevê, também. Parece até mais uma linguagem de tevê. 2) *Tá informando* [propósito de informar] (né?), tá... Apesar de ser passado. Né? Pode também ser um **livro histórico**, *contando alguma história* [narratividade] (né?), aqueles das histórias que aconteceram mesmo. Mas, na maneira como tá, assim, curto, assim, a frase curta, parece mais até linguagem de tevê.

S7{B1[P2-6]} - 1/2) É um trecho de **livro didático**. Parece livro didático daqueles assim..., livro que tu lê pra aprender alguma coisa. Né? Então, é didático, mas talvez eu não esteja usando a palavra certa. É um livro que ele é pra aprender alguma coisa. Não é pra te divertir. É pra aprender. É a impressão que eu tenho.

S7{B1[P2-7]} - 1/2) Isso é *final de alguma carta* [movimento retórico]: “sem mais subscrevemo-nos atenciosamente”. Só pelo “subscrevemo-nos” já... Isso aí já diz que é uma carta.

S7{B1[P2-8]} - 1/2) É, de novo, **notícia de jornal**, informando, de jornal ou..., informando a... *Tempo presente* [verbo no presente] (né?): “apontam”, “a maioria são”. É uma notícia. *Tem informação* [propósito de informar] (né?) do tipo de informação que é: alguma coisa que aconteceu, assim, com mortos (né?), alguma coisa que foi imediata. Eu acho até que..., o tempo e por que tem algum tipo de informação imediata.

S7{B1[P2-9]} - 1/2) Isso aqui pode ser uma **história** que se pode se encaixar lá naquela da mulher que riu. Né? É uma **historinha**, um **romance**, ou é um conto. É um pedaço de alguma historinha.

S7{B1[P2-10]} - 1/2) Isso aqui é um texto *dirigido para alguém, assim, pra um segmento, pra uma área: pr'o pessoal da universidade ou alguma coisa assim* [audiência específica]. Porque? Poderia ser uma notícia de jornal, mas tem coisas como “sói ocorrer” que não se usa em jornal. É um **texto informativo**. Só que é... É uma **notícia**, também. Só que ele é dirigido, assim, pr'um público mais específico. Né? Não é uma notícia que tá lá na página de geral pra todo mundo lê. Ele está dentro de uma *página de ensino ou num jornal da universidade* [TCO], algo assim, pela maneira como tá escrito (né?), com frases super compridas, “o CNPq”, daí abre CNPq, “que atualmente reformula seus critérios de distribuição de bolsas para conter os vícios corporativos no uso do dinheiro público, divulgou no”... A frase é muito grande. No jornal não seria. Né? A não ser de atrito, na verdade. Os jornais, às vezes, tentam mudar o estilo.

S7{B1[P2-11]} - 1/2) Isso aí pode ser, também, trecho de uma **matéria**, contando... Tá... Isso aqui é aquilo que a gente diz: “esse aqui é um texto que tem imagem”. Assim, você fica imaginando, chega a ver os caras “vestidos de preto, atirando, saindo atirando e tal”. Tá informando alguma coisa que parece ter acontecido recentemente. Pelo “saíram atirando”, a impressão que dá..., “atirando” é uma coisa que tá acontecendo ainda. Né? Não atiraram há não sei quanto tempo. Né? Por que é bem... Por que ainda tá presente. Por isso que parece **notícia**.

S7{B1[P2-12]} - 1/2) Continua... falando... **carta de uma empresa pra outra**. Antes ela já era quando eu li o “cumpre-nos informar”, mas porque... É. É uma carta. Estão *falando diretamente pra alguém* [interlocutor direto] e dizendo o que tá acontecendo. Por isso.

S7{B1[P2-13]} - 1/2) **Notícia de jornal** de uma editoria. “Pelo menos 57 turistas estrangeiros e 4 egípcios foram mortos... em frente um templo faraônico”. Estão aí *informando alguma coisa* [propósito de informar] da mesma maneira como aquele outro da mesma maneira como aquele outro lá dos japoneses, alemães. Isso.

S7{B1[P2-14]} - 1/2) É uma **notícia**. Né? *Tá informando* [propósito de informar] (né?), tá... É uma coisa recente, assim (né?), no texto e... Só que, aqui, agora, é *página de ensino ou jornal da universidade* [TCO]. Mas é uma notícia. Poderia estar também... Como ela tá escrita, assim, ela poderia até estar numa página de geral, porque é uma coisa que interessa. Apesar se ser, assim, bem dividido, também interessa (né?), às vezes, pra quem vai querer entrar na universidade e tal. Mas, é uma notícia.

S7{B1[P2-15]} - 1/2) É a mesma **historinha** lá do gurizinho do primo. Porque que é gurizinho você devia ter perguntado. Em nenhum momento falou que é gurizinho, mas eu achei que fosse gurizinho, na hora em que ele disse assim: “eu e esse meu primo...”. Gurizinho assim, até uns 15 anos no máximo. Pelo jeito como tá ali falando, ou (né?) pelo o que ele fala ou fez. Eu não tou identificando de onde foi tirado isso, qual é o autor. Mas é..., tem uma coisa, assim, bem (né? sei lá!), um daqueles baianos, nordestinos (né? sei lá!), alguém, assim, mais... Ai, não me veio. Daqui a pouco eu vou saber.

S7{B1[P2-16]} - 1/2) É uma **notícia**, uma notícia daquelas mais..., num tom... Poderia ser uma notícia daquelas mais trabalhadas, daquelas que saem no domingo, que eles fazem referências a outras coisas que aconteceram. Não é aquela notícia bem... Poderia ser. Né? Eu não sei o resto, como ela tá. Mas, assim como tá, poderia fazer parte de um texto bem trabalhado, de leitura. Só que agora essa uma notícia não é de leitura muito rápida. É a chamada leitura mais... “Os extremistas querem derrubar o governo”. A questão é... *Tá dando uma informação* [propósito de informar] no presente (né?) que (sei lá!), se fosse um livro esse “querem” ia ficar engraçado porque, daqui a pouco, o livro..., já eles não “querem” mais, eles já derrubaram ou queriam. Né? Por isso que é notícia. Amanhã vai aí fora e, então, não é mais querem: já derrubaram ou não, morreram todos. Po isso.

S7{B1[P2-17]} - 1/2) É. Isso aí pode... É parte de um **romance**, uma história no Bob's. Pode ser alguém **conversando no telefone**, também, isso. Se for publicação, onde que foi publicado (né?) seria uma história. Mas pode ser aquela mesma do gurizinho.

S7

B2 - P1

S7{B2[P1-1]} - 1/2) É um **artigo** (né?) porque tem opinião. Né? É um artigo, assim, em cima de uma notícia, vamos supor, atual. Né? Então, pode ser um artigo de jornal, porque tem opinião e porque é atual. É. Por que, aqui, por exemplo, eu não sei se esse texto começa assim. Tá? Mas, como ele tá aqui, parece que tá começando assim. Então, dá a impressão que é só uma notícia normal, assim. Né? Mas, aí, quando chega aqui embaixo, “não há uma preocupação séria e inocentes continuam morrendo”, aqui, já tem opinião. Né? E, aqui, oh: “não se trata de varrer os xiitas”. Então, ele tá dando a opinião dele mesmo. Né? Então, por isso, é um artigo.

S7{B2[P1-2]} - 1/2) Aqui é a mesma coisa. É, de novo, um **artigo**. Daí, tipo assim, comentando. Né? É um comentário. É um artigo também. Tudo que é artigo é um comentário. Né? Também sobre uma notícia..., em cima de uma medida, no caso, do governo (né?) e, aí, ele mostra os dois lados da questão (né?), quando ele fala que “é verdade que as instituições de fomento”... Né? Por que aqui ele critica e aqui também ele dá o outro lado (né?) que “não têm cumprido satisfatoriamente sua função e tal”. Mas, é..., comenta aqui (né?) e, isso aqui, é opinativo (né?): “hoje, mais do que nunca a ciência é condição e alavanca do progresso”. Eu até acho que o jornalismo deve ser opinativo não só em artigos, mas, nesse caso, assim, análise fria, é artigo.

S7

B2 - P2

S7{B2[P2-1]} - 1/2) Tá. **Tá faltando aonde aconteceu isso.** Né? Ele fala num julgamento no Cairo, mas não fica pra mim..., pelo menos pra mim, não tá claro, assim, aonde foi. Por que pode ter sido o julgamento no Cairo e o ataque n'outro lugar. Né? Nesse caso, assim, pra mim, faltou isso. Faltou dizer onde que foi. Né?

S7{B2[P2-2]} - 1/2) Esse é aquele que eu acabei de ler. Né? Pelo menos, me parece que, aqui, foi aquele atentando que matou 67 pessoas e eram turistas que estavam esperando pra visitar o local do Vale das Rainhas. Né? Aqui tá faltando, pra mim, essencial, **saber quantos morreram, quantos foram atingidos e tal.** Né? Então, aqui, "saíram atirando", "grupos de turistas". Aí eu quero saber: quem morreu foram os turistas?, quantos turistas morreram, no caso? Né? Ficaria faltando isso. O ideal seria que isso e aquele..., esses dois tivessem juntos. Aí, ficava perfeito.

S7{B2[P2-3]} - 1/2) O que tá faltando aqui, por exemplo, que tem no outro texto, que terroristas são esses. Né? Por que aqui não diz quem são. Lá diz como eles se vestem, como eles tavam. E, aqui, no caso, não. Só diz que por terroristas, em frente a um templo. Terroristas daonde? Pra mim é isso que tá faltando aqui. Esse aqui até... Depois, dá pra ver aqui que são os extremistas que querem derrubar o governo e tal. Então, **esse aqui até dá pra publicar.** Esse dá. Turistas (né?), quantos morreram de turistas, quantos egípcios que tavam ali, aonde foi (né?), conta que os terroristas também morreram. Acho que, no outro, por exemplo, tá mais completo, porque ele diz por que talvez tenha acontecido isso: por causa do julgamento, aquele. Né? Mas, aqui, até, se fosse uma notinha, daquelas etc que sai no jornal, dá pra enxergar legal. Agora, claro, se tu for olhar, assim, tá, falta, tipo, o porquê. Né? Até diz, "querem derrubar o governo e tal", mas por que nesse momento, por que contra turistas e tal, aí falta, que, naquele, daí, teria: que talvez seja por causa do julgamento que... Mas dá. Como notinha, assim, dá pra botar. Dá pra sair.

S7

B3 - P1

S7{B3[P1-1]} - 1/2) É um **texto jornalístico**, porque (né?) tem..., é atual (né?), assim, dá uma certa autoridade. Né? Eu digo atual porque..., não atual que aconteceu isso agora. Né? Assim, lendo, parece, assim, fazamos de conta que aconteceu isso ontem, atual, tem várias informações. Ele tem, também, acho, assim, um jeito de texto de tevê, porque tevê que começa assim: "pelo menos 57 turistas"... Se fosse jornal, teria um *leadezinho* que seria uma coisa, assim, mais pra introduzir o assunto. Né? Me parece até mais texto de tevê. Mas é jornalístico de toda forma. Se fosse escrito num jornal ia alterar pouca coisa. Né? Ele tá meio assim só frases. Falta uma ligação entre uma frase e outra, mas isso é detalhe. É texto jornalístico.

S7{B3[P1-2]} - 1/2) É uma parte de um **artigo**. Como se fosse um artigo, alguém comentando alguma coisa. Né? Por que tem uma opinião. Tem bastante opinião, tem análise (né?), (xxx) uma situação e tá dando a opinião dele.

S7{B3[P1-3]} - 1/2) É um pedaço de um **texto especializado**, ou pr'uma revista especializada ou pr'um grupo (né?) dentro desse... (sei lá!), que entende de..., do que fala aqui: gramática, léxico, lingüística, essas coisas assim. Né? Não seria um texto jornalístico. Seria numa revista especializada. Né? Eu não chamaria de jornal. Né? **(Que rótulo você daria?) Informativo**, porque ele tá informando o que que é o artigo, nesse caso. Né? Seria, assim, tipo um prefácio daquele trabalho, no caso. É o que me parece.

S7{B3[P1-4]} - 1/2) Uma **carta comercial**. Primeiro, por que tem o “subscrevemo-nos”. Né? Isso aí já diz que é uma carta. E a maneira como tá escrita (né?), tipo um memorando ou uma carta entre empresas ou uma carta entre setores de uma mesma empresa.

S7{B3[P1-5]} - 1/2) É um trecho de algum **texto literário**. Pode ser uma **crônica**, um texto literário, assim, bem, assim, numa linguagem coloquial. Né? Pode uma daquelas histórias curtas: um conto ou uma crônica. Pode até ser um **romance** também. Mas, assim, pelo astral, pelo estilo, assim, do texto, bem coloquial, acho que pode ser uma coisa assim, uma crônica do dia-a-dia. Bob's (né?), uma coisa bem comum da gente, cotidiana. **(por que texto literário?)** Pela maneira como ele escreve, assim, oh: “no Bob's, eu já passei um vexame lá”. É uma coisa meio... Tá cheio de liberdades (né?): “tinha muito gás”, “fui rir também”, “aí todo mundo olhando”. Quer dizer, coisas que, se a gente vai escrever corretamente, assim, não se usaria. É como se a pessoa estivesse falando. Né? Ele tá falando. O cara reproduziu exatamente o que ele tá dizendo. Né? Que nem eu tô falando “tô falando, tô dizendo”. Né? Isso aí num texto assim poderia ter e, se eu fosse escrever isso, não poderia. Né? Se eu for te entrevistar, aí tu fala isso pra mim: “eu tô, eu vô”. Eu, na hora de fazer a entrevista, não vou botá. Né? Vou dizer “eu estou” e tal. Né? No jornal, não poderia.

S7

B3 - P2(Q1)

S7{B3[P2(Q1-1)]} - A) São. B) Ah, eu acho assim. A linguagem é diferente. Né? Que nem se fosse comparar, por exemplo, quem nem o outro ali, a linguagem que eu acho que é literária, é literária não porque ela está corretamente, mas, justamente, porque ela tem um monte de liberdades e que, num texto jornalístico, não se pode usar. Então, uma das diferenças seria essa. Outra é a atualidade. Né? No caso desse texto, assim, pode ser lido em qualquer dia, em qualquer hora. Né? E o texto jornalístico amanhã já tá velho, no caso. Né? Aí tem uns dados que, daqui a pouco, já não..., aqueles dados já passaram. Tipo, hoje, são 67 mortos, amanhã, descobrem que foram mais 3, 4. Então, a atualidade diferencia, o tipo de linguagem. Né? (O que mais poderia ver?) Esses, assim, por exemplo, de..., aquele que eu falei que era uma coisa, assim, específica. Né? Usa palavras que eu acho que não são usadas normalmente, que são usadas por um grupo: “*corpus*”, por exemplo. Não é uma palavra usada normalmente pelas pessoas. Né? Aí, por isso: só interessa a um grupo que for lê isso, que saiba (né?) o que que isso está falando. Nesse caso aqui do da carta, a maneira como é toda formal, que é bem pessoas que não se conhecem. Uma falando com a outra, mas não conhece a pessoa. Né? Não

é: “oh, fulano! Como é que tu não mandou o sapato lá que tu tinha prometido”. Não. É todo formalzinho. Né?

S7{B3[P2(Q1-2)]} - (1) No caso desse aqui, já entra dizendo que..., que é o que interessa: quantos morreram (né?) e quem matou, nesse caso. Né? Que é o que, também, em jornal, a gente chama de *lead* que seria isso: a informação mais importante, tu abre o texto com ela (né?) e o resto tu vai deixando lá pr’o finalzinho. Se bem que existe duas maneiras. Né? Existe a pirâmide invertida, também, que tu vai contando uma grande de uma história, pra, lá embaixo, chegar no máximo, assim. Né? Num texto como esse de mortos e feridos não poderia ser usado. Né? Então, esse aqui é isso. São as informações mais importantes lá pra cima. Depois, vem, no meio, a explicação, por que que se acha que mataram, porque que houve esse conflito. Né? E, depois, a consequência, no caso: “o acidente foi condenado”... Né? Então, tem uma ordem. Esse texto tem uma ordem assim. A causa tá no meio. Aconteceram as mortes, por que aconteceram e, depois, o que que essas mortes causaram no resto do mundo. Então, seria assim, a análise.

(2) É que essa aqui, ele é um trecho (né?) e o começo dele deve ser..., não deve ter..., o começo dele não deve ser assim: “uma das áreas afetadas pelo pacote fiscal lançado pelo governo”... Parece... Me parece que tá faltando alguma coisa. Né? Acho que tem que tá mais... Aí, não sei! Ele não tá dentro de uma outra matéria então? (não) Que gozado! Achei ele muito, assim, direto. Assim, tipo... porque tu sempre tem que tá lembrando... pode ser que tenha..., o leitor tá chegando hoje no Brasil e ele vai lê isso e não vai entender muito bem. Né? Tipo, alguma coisa lembrando como é que era esse pacote fiscal e tal. Tá faltando isso. E aí? Aí vem a análise. Assim, ele já..., eu acho que ele já tá analisando. Não tem muito uma explicação por que que ele tá fazendo essa análise, a meu ver, assim. Né? Acho que faltou alguma explicação. Faltou alguma coisa nesse texto. Né? Então, ele já entra pr’a análise, já entra pr’a opinião dele... Né? Então... Tem uma conclusão meio vaga, assim, que eu achei: “a ciência é condição e alavanca do progresso”. Alguma coisa meio vaga e não... Sei lá! Acho que é um texto meio assim, meio voando. Ele tem uma... É que a análise dele já começa, assim, a impressão que dá, ele tá analisando alguma, tipo: “eu sei tudo e não importa os outros que não saibam disso aqui”. Né? Eu acho que faltou um pouco ele lembrar. Ou se isso estivesse numa mesma página onde tivesse uma matéria sobre o pacote fiscal e aí isso aí seria um *box* de opinião sobre o pacote fiscal. Aí, claro, o cara já leu tudo sobre o pacote fiscal, então, agora, ele vai lê a opinião. Aí tá bem. Agora, se isso for sozinho, sem nada, eu acho que fica voando, fica solto (né?), fica bem capenga, assim, se fosse num jornal. Né?

(3) Ai, esse aqui, eu não sei, esse aqui, pra mim, é o mais difícil de falar alguma coisa sobre a estrutura dele. Eu não sei muito bem te dizer isso. É bem isso que eu te falei antes. Pra mim, parece um prefácio, uma apresentação de alguma coisa que vem depois. Mas eu não sei te dizer, assim, o que que é mais importante na estrutura aqui. Tá muito assim... Ai, sei lá! Esse aí é difícil pra mim.

(4) Ai, desse aqui, assim, o que mais que eu posso dizer além do que eu já falei? Que é uma carta... O que eu percebo, assim, eles falam, no caso, assim, a pessoa que escreve se coloca como um todo (né?), ela não é ela sozinha, não é um que assina, no caso, parece que vai assinar é uma empresa inteira (né?): “somos”, “cumpre-nos”, sempre falando no plural. É o tipo de uma reclamação elegante, assim. Né? Por que não estão

recebendo (né?) a visita de um representante. É um tipo de uma reclamação. O que que é importante, de repente? Eles estão falando como a empresa. Não é alguém que tá reclamando, mas, tipo, dá a entender que a empresa inteira tá sendo prejudicada por causa da falta do sapato, dos calçados, e não só uma pessoa, só um setor. Né?

(5) Ah, esse é um texto, assim, que, por exemplo, a estrutura, a maneira como ele tá escrito, pra mim, é um texto com imagem. Eu consigo imaginar rápido, assim, lendo este pedacinho, a cena. Não sei se é por que tá escrito Bob's, mas podia ser McDonald's, podia ser qualquer coisa. Mas dá pra imaginar a cena da maneira como..., é tão coloquial, é uma coisa tão, assim, cotidiana, e possível de acontecer com qualquer um de nós que..., com qualquer mortal (né?), que eu consigo... Aqui, por exemplo, eu não consigo imaginar o cara, ou escrevendo a carta, o que... Eu não consigo imaginar isso aqui. E isso aqui dá pra ver direitinho. Bobeando, dá até pra imaginar como é que é a pessoa, o guri, esse. Eu acho que é um guri. Que, pra arrotar na frente da mulher, só pode ser um guri. Né? Não pode ser um cara respeitável. Né? Um adolescente, *punk* ainda, por cima. Né? Então, isso, pra mim, é assim. O que tem de importante é que é um texto que passa muita força. Ele passa, às vezes, mais força que esses outros todos, assim. Talvez, só não mais força do que aquele dos tiros lá. Né? Mas é um texto super forte. Só esse pedacinho, já dá vontade de lê o resto.

S7{B3[P2(Q1-3)]} - Tem o texto jornalístico... O texto, como assim que eu posso falar? Não poderia fazer assim: prosa, poesia, conto? Ou não, não é isso? **(Que você encontra geralmente)** Que eu vejo por aí, assim? Ah, tá! Pois, é. É que eu não sei o nome pra cada um, assim. Né? Que nem tem assim, por exemplo, texto de publicidade (como é que a gente chama? *Slogan*. Seria isso?). *Slogan* não. É. *Slogan* é uma coisa. *Slogan* não precisa ser uma publicidade. Né? Tem o texto jornalístico. Aí tem esses de *outdoor*, tem o texto de bula de remédio (né?), tem aqueles textos que, por exemplo, tu vê todo dia, de quadro de avisos, avisando alguma coisa (né?), textos de comunicação interna, dentro de uma empresa, que nem aqui, no caso, nós. Vale, por exemplo, assim, bilhete de um pr'o outro? Eu tou pensando, assim, no meu cotidiano. Como é que é. Né? Tem bilhetinho que passa de um pr'o outro, revista. Bom, uma revista seria mais jornalístico mesmo. Mesmo as especializadas. Eu acho que pode ser, também, texto que tem pra explicar pra que que serve um... (sei lá!), tu compra uma sopa de pacote, tem aquele texto, tipo um manualzinho, bem didático, assim (né?), como é que tu vai fazer a sopa e o que que tem na sopa.

S7{B3[P2(Q1-4)]} - Textos que têm informação atual (né?), que sejam atuais, que tenha uma sujeito, uma ação (né?), alguém fez alguma coisa e que diga aonde foi..., aquela velha pergunta lá o: quem, que, como, quando, onde. Que tenha as respostas pra isso, no caso. Né? Uma ação e as respostas pra toda essa ação. Se ele tiver tudo isso, já pode ser considerado texto jornalístico e sendo atual. Né?

S7{B3[P2(Q1-5)]} - Por exemplo, revista especializada. Tu vai falar de cinema, por exemplo. Tu não tem necessariamente o quê, quem, como quando e onde, mas tu fala, faz uma análise sobre um filme e ele pode ser jornalístico. O filme pode tá até passando em algum lugar, e, daí, tu faz uma crítica sobre aquele filme e ele passa a ser um texto jornalístico. Por que tu tá, de alguma maneira, tu tá informando alguma coisa sobre o filme, no caso. Ou, também, sobre um carro que é lançado, revista de carro. Né? Ou, então, até uma matéria especial que conte uma história, tipo (sei lá!) Cem

Anos de História. Tu tá contando uma coisa que já passou a 100 anos, mas ela é um texto jornalístico, porque tá informando, de alguma maneira, as pessoas sobre aquilo ali.

S7

B3 - P2(Q2)

S7{B3[P2(Q2-1)]} - Desde o começo, assim? Primeiro, apurar as informações (né?), pegar as informações. No caso, alguém me liga e diz... - se fosse um texto, assim, do dia-a-dia, sem ser um texto trabalhado pra fim de semana - alguém liga e diz: "ah, tá acontecendo tal coisa". Aí, tem que ir até o local. Vai até o local e confere, confirma aquilo ali (né?) e, daí, procura pegar todas essas informações: quem fez, quando foi, onde foi (né?), o que que aconteceu, o máximo de informações possíveis, de preferência, entrevistar o envolvido, entrevistar as pessoas que estão em volta, testemunho. No caso, não tou nem falando de crime. Né? Tou falando de alguma coisa que aconteceu (sei lá!): a ponte caiu. Né? E, daí, depois de juntar todas essas informações, procurar ouvir sempre os dois lados, como a gente diz, da questão. Né? Tipo, tu diz assim: "éh, essa ponte caiu, porque o engenheiro não construiu direito. Errou lá"... Fala com o engenheiro: "oh, tão dizem que o senhor não construiu direito a ponte. O que que o senhor fala?" Daí, ele diz: "não (xxx)"... Então, procurar colocar uma coisa imparcial, assim, colocar os dois falando, os dois lados da questão. Né? Aí, depois de tudo isso anotado e tal, procurar escrever esse texto com todas essas informações, mas de uma maneira que fique agradável a leitura. Né? Que não fique um... Procurar até descobrir alguma coisa humana na história toda, porque o fator humano sempre atrai. Né? Alguma coisa que identifique o leitor com aquilo ali. Né? Então, buscar isso: algum tipo de fator humano e dar aquele molhozinho humano naquela coisa corriqueira. E, aí, escrever. **(E na escrita?)** Ah, eu não tenho fórmula, assim, fórmula (né?) tipo: agora vou escrever assim, assim, assim. Eu acho que depende muito do que tu tem na mão (né?), do material que tu tem na mão. Tu pode mudar totalmente a maneira de fazer uma... a partir do que tu tem ali. Tanto assim que a gente vê duas pessoas no mesmo local, pra fazer a mesma matéria, e cada uma escreve totalmente diferente. Então, tem gente que deve ter fórmula. Não sei! Eu não sei te dizer: "ah, qual é a minha fórmula pra escrever". Eu, bastando ter todas as informações... É claro, tem que ter o máximo de informações possíveis, coisas até que eu posso nem usar. Mas, o bom é tu ter coisas, o máximo que tu puder. A partir daí, eu vou montar meu texto, mas eu não..., sempre assim, procurando colocar a coisa mais importante no início e atrair. Se existe uma fórmula, então seria isso: procurar despertar a atenção do leitor já no primeiro parágrafo. Não deixá pra contá lá pra baixo. Já dá o toque lá em cima, que é pra, depois, puxar o cara pra continuar a leitura. Né?

S7{B3[P2(Q2-2)]} - A clareza, eu acho que clareza. Tem que tá o mais claro possível. A atualidade dele, tanto jornal, quanto tevê, tem que tá atual tem que ter alguma coisa, a mais..., assim, que seja o mais atual possível. Né? Então, seria a clareza a atualidade e um fator humano qualquer, alguma coisa que identifique a pessoa que vai ler ou que vai assistir com aquele texto ali. Né? Que é isso que vai despertar o interesse de quem for ler. Se não tiver nada que te identifique com aquilo tu não vai ler. Né? Quem tem filho, por exemplo, sempre se comove com matérias de crianças que apanham ou que morrem. Então, sempre tem alguma coisa que vai... Tem que ter alguma coisa. Né?

Você não pode simplesmente fazer um relato, assim, sem considerar que existem pessoas que têm filhos, pra dar um exemplo. Né?

S7{B3[P2(Q2-3)]} - Esses que eu te falei. Sempre procuro fazer assim meus textos (né?): o mais claro possível, o mais atual possível e com o fator humano.

S7{B3[P2(Q2-4)]} - Ah, às vezes, eu já penso antes mesmo de começar a fazer a matéria, antes mesmo de pegar os dados. Né? Tipo assim, quando eu já sei o que vai rolar, aí eu já vou pensando, quando eu vou indo pr'o local, eu já vou pensando, às vezes, até no título, até em como vai ficar a foto. Mas, como eu faço pouca reportagem, assim, eu quase não faço (né?) essas atuais, então, pra mim, é diferente eu pensar o meu texto. Né? Eu sempre já... Eu tenho mais tempo. Né? Talvez essa pergunta fique mais legal pra alguém que saia diariamente, tipo a Ângela, por exemplo. A Ângela faz muitas matérias na rua e tal. Né? Agora, eu, por exemplo, assim, eu já penso no título..., no texto que eu vou fazer sobre o filme que eu vi. Eu escrevo muito sobre isso ou sobre comportamento. Né? E eu procuro pensar, assim, se eu vou fazer uma matéria de comportamento, como eu vou escrever aquilo pra não ficar uma coisa nem jocosa, nem..., que não seja uma brincadeira, mas que não seja muito pesado. Né? Eu penso assim. Agora, esses de dia-a-dia é complicado eu te explicar, porque eu não faço.

S7{B3[P2(Q2-5)]} - Sim, que é a atualidade ou ... Não. Mas esse texto jornalístico que você tá falando é todo texto jornalístico, qualquer texto jornalístico, ou um texto...? **(De notícia)** De notícia mesmo? Então, tem que ter atualidade. Clareza e atualidade e responder todas aquelas perguntas lá: o quê, quem, como, quando e onde, que é aquela coisa que a gente aprende lá na faculdade. Né? É isso aí. Isso aí tem que tê, porque, sem isso, um texto de notícia mesmo não... Se ali não tivesse quem morreu, quantos morreram, onde foi, não ia dá pra entender nada, ali dos terroristas. Então, tem que ter isso. As cinco perguntas básicas que se faz antes de fazer uma matéria. Né? O texto tem isso? Então, tá. Então ele pode... Pode virar lá um etc., mas ele pode entrar na... É isso aí.

SUJEITO 8

S8

B1 - P1

S8{B1[P1-1]} - 1/2) Bem, isso aqui deve ser uma **piada** (né?) em função do comentário: “aí ela achou engraçado e começou a rir”.

S8{B1[P1- 2]} - 1/2) “Quanto ao gênero do discurso”... Bom, é difícil determinar o tipo de assunto (né?) em função de que o discurso pode abordar..., enfim. Né? Mas, enfim, deve ser... Bom, é uma **avaliação inicial** sobre um determinado assunto. É uma avaliação inicial (né?): “resultados preliminares de uma análise piloto”. É uma avaliação inicial, preliminar, de um determinado assunto quanto ao gênero do discurso que, enfim... (**que tipo de texto?**) É, isso pode um... Pois é. Eu fico meio... Isso pode ser um... Por que isso pode ser um comentário, alguém comentando um trabalho, pode ser um trabalho, pode ser um levantamento. Um levantamento, assim, no sentido de, por exemplo, a pessoa, de repente, em função da apresentação de algum trabalho, ela faz um negócio no sentido, assim, de apontar algumas coisas (né?): algumas observações... Eu não sei, de repente, tu que uma resposta mais, assim, mais objetiva. Inicialmente é um **comentário sobre um determinado trabalho** (né?) que foi apresentado. Pode até..., tipo assim, uma..., isso, de repente, pode, por exemplo (né?), pode motivar, na pessoa, as sugestões pra melhorar aquele resultado, enfim... Uma avaliação, assim, inicial sobre o assunto...

S8{B1[P1-3]} - 1) Isso é uma **argumentação**. Né? É um **comunicado** (né?), argumentando por que que determinado cliente não vai utilizar o serviço ou o produto de tal fabricante. É um comunicado que, de repente (sei lá!), não fechou ali na..., talvez, a alteração de preço, pode ter ocorrido uma alteração de preço, ou uma alteração na distribuição do produto. Sei lá! Alguma coisa assim. Mas, é um comunicado. Né? 2) Por que, *pela conclusão (né?), porque tem uma frase que tá concluindo [argumentatividade]*. Ele... Na verdade, *houve um primeiro contato e até a intenção inicial de adquirir o produto [TCI]*, e que, por algum motivo (né?), não correspondeu à expectativa do cliente que é “esse fato estranho”. Eu desconheço o que que seria esse “fato estranho”, mas pode ser *n* variantes aí que fizeram com que o cliente, vamos dizer assim, pra definir numa pessoa, abrisse mão desse produto, dessa decisão inicial de adquirir o produto. Né?

S8{B1[P1-4]} - 1) Bom, eu fiz uma declaração e as pessoas me olharam. Que tipo de texto? Pode ser um **diálogo**. Um diálogo. 2) Por que eu falei alguma coisa e aí as pessoas me olharam. Aí eu suponho que eu tava em contato (né?), que havia uma troca, que eu tava conversando com alguém ou... Entende? Pela frase, eu acho que caberia um diálogo. *Por que eu disse alguma coisa e as pessoas se espantaram [TCI]*. Por que, aí, não tá definindo “aí as pessoas me olharam”. Assim, de repente, pode ser com indignação, com interrogação ou..., (né?) por não terem compreendido o que eu falei. Então, eu acho que cabe um diálogo, assim, nessa expressão.

S8{B1[P1-5]} - 1/2) Isso pode ser uma... Por que, assim, eu ia dizer uma notícia. Normalmente, essa expressão aqui, essa frase, ela leva a uma **opinião**. Isso é uma **opinião**. Isso pode ser um **artigo**. Um artigo. 2) *Em função da opinião* [argumentatividade]. Por que, normalmente, ou, por exemplo, numa matéria jornalística, esse tipo de frase, a gente não usaria. A não ser uma matéria, assim, muito especial, muito (né?), uma matéria assinada, uma matéria... Mas, a gente cuida com esse tipo de frase. Por que, normalmente, assim, quando aparece esse tipo de frase num texto, a gente diz assim: “tá, mas quem é que tá dizendo isso? É o repórter, é a fonte?” Né? Por que é uma coisa meio conclusiva, meio opinativa (né?): concluindo o assunto, “em suma, o governo estimulou, via provão, uma corrida à pós-graduação. Agora reprime a demanda que ajudou a criar”. Né? Isso pode ser dentro de um... Eu acho que pode ser um artigo, um **comentário sobre essa situação**.

S8{B1[P1-6]} - 1/2) Isso aqui pode ser um **estudo**. Por quê? Em função da frase, porque se pressupõe que essa pessoa tem um *conhecimento sobre o assunto que até fez a comparação (né?) de uma determinada estrutura que é semelhante a* [conhecimento especializado/TCI]... Pode ser um estudo, pode ser uma **análise**, um **comentário**. Por que é difícil, assim, tu dizer..., quer dizer, que é uma frase que se enquadra a um comentário, a um estudo, a uma **avaliação**.

S8{B1[P1-7]} - 1/2) Ah, isso é uma **notícia** sobre um desastre, um acidente. 2) Porque ele *tá informando que a maioria das vítimas a, enfim, a nacionalidade dessas pessoas* [TCI]. Né? *É uma informação* [propósito de informar]. Não necessariamente uma informação jornalística, de jornal (né?), mas, enfim, é uma... Isso pode até ser um **registro polícia**, lá na ocorrência (né?), o policial anotar que a maioria das vítimas são dessas nacionalidades. Acho que se enquadra... Enfim, é uma **ocorrência policial**. É uma... Da própria delegacia, lá, do escrivão anotar isso numa notícia que tu lê em jornal, de televisão, também, em casa. Né?

S8{B1[P1-8]} - 1) Acho que isso, também, se enquadra naquela mesma situação anterior. Pode ser um **artigo**, um **comentário**, uma análise sobre, enfim, que a ciência avança. Olha, pode ser um argumento, pode ser uma **opinião**, pode ser um artigo, pode ser um **comentário de televisão**. Né? Dá margem a várias formas, assim, de (xxx). 2) Pela estrutura (né?) da frase: “hoje, mais do que nunca, a ciência é condição e alavanca do progresso”. *O cara tá afirmando* [argumentatividade]. Né? A pessoa tá afirmando. Tá fazendo uma afirmação que cabe... É. Se tu qué que eu defina, de repente, cabe num artigo. Essa é uma opinião. Por que, como é uma frase solta, eu não sei se..., quer dizer, é complicado, porque a gente, quando a gente trabalha em jornal, assim, a gente vê a informação como um todo. Né? Então, isso, de repente, dentro da estrutura de um texto, pode ser até uma..., quer dizer, de repente, pode ter o cara falando exatamente sobre isso. E, aí, o repórter coloca essa frase pra dar o tal do..., como a gente fala, assim: “pôh, mas tá faltando um gancho pra tu ter um bom encadeamento pr’o próximo período (né?), pr’o próximo parágrafo. Entende? Então, por isso que eu fico meio assim de dizer: “ah, isso é uma opinião, isso tá..., é uma coisa do..., que é pessoal”. Mas, pode ser que não seja. Isso aqui pode ser, então, uma opinião.

S8{B1[P1-9]} - 1) Isso é um **comentário**. 2) Por que *tá informando que há três meses a tal pessoa que deveria* [TCI] (né?)... É um comentário por isso. É um comentário... É um

comunicado reclamando (né?) que não houve a presença de determinada pessoa... Não sei como definir. É um comunicado, avisando que determinada pessoa não aparece há três meses, o tal do representante da região. Né? Então, é um **comunicado**.

S8{B1[P1-10]} - 1) Bem, isso é também... É uma **notícia**. 2) Por que, muitas vezes, ocorre exatamente isso. Né? Pois é. Eu não sei. Eu tô me reportando muito, assim, ao meu tra..., ao tipo do meu trabalho. Por que, como eu trabalho com o texto de jornal, de repente, eu não sei se é essa a tua expectativa, assim. Né? Mas, aí, eu acabo sempre tomando como exemplo. Né? Por que, também, eu acho que a maioria das pessoas, elas acabam, não sei como é a leitura, se as pessoas lêem, mas acho que, no cômputo geral, as pessoas acabam lendo mais jornal e revista do que livros. As pessoas normais, assim (né?), a maioria das pessoas. Então, por isso que eu também acho que eu tô fazendo essa referência. Por que, às vezes, acontece assim, por exemplo. Eu infelizmente vou ter que te falar para justificar, mas polícia militar tem um número (né?), a polícia civil tem outro número, o repórter que vai lá e as pessoas que chegaram no momento lá do acidente, numa dessas (sei lá!), pode ser o, tipo socorro, lá, os paramédicos, lá, têm um número. Então, o que que a gente normalmente faz? A gente coloca todos esses números (né?) e diz exatamente: que ainda não houve um consenso sobre o número x de vítimas. Né? E, às vezes, assim, não fecha determinado..., não há um consenso também, assim, em termos do horário, o da data exata, aliás, desculpa, ou do..., tanto do horário, como do local exato. Né? E a seqüência também: “ah, o cara, primeiro, bateu e depois... (sei lá!) bateu, depois rodou na pista, acabou caindo. Né?”, aí “não, o cara primeiro perdeu o controle do veículo”. Então, essas contradições, assim, na hora do relato (né?), de como aconteceu o fato. Eu acho que isso aqui é uma notícia com essa dificuldade (né?), num primeiro momento, de, em função de ter mais de um tipo de informação, de mais de um tipo de uma fonte (né?), então, *a dificuldade de definir exatamente número de vítimas, a seqüência do acidente e o número de mortos* [TES].

S8{B1[P1-11]} - 1/2) Isso é uma... Isso pode ser uma **história**. Eu posso tá escrevendo uma história, descrevendo uma situação e contando que, em determinado lugar, eu dei vexame. Pode ser uma história. 2) Por que é um relato. Uma história pode (né?), dependendo da história, a pessoa faz um relato e conclui: “olha, eu já passei vexame lá”. Né? Então, pode ser uma história, pode ser..., a pessoa pode tá contando uma história.

S8{B1[P1-12]} - 1/2) Pois é. Isso aqui também pode ser uma... Isso pode ser uma outra frase que se enquadra num texto (sei lá!) de uma **ocorrência policial**. Né? Assalta o ônibus, aí o caras (sei lá!) tomam o ônibus, andam mais um pouco. Isso é bem... Isso é *uma frase bem característica, assim: “ai...”*. *Característica de relato de polícia. “Antes de abandoná-lo dispersando-se pra”... É. É a coisa mais comum, assim, em matéria policial: os caras andaram e aí fugiram por meio de um mato, de um matagal, de um [TCI]...* Isso aí eu vejo assim (né?) a primeira, lendo essa frase: “ah, isso aí é uma”... De repente, os caras saquearam o ônibus, pegaram o ônibus, deixaram as pessoas tudo na estrada, ou levaram junto, ou seguiram com as vítimas (né?), andaram mais um pouco, abandonaram o ônibus e saíram pelo meio do mato morro acima e... Né? Então tá. Então, eu vou pela minha impressão inicial. É um **texto policial**, esse aqui, de um assalto, de repente. É uma notícia que tu lê no jornal mesmo, uma **notícia policial**, uma notícia sobre uma ocorrência policial.

S8{B1[P1-13]} - 1/2) Isso aqui pode até ser, pra não ficar muito repetitivo (né?), isso pode ser uma **avaliação** da própria universidade. Né? O departamento lá de um determinado curso... Né? Isso pode ser uma **circular** comunicando aos (sei lá!), aos professores, aos alunos que uma das áreas afetadas pelo pacote fiscal lançado pelo governo é a pós-graduação. De repente, convocando uma reunião. Pode ser uma... pra *discutir esse assunto, porque é uma coisa que tá ocorrendo na universidade* [TCI]. Né? Então, isso pode ser o texto de uma circular, em função disso que eu acabei de te dizer. Né?

S8{B1[P1-14]} - 1) Eu acho que essa frase se enquadra também numa..., não seria bem um comunicado, mas, tipo assim, dando ciência (né?) de uma informação. Pode também uma..., tipo assim, uma resposta (né?) a um pedido de... Pode ser uma resposta. Acho que seria um **comunicado**. Ou uma (sei lá!), talvez um **laudo**. Seria, talvez, um laudo. 2) Em função do que tá escrito (né?): “esse *corpus* foi coletado em uma empresa do ramo fármaco-veterinário”.

S8{B1[P1-15]} - 1/2) Uma **carta**, uma **correspondência**. 2) Por que é (sei lá!) um documento. Por que, de repente, *tá solicitando que alguém se pronuncie* [TES] (né?) sobre a sua ausência. Então, é uma correspondência, um documento (né?), solicitando uma retorno, uma explicação, uma justificativa.

S8

B1 - P2

S8{B1[P2-1]} - 1/2) Isso aqui pode ser um **artigo** que faz considerações. Né? Faz uma *avaliação da situação* [analiticidade].

S8{B1[P2-2]} - 1/2) Pode ser um **relato**. É um relato. Isso pode ser uma **crônica**. É uma crônica (né?), *uma situação comum do dia-a-dia. É uma situação (né?) corriqueira* [TES], assim. É uma situação (né?) normal, assim (sei lá!) que ocorre numa esquina qualquer. Então, pode ser uma crônica.

S8{B1[P2-3]} - 1) Isso é uma **notícia**. E tanto pode ser texto de jornal como pode ser um texto de televisão como de rádio. É uma notícia sobre uma acidente. 2) Por que *tá contando um fato* [TES], por que tá contando uma..., quer dizer, um fato, é um fato, por que isso aqui é um fato (né?), é uma situação verídica (né?) e por isso é uma notícia.

S8{B1[P2-4]} - 1) Isso aqui pode ser, por exemplo, um **editorial**, um texto de um editorial. 2) Por que tá emitindo uma opinião (né?) e... Eu até já mudei. Eu tinha falado artigo, mas é que, pode ser um editorial. *Por que a pessoa tá emitindo uma opinião* [argumentatividade]. Ela tá... (né?) provavelmente ela..., dentro do desenvolvimento do raciocínio dela como um todo, ela fez uma avaliação (né?), uma avaliação da situação da pesquisa no Brasil (né?) que não é “um privilégio apenas de países desenvolvidos”. Então, provavelmente, ela fez já uma série de considerações, uma série de avaliações e, nessa frase, ela define algumas coisas. Então, por isso, é um editorial. (**O que difere o editorial do artigo?**) Difere. Por exemplo, o editorial emite a opinião da empresa (né?), da empresa jornalística. Quando a... Normalmente, assim, a empresa escolhe o assunto do dia, o assunto do momento, o assunto da semana e ela se posiciona através daquele editorial. Entende? Então, o editorial caracteriza a opinião do veículo (né?) de

comunicação e o artigo não. O artigo é uma coisa pessoal do articulista (né?), o que que ele pensa sobre determinada... Isso aí pode ser na área da cultura, na área da..., enfim, da educação, na área da política. Os assuntos variam. Entende? Mas essa é a diferença. Né? Eu vejo isso... Eu falei assim oh. Eu falei, até pra ter uma variação. Né? Eu falei um editorial. Mas isso pode ser um artigo. Pode ser os dois tipos.

S8{B1[P2-5]} - 1/2) Isso aqui define uma medida. Né? Isso pode ser um **anúncio de uma medida** da *decisão do presidente de enviar os ministros e convocar essa reunião emergencial* [TCI]. O anúncio de uma medida. (**Esse anúncio seria como? Verbal?**) Esse anúncio pode ser verbal (né?), alguém comunicando pra um grupo, pra... (sei lá!). Pode ser por escrito.

S8{B1[P2-6]} - 1/2) Isso é uma **análise**. 2) *Pelo teor do texto* [analiticidade].

S8{B1[P2-7]} - 1/2) Isso é uma **carta**. Né? Um documento. *É a saudação lá de final, enfim, de um documento, de uma carta* [movimento retórico].

S8{B1[P2-8]} - 1/2) Pode ser uma **notícia**, tanto de jornal, quanto de televisão, de rádio. É uma notícia, porque *tá informando* [propósito de informar] sobre um fato (né?) e, até, *identificando as fontes* [TES]. Né? As fontes são médicas e policiais. Então, é uma notícia.

S8{B1[P2-9]} - 1/2) Isso aqui é sempre assim. É texto. Né? A relação que tem que fazer é com o texto? Né? Isso pode ser até o texto de um **bilhete**. (**O mais característico?**) Isso aqui pode ser... (não sei!), pode ser até um **depoimento de alguém** sobre determinada situação, contando alguma coisa. Né? Pode ser um depoimento.

S8{B1[P2-10]} - 1/2) Isso aqui também me leva a pensar que é um **artigo** (sei lá!). *É uma opinião* [argumentatividade] sobre... Por que não tem, assim, ninguém dizendo: “Olha, o (sei lá!), o reitor, o vice-reitor falou”. É a opinião de alguém sobre esse assunto. Então, é um artigo. Por que é uma opinião.

S8{B1[P2-11]} - 1/2) É uma **notícia**. *Tá relatando um fato que aconteceu* [TES] (né?) e ela tá descrevendo esse fato. Como também poderia ser uma **novela policial**. Né?

S8{B1[P2-12]} - 1/2) Isso aqui também é um **comunicado**. Em função da ausência do representante que, provavelmente, é o vendedor, aí, é impossível ser feita a compra e, então, o cliente tá desistindo do produto. Não sei bem se seria um comunicado. É uma carta mesmo de... Né? Pois é. Agora, nem sei se é... esse tipo de coisa é uma, como se diz (né?), qual é o..., como se denomina corretamente: **carta**, comunicado... Acho que é uma carta.

S8{B1[P2-13]} - 1/2) Isso é uma **notícia** mesmo. Uma notícia que *relata um fato de um atentado* [TES], com mortos (né?), com as vítimas. Então, é uma notícia.

S8{B1[P2-14]} - 1/2) Isso aqui, eu tinha falado na vez anterior... Isso pode ser um **balanço**. Né? Isso pode ser um **balanço da situação**, pode ser um **comunicado** como é que vai haver a restrição dentro desse (xxx). Restrição não. Vai ser impossível. Vai “impossibilitar a concessão de bolsas de estudo”. Deve ser um comunicado. Se antes

desse texto... Por que aqui também, óh, é um balanço da situação. Né? Da situação financeira, do orçamento e coisa e tal. Pode até ter sido esmiuçado anteriormente mais esta situação de números. Né? Pode ser uma informação, pode tá no meio de um texto de jornal, pode ser um texto da própria universidade comunicando o motivo (né?) pelo qual não vai mais conceder bolsa de estudo, pode ser uma **circular**.

S8{B1[P2-15]} - 1/2) Não sei o que que pode ser isso aqui. Pode ser tanta coisa. Isso pode ser uma **crônica**.

S8{B1[P2-16]} - 1/2) Esse aqui é uma **notícia**. 2) Porque *tá informando* [propósito de informar]. Pode ser até um **comentário daqueles de especialistas**. Né? De política internacional. Não sei! Pode ser uma simples notícia, pode ser um artigo escrito por especialista em política internacional. Por que, assim óh: “os extremistas querem derrubar o governo e estabelecer um Estado islâmico ‘puro’ no Egito”. É uma situação que *leva a crer que a pessoa tem conhecimento pra dizer isso* [conhecimento especializado]. Né? Então, por isso, pode ser um artigo de um especialista em política internacional, complementando a informação (né?) que, “desde de 1992, 1110 pessoas morreram nos choques”... Em função dessa política aí de estabelecer esse Estado islâmico puro. Né?

S8{B1[P2-17]} - 1/2) É uma **descrição**, é testemunho (né?) de uma situação pela qual eu passei. Isso pode tá incluído (sei lá!) dentro de uma **história**. Pode ser um **diálogo**: uma história, um diálogo.

S8

B2 - P1

S8{B2[P1-1]} - 1/2) Isso aqui é um texto? Isso aqui começa e termina? Ele não foi tirado de nenhuma outra... É um texto único, assim, isolado? (**É texto completo**) Não. Porque eu..., tipo assim oh: “Pelo 57 turistas e 4 egípcios foram mortos a tiros por terroristas em frente a um templo faraônico em Luxor, região sul do Egito. Os seis terroristas morreram”. Tá. Mas não explica como eles morreram. Eles atiram contra os turistas (né?), mas aí atrás ele diz assim: “seis terroristas morreram”. Mas como que eles morreram? Isso aqui tá incompleto, no caso. Né? Não sei é... Eu não sei se esse detalhe aí é... Mas, enfim, é uma coisa que eu observei, por que não explica se tinha alguém armado (né?) que tenha revidado aos tiros, enfim. Este texto é uma **notícia** (né?) que tá relatando um fato que ocorreu entre turistas e terroristas e, no Cairo. Lá. Não. Perto do Cairo, no Egito.

S8{B2[P1-2]} - 1) Isso aqui pode ser um **comentário**. Né? Pode ser um **artigo** a partir do anúncio de alguma medida (né?), onde são feitas algumas considerações. Então, pode ser um comentário, um artigo. 2) Por que a partir dessa informação aqui de que o governo determinou um pacote de medidas econômicas é feita uma avaliação (né?) do orçamento da CAPES e CNPq, que são órgãos de pesquisa (né?) voltados à pesquisa na universidade. Então, a partir daí, são feitas algumas considerações (né?), envolvendo, por exemplo, a questão do provão (né?), diz ele aqui que, ao mesmo tempo em que há um incentivo à qualificação do corpo docente (né?), ele reprime esse interesse. Acaba

reprimindo esse interesse que foi provocado. Né? Então, a partir daí, ele faz uma análise sobre essa questão.

S8

B2 - P2

S8{B2[P2-1]} - Bom, fala num ataque, mas não diz que tipo de ataque, onde ocorreu o ataque, quais as armas utilizadas pra..., contra as vítimas, no caso (né?). Tem uma parte que tá faltando. **Falta relatar o fato principal.** Tá? Porque diz que ocorreu um ataque, mas não explica que tipo de ataque, o local do ataque, quantas vítimas, e já parte pra..., dizendo que é o mais grave dos últimos cinco anos, o mais violento dos últimos cinco anos, e aí já parte pra uma situação geral, que no Cairo 66 suspeitos tãrãrãrã, esse ataque coincide com o julgamento de 66 suspeitos, depois diz que, desde 1992, 1100 pessoas morreram nos choques (né?), mas..., tudo bem, mas não explica o fato. Tá faltando explicar o que aconteceu. Esse último ataque, no caso, esse último que é o mais feroz dos últimos 5 anos.

S8{B2[P2-2]} - 1/2) Bom, aqui, em termos de notícia. Né? Eu acho que... Tá faltando, de repente, neste trequinho aqui. Né? Definir melhor o... **Definir as pessoas que foram feridas.** Né? Tá ali: "...atirando em grupos de turistas". Né? Definir se houve mortos, se houve feridos, quantos. Isto tá faltando. **Tá faltando dizer o local do templo, onde fica, qual é o estado ou a cidade.** Sei lá! Tá? Aqui também não diz quantos terroristas. Nem sempre é possível estabelecer, mas é uma coisa que gente (né?) procura ser o mais preciso possível (né?) nas informações.

S8{B2[P2-3]} - 1/2) Eu já acho que essa parte aqui tá... esse texto aqui já **tá com as informações completas.** Né? Diz o local, quantas vítimas. Eu acho que ainda falta explicar como que esses terroristas morreram. Né? Não explica isso. É. Esse trecho aqui as informações são mais completas, mas ainda falta explicar como que os terroristas morreram. Isso que tá faltando.

S8

B3 - P1

S8{B3[P1-1]} - 1/2) Isso aqui é uma **notícia.** É uma notícia, porque tá contando um atentado. Né? Tá relatando um atentado e com todas as informações (né?) com todos os componentes de uma notícia. Né? Começa com a informação principal, que são as vítimas. Localiza ali o local do ataque. Né? E, aí, depois dessas informações principais, tem uma divergência sobre o número de mortos, começa a descrever como é que foi o atentado em si (né?), o relato do atentado, dando..., tem fontes aqui, o ministério do interior, tem polícia, ministério das informações. Então, a partir dessas fontes, ele faz um relato de como ocorreu (né?) o atentado. Por isso que é uma notícia.

S8{B3[P1-2]} - 1/2) Isso aqui é um **comentário.** É um comentário, porque o texto passa uma opinião, digamos, um comentário, uma opinião. Né? A partir de uma medida é feita uma avaliação, é feita uma análise da crise na educação que desencadeia essa medida. Não tem, por exemplo, não tem alguém dizendo..., não tem assim oh definido,

por exemplo... Isso aí é bem o comentário, óh, essa parte aqui: “isso justamente no momento em que, pressionadas pelo sistema de avaliação do MEC - o chamado provão - as universidades foram instigadas a procurar mais os cursos de pós-graduação para aumentar a qualificação de seus docentes. Em suma, o governo estimulou, via provão, uma corrida à pós-graduação; agora, reprime a demanda que ajudou a criar”. Aí define bem que é um comentário de alguém, uma opinião, não tem uma..., não tem fonte a partir do..., só tem a definição ali da... Né? “Uma das áreas afetadas pelo pacote fiscal lançado pelo governo é a pós-graduação”. Quer dizer, você já começa (né?) partindo de uma..., a pessoa começa a escrever a partir desse pacote (né?) e ela faz um comentário sobre isso. Não tem fonte. É uma opinião mesmo.

S8{B3[P1-3]} - 1/2) Aqui já diz (né?): “o presente artigo visa apresentar os resultados preliminares de uma análise piloto quanto ao gênero do discurso”. Não sei! Eu acho que é um **artigo**, porque ele só tá fazendo um comentário. Agora... Texto meio confuso. Né? Confuso, no sentido assim (né?) que eu sei lá o que que é “construtos teóricos de Kress”. Sei lá o que que é isso. Cartas de troca de informação. Mas eu acredito que o cara aí tá fazendo um comentário sobre isso, sobre a análise: “a análise apresentada apóia-se nos construtos de Kress, Swales e Bhatia...”. Ele tá fazendo um comentário sobre isso. É um comentário.

S8{B3[P1-4]} - 1) É uma **carta**, comunicando o motivo pelo qual o cliente não vai adquirir os calçados fabricados por essa empresa (né?), em função de que eles não recebem a visita do representante e eles têm que manter o estoque. Então, eles estão justificando (né?) por que que vão deixar de comprar o produto. É uma carta. 2) Bom, pela forma também: “somos testemunhas”, “cumpre-nos informar”, “solicitamos um pronunciamento de vossas senhorias”, “sem mais subscrevemo-nos”. Essa é a forma de uma carta. Né? Não sei como se diz isso. É um texto que define..., a forma dele é uma forma de carta. Né? Porque informa. Não é porque informa. Mas é que tá comunicando alguma coisa pra alguém: a mensagem de um cliente pra uma empresa. Então, tem essa forma pelo modelo (né?), pelo modelo de..., que normalmente uma carta tem, segue um modelo. Né? E esse é o modelo de uma carta. Até pelo (como é que se diz?), pelo... Pelo modelo mesmo (né?), de como foi colocado a redação (né?), o tipo de redação, o tipo de texto, e, até, essa forma aqui (né?) do tipo das palavras utilizadas: “subscrevemo-nos atenciosamente”. Uma carta.

S8{B3[P1-5]} - 1/2) Esse texto aqui pode ser (sei lá!), pode ser um **conto**, parte de um conto (sei lá!), de uma **história**, pode ser um **relato**. É uma situação constrangedora e, ao mesmo tempo, engraçada. Enfim. Né? Pode ser uma... É uma **crônica** que relata um fato corriqueiro e... Pode ser uma crônica.

S8

B3 - P2(Q1)

S8{B3[P2(Q1-1)]} - A) Tem. B) Bom, o conteúdo. Eles têm uma diferença de conteúdo (né?) e, em função da diferença de conteúdos, eles são escritos de forma diferente. São conteúdos diferentes e, por que são conteúdos diferentes, tu escreves os textos de forma diferente.

S8{B3[P2(Q1-2)]} - (1) Bem, aqui, tipo assim, esse é um texto que tem que ser objetivo (né?) pra comprovar o fato, ele tem que também ter precisão (né?), ele tem que ser (como eu vou explicar?), dentro dessa objetividade, ele tem que ser..., ele deve ter um desencadeamento (né?), por contar um fato, cronologicamente, que as pessoas entendam. Né? Não pode (não sei como explicar isso)... De repente, tu tem que contar um fato (né?) de uma forma que seja compreensível. Né? Então, tu tem que ter uma cronologia pra contar isso aí. Tu não pode começar dizendo que o presidente convocou uma reunião, porque aconteceu um acidente que foi condenado pela comunidade internacional. Por que, na verdade, o mais importante é que houve um atentado, que houve vítimas (né?) e que esse foi o atentado mais feroz dos últimos 5 anos e que... Enfim, o que eu quero dizer é que, quando tu conta um fato, tu tem que ser objetivo, conciso, tu tem que ser claro e tu não pode fugir, assim, dessa fórmula de contar o principal que é, na verdade, o principal foram as mortes e, a partir daí, contar de uma forma ordenada, e desenvolver de uma forma ordenada as informações pra que as pessoas tenham a idéia exata (né?), a idéia mais exata, mais próxima do que realmente ocorreu. Né? Então, aqui cabe aquela informação (como é que a gente diz?) enxuta (né?), objetiva. Então, é concisa ou não é. A clareza na forma de descrever e sempre citar o tipo da informação também que..., não, nunca tu vai escrever sobre isso aqui sem as fontes. Né? Tem que citar as fontes, quem te passou as informações. Acho que é isso que tu tá querendo saber. Né? Ele se estrutura... Tá. Então, começa com o fato. Né? Ele se estrutura a partir de um fato e aí tu escreve sobre esse fato (né?) de uma forma..., da forma mais compreensível possível. Você tem que ser objetivo, tu tem que ter exatidão nas informações, tem que ter fontes pra fazer esse tipo de matéria, senão tu não faz a matéria. Mesmo que tu vá no local pra fazer esse atentado depois e colher os depoimentos, mesmo assim tu tem que..., tu tem que legitimar essa informação de uma certa forma. E isso é através das fontes que tu faz. Né? Então... Não sei se é isso que tu quer saber, mas é, quando se faz uma matéria sobre, enfim, isso pode ser pra qualquer outro tipo de matéria que passe, que (né?), que tenha um fato pra ser divulgado. Tu sempre parte desse pressuposto assim que um fato, ele acontece, mas tu tem que legitimar esse fato pra passar essas informações. Né? Então, isso através do quê? Através das fontes, através do..., se tu é repórter, tu vai no local e, depois, na hora de escrever, tu tem que passar essa informação da forma mais precisa possível. Então, tu tem que ser objetivo, tu tem que ser claro, tu tem que ter uma boa ordenação (né?) das idéias. Né? E, daí, eu vou entrar muito na técnica. Né? Mas, aí, tu tem que botar as informações principais no início da matéria e desenvolver o assunto e é o tipo da notícia que não cabe muito assim... É a informação, assim, bem seca mesmo.

(2) Isso aqui é um comentário. Por quê? Por que a pessoa que escreveu esse texto, ela faz uma avaliação sobre um pacote fiscal, sobre medidas e vão... Tem uma introdução, parte de um fato também. Aliás, independente de ser comentário ou não, sempre se parte de um fato (né?) de alguma coisa. A não ser que o... Sei lá! Mas aqui... Tá. Parte de um fato, que é o pacote fiscal (né?), que vai afetar a educação, e aí a pessoa faz, a partir daí, faz uma..., começa a escrever uma..., faz uma análise (né?) com..., introduz outros elementos a partir desse pacote. Aí faz uma avaliação sobre como fica a CAPES (né?), o orçamento da CAPES, e depois o provão, o que que o provão implica nessa..., que as universidades incentivam a qualificação, mas depois reprimem (né?), esse interesse que se cria nas pessoas, “é bem verdade que as instituições de fomento...”, isso é bem característico de um comentário. Né? “Seria um equívoco, no entanto, tratar a pesquisa como se fosse um privilégio dos países desenvolvidos”. Isso é uma opinião.

A pessoa tá emitindo uma opinião a partir de um fato que é o pacote fiscal lançado que vai ter reflexos de contenção, coisa e tal. Então, ele tem... Mas, qual é a estrutura? A estrutura é a estrutura de um comentário. Né? Esse, por exemplo, quem escreveu provavelmente já conhece o assunto. Então, tem dados sobre o assunto. Né? Então, essa pessoa lança dados. Ela faz uma argumentação com base em dados que ela já, anteriormente, possuía esses dados, ou pesquisou pra repassar isso pra fundamentar a... Enfim, porque que esse pacote vai prejudicar a educação. Então, ela fundamenta com dados e faz uma avaliação de com vai ficar essa situação.

(3) Ai, esse aqui... O que que é essa estrutura genérica identificada por Bhatia? Isso não interessa muito. Né? Isso aqui é uma..., tá dizendo aqui: “o presente artigo visa apresentar os resultados preliminares de uma análise piloto”. Tá fazendo uma avaliação inicial quanto ao gênero do discurso. Eu acho que é uma descrição. Tem uma estrutura de..., tá descrevendo, tá... Eu não sei o que dizer mais. É uma análise, uma descrição, enfim, a partir dessas teorias aí já existentes (sei lá!), comparando uma com a outra.

(4) É uma carta, um comunicado. Eu reconheço, por exemplo, “cumpre-nos informar que há 3 meses não recebemos a visita de seu representante nessa região”. Né? Então, tá comunicando (né?) esse fato através de uma carta (né?): “solicitamos o pronunciamento nananá papá. Sem mais subscrevemo-nos atenciosamente”. Isso é estrutura de uma carta. Né? Agora, por quê? Por que uma carta se escreve assim. Agora, por que que se escreve assim, não sei. Por que todo mundo escreve assim. Né? Não sei te definir assim pra te dizer: não, mas por que que é uma carta? Pelo modelo. Né? Pelo modelo, até pelas (como é que...?), não é pelas expressões, mas pelo modelo.

(5) É um texto... Ele é um texto informal. Usa palavras, assim, mais soltas. É um texto mais solto, mais... Ele tem uma estrutura mais coloquial de texto. Eu acho que são estas as principais características. É uma linguagem... Utiliza uma linguagem coloquial, solta, frases curtas, assim, pra descrever uma situação.

S8{B3[P2(Q1-3)]} - Isso geral assim? A notícia, texto em forma de notícia, texto em forma de (deixa eu ver!) anúncio, e, aí tem *out-door*, tem... Mas, aí, tu qué assim em forma de anúncio que tem *n*, vários modelos. Né? Texto em forma de carta, em forma de (sei lá!), vai fazer um exame vem um texto ali com (sei lá!) um laudo. Um laudo, um laudo médico (sei lá!). Laudo, tá. Quatro. Eu falei notícia, falei em forma de anúncio, uma carta, um laudo médico, um convite. Deixa eu ver. Um livro, não pode? Um livro, romance poesia. Isso tudo é uma coisa só ou cada um é uma. Romance, poesia (que mais?), um tratado.

S8{B3[P2(Q1-4)]} - Reportagens, artigos, (xxx), colunas de opinião. Só impresso que você qué saber? (É) Editoriais. Acho que é isso.

S8{B3[P2(Q1-5)]} - Olha, por exemplo, essas biografias que são feitas. Não deixa de ser um trabalho jornalístico. Porque o autor da biografia, ele vai a campo, ele faz centenas de entrevistas pra montar aquela história, e é, fundamentalmente, basicamente, quando o jornalista vai atrás de um fato, ele faz esse..., o exercício básico assim (né?): levantar informação (né?) em contato com as pessoas. Então, eu acho, por exemplo, que uma história, uma biografia, é um trabalho que não é, assim, num primeiro momento não é um trabalho jornalístico, mas ele até poderia ser considerado um trabalho jornalístico.

Pelo método (né?), pelo método que o autor utiliza pra chegar a compor essa história, pra compor a história de alguém. Por que ele tem que fazer o levantamento da vida da pessoa (né?), através de..., enfim, de documentos, de entrevistas de pessoas que conviveram com aquela pessoa (né?), da obra daquela pessoa (né?), um levantamento do..., enfim, de toda a vida pessoal, dos gostos, da..., de toda a trajetória dessa pessoa. E é fundamen..., é uma verdadeira investigação sobre essa pessoa. E o jornalista utiliza bastante, assim, uma... É a função básica do jornalista é fazer essa investigação quando quer levantar um fato. Eu acho que uma biografia, ela tem essa característica jornalística.

S8

B3 - P2(Q2)

S8{B3[P2(Q2-1)]} - Bom, primeiro eu... A primeira coisa, assim: qual é o assunto? Né? Esse é tal assunto. Né? Eu me organizo... Eu, normalmente, me organizo antes de começar a fazer..., antes de começar a levantar as informações. Primeiro assim. Se é um assunto de saúde, educação, turismo, enfim (né?), e qualquer outra coisa assim sobre a cidade, alguma (sei lá!), um projeto na câmara de vereadores, então, a primeira coisa assim: eu vou dizer: o que que esse assunto pode render? Né? Quais são as implicações desse assunto? Então, com isso, a partir daí, eu faço contatos por telefone, eu tento amarrar, fazer uma primeira..., uma primeira..., através dos contatos telefônicos. Bom, a partir daí, depois desses contatos iniciais, muitas vezes a gente já pode até apurar alguma coisa por telefone (né?), porque, às vezes, é alguém que vai te dar apenas um componente da matéria, mas não vai te dar o, a matéria, pode te dar as informações principais. E, a partir daí, tu vai atrás. Tu vai atrás, tu conversa, tu vai no local, dependendo do... (né?), se é um assunto que tá ocorrendo em determinado local, aí, tu vai..., eu vou no local (né?) pra ver como é que é, o que tá acontecendo. Se é uma obra, por exemplo, você tem que ir lá no local, ver o andamento da obra, o que que já foi feito, o que que falta fazer, se tá dentro do prazo, se não tá dentro do prazo, se a..., até questionar se aquela obra realmente é uma coisa importante pr'aquela comunidade, ou se não é, se apenas é (sei lá!) um feito de alguém que resolveu... Né? E sempre complementar essas informações (né?) de uma forma..., da forma mais completa possível. Né? Mas, é sempre assim: avaliar o assunto, quais as implicações desse assunto (né?) e fazer os contatos por telefone, se for o caso, ir no local, no local, se é um evento que tá acontecendo, vai no local, e, levantar o assunto com, com..., indo entrevistar as pessoas. Esse é o básico, assim. Né? Aí, eu colhi as informações, aí, eu volto pra redação, aí, eu começo a escrever o meu material. Eu normalmente escrevo direto. Eu penso... É uma coisa interessante, assim, porque quanto tu sai com assunto pra fazer: tá, tu já tem idéia, tá, tu já sabe qual é o assunto (né?), o assunto é tal e, muitas vezes, assim, mas tu não sabe bem o que que é importante, qual é o fato principal desse assunto. Né? Na verdade, às vezes, tu já sabe: estourou uma bomba ali na esquina, ou caiu uma ponte, ou (sei lá!) teve uma enchente lá, inundou, tem dez famílias desabrigadas, aí, tu já sabe o que que é o principal da informação. Mas, às vezes, tu não sabe. E é interessante isso. Às vezes, tu tá conversando, assim. Tu conversa com uma pessoa, conversa com outra. Bah, é isso aí: eu tenho que puxar a minha matéria por isso aí. Entendeu? Então... E, muitas vezes, acontece isso. Tu sai da redação achando que a matéria tem..., tu aposta na matéria por um lado. Aí, quando tu sai pra ir pr'o..., tu começa a fazer os contatos, tu vai local, aí tu vê que não é..., o fato

mais importante não é aquele que, preliminarmente, tu já tinha determinado, que aquele era o fato. Aí, quanto tu parte pra levantar as informações, aí, tu vê que não é. Aquilo não... Não é que não seja, mas, não..., fica até em segundo plano, porque tu descobre uma outra coisa que é mais importante do que aquilo. Então... E, depois, assim, tem uma coisa. Tu, com o tempo (né?)... Claro que tem textos e textos, tem textos que são mais elaborados. De repente, tu vai fazer um caderno sobre um determinado assunto. Aí tu tem que organizar por assunto. Dentro de um assunto geral, todas as.... Como se fossem divisões, assim, de um assunto que é o principal. Aí tu tem que organizar. Mas quando é uma matéria assim do dia-a-dia, uma factual é... Por que, na verdade, assim, o escrever é mais ou menos uma técnica. Depois que tu aprende essa técnica, não que... Eu acho que é uma das coisa mais difíceis que existe é escrever. Eu acho muito... Eu acho difícil. Tem até vez que toda vez que eu vou escrever, eu sofro um pouco, porque tu fica muito..., eu tenho muita dúvida (né?) de como passar aquela informação. Né? Por exemplo, a coisa mais difícil que tem é tu começar uma matéria. Depois que tu começa, tu desencadeia (né?) o assunto. Mas, eu acho uma das coisas mais difíceis que tem, assim, é escrever. Eu sinto, assim, uma... Toda vez que eu vou fazer alguma coisa, eu, meio que, passo por essa crise, assim, de me...: ai, mas, como escrever? Como começar? Como passar isso da melhor forma possível, da forma mais clara (né?), com um texto que seja atraente e ao mesmo tempo...? Porque não é só escrever e jogar, assim. Né? Tu tem que chamar à leitura. Como chamar à leitura? Né? Isso são coisas que, toda vez que tu escreve (né?), tu pensa sobre isso e... Então, assim, mas o que eu quero te dizer é o seguinte: que, num texto daqueles mais, mais daqueles do dia-a-dia, tu já tem mais ou menos uma técnica. Tu começa pelo *lead*, pela informação principal, e a partir daquela informação, ou duas ou três informações que são principais, tu vem. Tipo assim, tem o modelo. Né? Agora, é claro, um texto mais elaborado, aí, tu já..., tu já pensa, tu já..., às vezes, tu até, pra tornar o texto mais interessante, às vezes, tu não parte até do..., tu parte de uma curiosidade. Aquele assunto tem uma certa curiosidade. Aí tu abres (né?), tu começa por uma curiosidade, por um detalhe (né?) e, a partir daí, tu faz o gancho pr'o resto da informação. Mas, é claro, é fundamental tu ordená (né?) as tuas idéias antes de começá a escrever. Mas, eu acho que por isso que eu sou bem demorada. Eu não... Eu não sei... Eu... Primeiro, assim, óh, que a minha prática não é escrever no dia-a-dia. Se bem que um pouco é por que tu reescreve texto (né?), tu faz adequação daquele texto aos fatos que tu tem disponível. Mas é diferente. Tu já pega uma coisa mais ou menos pronta. Quer dizer, tu pega um texto pronto e que, às vezes, tu tem que reformular aquele texto. Aquele texto tá com problemas de estrutura, tá mal desenvolvido, as informações principais não tão abrindo o texto. Então, aí, tu mexe nele. Mas é diferente (né?) de tu saí a campo, fazer as entrevistas, fazer as tuas anotações e tu montar o teu texto. É diferente. São duas coisas que são diferentes. Mas é fundamental. Depois que tu tem todo esse material na mão, tu tem que sentar e pensar: como fazer? Né? Aí esse como fazer é como eu te digo. É mais simples quando tu tem o fato tipo assim, ah (sei lá!): o prefeito declarou que vai..., anunciou que (sei lá!) tem tal verba pra tal posto de saúde. É uma coisa tum tum. Não tem muito mistério. Outra coisa é tu fazer um material mais elaborado, um material especial (né?) que..., enfim. Mas, de qualquer forma, sempre tu tem que fazer uma..., tu tem que organizar as tuas informações pra começar..., pra utilizar essas informações da maneira mais objetiva. Mas, o passo a passo é mais ou menos esse. Né? E, claro, depois lê várias vezes. Eu leio, assim..., eu sou uma pessoa que eu sou..., às vezes, eu fico meio observando, assim. Né? Eu não sou muito de..., eu não sou muito rápida pra fazer as coisas, assim. Eu sou meio lerda, porque eu leio, eu releio, eu leio

várias vezes. E, como a gente trabalha, assim, várias horas em cima d'um texto, passam coisas que, de repente, tu não percebe, assim. Sabe aquela coisa de tu tê uma tela na frente e ficar corrigindo? Então, bah, de repente, passa um cecedilha onde são dois esses e aí tu já automatiza, tu já lê como se fosse dois esses, mas tá sem cecedilha ali, mas aí tu não percebe. Então, é impressionante, assim, como acontece assim numa primeira leitura passa um erro de português que tu nem percebeu. Tu já leu corretamente, mas tá escrito errado. Mas é isso: é sair, colher as informações, definir qual é o texto, ou as implicações desse texto, o que que ele... Por que, às vezes, assim, óh: uma medida, uma..., inicialmente, é uma..., por exemplo, é uma informação, assim, sobre uma medi... (sei lá!), um posto de saúde. Né? Inicialmente é aquilo: verba pr'aquele posto de saúde. Mas o que que implica nisso? Aumento de estrutura? Aumento de consultas? Então, na verdade, tu tem que... Né? Não é só pura e simplesmente dizer: a prefeitura destinou 500 mil pr'o posto de saúde. Tá, mas, tudo bem. O que que representa essa verba? Vai melhorar o atendimento? Vai ampliar o número de consultas? Isso vai... Ou é só assim, compra de material? E tem..., a gente tem essa..., eu sempre tenho essa preocupação, assim, de ver as implicações a partir de um fato, assim, de eu ampliar, ver qual é o..., quais são as conseqüências disso aí. Né? Eu tenho essa preocupação, assim. Eu acho que... Sempre existe essa preocupação. Mas eu acho que é isso, assim.

S8{B3[P2(Q2-2)]} - Bom, aí, já entra numa questão mais de critérios que eu acho que é uma coisa que a gente pensa sobre isso, a gente discute muito sobre isso dentro do jornal. Né? Eu, na verdade, assim, oh, eu acho que o jornalismo, que o jornalista, que os jornais, eles têm uma função social muito importante, assim. Sabe? E a gente não discute muito isso no dia-a-dia (né?), porque, primeiro, que tu tem uma pauta a cumprir, tu tem assuntos que tu não questiona, eles têm que ser por interesse, as empresas têm interesse em cobrir determinados assuntos e é uma coisa que, como é uma empresa, na verdade, assim, é uma empresa, e que, como toda empresa, ela visa interesses, lucro, atingir determinado público, então, a gente... Em primeiro lugar, assim, eu acho, assim óh, que a notícia, ela tem que interessar ou, se ela não interessa num primeiro momento, tu tem que fazer com que ela interesse o maior número de pessoas possíveis. Né? Então..., e eu acho que isso é uma falha do jornalismo, pelo menos, assim, do jornalismo que a gente pratica, assim, por exemplo, no local onde eu trabalho. Tá. Coisas, assim, bem assim óh, de repente (sei lá!), um juros de banco, alguma coisa assim. A princípio, eu vejo, assim, que, às vezes, alguém vai dizer assim: o que que interessa? Não interessa. As pessoas, assim... Porque, na verdade, as pessoas, elas tem determinadas situações que elas recebem. Entendeu? É mais uma norma, é mais uma que todo mundo vai ter que cumprir. Na verdade, assim: ou tu cumpre ou tu não cumpre e, aí, o fato de tu não cumprir, tu vai ser..., tu vai receber, não bem uma punição, mas tu tá sujeito a sanções (né?) em função disso aí. Então, eu acho, assim, óh, que o jornalismo teria que ter sempre essa preocupação assim de dizer: bom, tudo bem, é mais um juro, é mais uma... tal. O que que isso representa na vida ali da pessoa, do padeiro, do comerciante, do motorista de ônibus, rãããããã. Entendeu? Porque, assim, óh. Eu vejo assim óh. No noticiário político, noticiário econômico, eu como jornalista, eu não leio economia. Dificilmente eu leio. E quando eu leio economia, o que eu quero saber não tá ali. Entendeu? Ah, o governo Paulo... baixou um pacote papá papapá. Mas qual é o reflexo na minha vida? Entendeu? Então, eu acho o mais importante é assim óh. É quando tu dá, quando tu noticia alguma coisa tu sempre ter a preocupação de mostrar qual é o reflexo disso na vida das pessoas. Eu acho que isso é

fundamental, que é o que falta. Eu acho, assim, que é bem precário, assim, é bem..., a gente não faz, assim, óh, um jornal voltado pr'o interesse da comunidade. A gente não faz isso aí. Né? A gente faz matérias, assim, que (sei lá!), que interessam empresários, que interessam a poli... (sei lá!), mas não interessam pr'a comunidade, pr'o cida..., que vai ser o mais atingido por aquilo ali (entendeu?) e que é a pessoa que fica esquecida nesse processo (né?) de informação. Eu acho que a principal preocupação é essa. A coisa básica que eu acho na notícia é isso. É o que é, assim..., qual é o interesse dessa... pr'a população. Qual é o interesse pr'a população (né?) de mais uma medida, de mais um pacote? O que que isso interfere na... E, tipo assim, o jornal já tem uma função mesmo de ser um serviço de orientação pr'as pessoas. Sabe? Eu acho que falta bastante isso.

S8{B3[P2(Q2-3)]} - Bom, tu quer saber o quê? Como eu estruturo? (O que é importante)

Bom, eu sempre me preocupo assim óh. Eu acho que é fundamental a clareza, a objetividade. Claro, tem matérias e matérias. Tem enfim... Uma reportagem até te dá, assim, a (xxx) de escrever... Mas, enfim, eu vou pegar no dia-a-dia ali mesmo. Né? Eu uso, eu me preocupo, assim, em ser objetiva, em ser clara, em ter um texto assim. Né? E me preocupo, assim, em colocar..., sempre ouvir os dois lados, os três lados ou os quatro lados. Né? Tantos quantos forem os lados envolvidos (né?) pra dar margem a quem tá lendo a informação (né?) à pessoa ter uma visão de conjunto. Quer dizer, é um fato. Mas esse fato tem vários desdobramentos. Né? Então, tu tem que dar todos os desdobramentos daquela informação. Mesmo que seja assim, olha, alguém que (sei lá!), de repente, o cara..., que tu me leve um documento que tu me prove: olha, o cara me lesou, ele me roubou. Tá aqui. Tá escrito. Tá... Né? Mas eu tenho que ouvir o outro lado. Entende? Então, eu acho que isso é fundamental, assim, pr'a veracidade do que tu tá..., pra tu passar essa..., pra tu passar, através do que tu escreve, a tua..., não..., assim, a tua preocupação com não tomar partido, assim (né?), nem de um lado, nem de outro. Dar todas as versões possíveis sobre o caso. E... Eu acho que é isso, assim: objetividade, a clareza, e informar..., dar ao leitor (né?) todas as opções possíveis (né?) dessa informação. Na verdade, é complementar o melhor possível uma..., do que é preciso divulgar. É claro que também eu acho que existe, assim, uma preocupa..., pra quem escreve, por exemplo, eu tenho uma preocupação também com o texto em si. Entendeu? Claro que é super importante, assim, tu ser uma pessoa séria, uma pessoa..., no sentido assim de levantar as informações da maneira correta (entendeu?), ouvir todos os lados, pegar todos os dados, checar a informação que isso é muito importante (né?), checar números, checar... Né? Por que tem uma coisa muito assim no jor..., tu vê muito assim, às vezes. Então, a mesma informação sai em 3, 4 informações, 3, 4 números numa obra, ou (entende?) frases e coisa... Tudo bem. Se existe essa divergência, a gente tem que colocar pr'o leitor isso. Né? Por exemplo, o secretário dos transportes diz que é isso. Entendeu? Mas não é bem assim. Quer dizer, porque tem alguém que tá contestando, dizendo que tem um outro número, uma outra... Tu tem que passar, dizer isso pr'o leitor. Né? Mas eu também me preocupo, assim, com a coisa do texto em si. Tá? Independente da informação que tem que ser correta precisa, o mais correta e precisa possível, eu tenho a preocupação com o texto, assim. Né? Por exemplo, tipo assim, com a forma de escrever, com o vocabulário. Eu tenho essa preocupação. Né? Tipo assim: bah, essa frase não tá legal. Dizer isso da forma mais bonita, entre aspas, possível. Entendeu? E eu acho que tu tem que passar essa coisa assim. Tu tem que... Quem escreve tem que ter um vocabulário rico. Não pode repetir palavras, não pode repetir expressões. Tu tem que escrever (né?) com fluência, mesmo

preocupado com a..., mesmo que seja tua preocupação primeira básica passar alguma coisa correta, precisa ralará, tu tem que tá preocupado em chamar pra essa leitura. Então, tu tem que ter um texto..., mesmo dentro dessa..., tu tem que ter um texto atraente (né?), um texto... Mesmo, assim, às vezes, na forma mais objetiva de escrever, mas escrever de uma... Sei lá! Tu entende o que eu quero dizer. Né?

S8{B3[P2(Q2-4)]} - É uma coisa meio automática, assim. Como é que eu vou te dizer? Às vezes eu tô..., bah, eu tô fazendo uma matéria, ou eu tô fazendo um caderno, eu tô fazendo um negócio, papapá papapá, e eu sou meio assim: quando eu tô fazendo alguma coisa, o meu pensamento fica meio tomado por aquilo. Entendeu? Então, assim: de repente, eu tô indo ao supermercado, eu tô indo buscar o meu filho no colégio, mas aquilo tá meio que... Sabe? Então, daqui a pouco, me vem assim: bah, eu vou começar assim, ou vou começar essa matéria com essa frase porque eu acho que, bah, sintetiza, assim, e é, bah, é isso aí. Eu tenho isso. Entendeu? Não necessariamente assim: eu tou sentada com aquele material, naquele momento que eu vou começar a trabalhar. Então eu tou... Mas eu penso assim, porque eu tou envolvida com aquele trabalho. Então, na verdade, eu tou fazendo outras coisas, mas aquilo tá sempre ali (sabe?), num cantinho da minha cabeça. *N* vezes, assim, eu já..., tipo assim: ah, minha matéria vai ser assim, o *lead* vai ser esse. E eu não tou na mesa de trabalho. Eu tou andando, eu tou indo pra... As vezes acontece assim óh. Eu tou entrevistando alguém. A pessoa me diz alguma coisa. Eu digo: bah, é por aí, é isso aí que vai chamar o resto. Entendeu? Então, eu penso, eu penso... Eu penso, assim, como começar a contar uma história. É fundamental, assim, tu descobrir a melhor forma de como começar a contar uma história. Né? Uma história que eu digo... Na verdade eu sempre faço reportagem. Né? Nunca fiz artigo, essas coisas, assim, mais de opinião mesmo. Então, eu não tenho assim muita..., não tenho muita..., tu tem como *variar*, assim, *fazer variações* (né?) em torno de um texto. Por que, como eu te falei, se é uma reportagem, tu pode trabalhar mais o teu texto. Né? Agora, se é simplesmente anunciar alguma coisa, assim, sem muita..., uma coisa bem objetiva... Mas eu tenho essa preocupação, assim, de como começar, de como escrever..., como desenvolver aquele assunto da melhor forma. Eu tenho isso. Mas é bem assim como eu te falei. Como eu normalmente, no meu dia-a-dia, eu não faço isso (né?), no meu dia-a-dia eu edito, e eu só pego material que já veio (xxx) e tal. Então, quando eu pego um trabalho, normalmente são trabalhos mais elaborados, assim. Né? Então... Enfim, é, por exemplo, escrever um caderno sobre, por exemplo, volta às aulas, escrever um caderno sobre volta às aulas. Né? Aí tem toda uma gama de informação. É material escolar e uniformes, como as escolas estão se preparando pra receber os alunos, qual é a expectativa dos pais em relação ao novo ano letivo (né?), se vão se introduzir mudanças... Só pra tu ter uma idéia, assim. Né? Então, claro que tu tem que pensar sobre isso. Como que tu vai organizar essa gama de informações sobre um mesmo tema que é retorno às aulas? Como que tu vai organizar esse teu material? Então, claro que eu penso. Penso, organizo por assuntos. Né? Voltas às aulas (né?), enfim, material escolar, uniformes, como as escolas estão se preparando, as reformas (né?), a ampliação, rãã. Como vai ser o primeiro dia de aulas dos alunos? Os alunos vão..., simplesmente vão chegar, bom dia, todo mundo de sempre (né?), vai ter algum diferencial. Então, é esse tipo, assim, de coisinha.

S8{B3[P2(Q2-5)]} - Tem. Eu não posso fugir, por exemplo, tá, por mais que eu elabore o texto, que eu trabalhe mais um texto, eu não posso fugir do básico. Né? Eu tenho um assunto, eu tenho que dizer que assunto é esse, como ele ocorreu, quando ele ocorreu,

por que que ele ocorreu e de que forma ele ocorreu. Então, é uma coisa que, por mais..., eu não posso fugir muito disso. Né? Eu tenho que preencher o que é básico. Eu tenho que preencher essas informações. E, disso, eu não tenho como fugir. Porque eu tenho que definir. Né? Eu tenho que definir o que que eu tou querendo informar. Então, como é que eu vou definir? Eu tenho que contornar o fato (né?): como ele ocorreu, onde ele ocorreu, de que forma, quando ocorreu. Isso é fundamental. Disso eu não tenho como fugir, independente do que eu queira (sei lá!) depois... Né?

SUJEITO 9

S9

B1 - P1

S9{B1[P1-1]} - 1) Esse aqui eu entendo que seja uma **crônica**. 2) Eu acho que pela forma que ele tá escrito: “aí ela achou engraçado e começou a rir”. Parece crônica. A linguagem mesmo que não chega ser técnica. É bem popular. Eu acho que é isso.

S9{B1[P1-2]} - 1) Bom, isso aqui é uma coisa toda técnica. Né? “O presente artigo visa apresentar os resultados de uma análise piloto quanto ao gênero do discurso”. Ah, isso aqui é um **texto técnico**, provavelmente de uma **monografia** ou alguma coisa assim. 2) *A linguagem (né?): “o presente artigo visa apresentar resultados”... Não é uma linguagem do cotidiano [formalidade].* E fala também quanto ao “gênero do discurso”. Né? Então, é bem... Acho que é técnico mesmo.

S9{B1[P1-3]} - 1/2) Isso aqui é uma **justificativa**, uma **resposta a alguém**: “esse fato, ao nosso ver estranho, impele-nos a adquirir os produtos de um outro fabricante para repor o nosso estoque”. É uma correspondência, *dando informação sobre, provavelmente, alguma coisa que foi solicitada [TES]*, o cara tá respondendo porque de... É uma **correspondência**.

S9{B1[P1-4]} - 1) É uma **crônica**. 2) Ah, pela forma... Ele tá contando o que aconteceu com ele pra um público, pr' um leitor. Também até *pela forma do “pra” ali [oralidade]*. Né? Não tem muito esse compromisso com o “para” e tal. Eu acho que é um texto... Não que não possa ser uma expressão..., possa ser uma fala. Né? Mas, eu acho que também ele se enquadra nessa questão mais de **crônica**.

S9{B1[P1-5]} - 1/2) Isso aqui parece um **texto jornalístico, editorial de jornal**: “em suma o governo”... Porque *ele tá opinando [argumentatividade] (né?): “o governo estimulou, via provão, uma corrida”... É. Acho que é um texto jornalístico. Podia ser uma fala de alguém, também, contestando a atitude do governo. Né? Eu acho que pode ser um texto literário, éh, desculpa, jornalístico. (Por que editorial?)* 2) Eu acho que, provavelmente, pela... Não sei se editorial de jornal, assim, no sentido daqueles editoriais pesados que a gente lê na página, nas páginas (né?) que..., mas no sentido de **posição (né?)**, como que tá meio que contestando essa situação adotada pelo governo. Né? E pode ser também uma **reportagem (né?)** de alguém, o cara da UNE, por exemplo. Né? Um cara faz a contrapartida. Né? Eu acho que é jornalístico sim.

S9{B1[P1-6]} - 1/2) Ah, isso aqui é parte de um..., é **técnica** também. Técnica. Pode ser um **fragmento de um livro**, mas é uma questão mais técnica. Eu acho que técnico nesse sentido, assim, não..., técnico no sentido que aprovei..., *fala de um assunto voltado a um público específico [audiência específica] e com uma linguagem mais de conhecimento desse público [conhecimento especializado] (né?): “a estrutura genérica*

resultante apresenta semelhanças com a estrutura identificada por Bhatia. Então, eu acho que é isso aí.

S9{B1[P1-7]} - 1) Ah, isso aqui é uma linguagem de..., é um **texto de jornal**, acredito. É como se caísse um avião e eu dissesse que a maioria das vítimas são “japoneses, alemães e suíços”. Acho que é um texto de jornal. *Passa uma informação* [propósito de informar]. 2) Simples. Né? Linguagem simples e informativa também, sobretudo informativa. Né? Também não quer dizer que não possa ser um **texto de um livro** que conte (sei lá!) a perseguição sofrida pelos europeus durante a segunda guerra mundial no Brasil, por exemplo. Japoneses, alemães, poderia ser italianos, pode ser.

S9{B1[P1-8]} - 1/2) Olha, eu acho que é um texto..., é algo sobre a ciência. Né? O tema que tá em debate é a ciência. É um **texto opinativo** que poderia tá publicado em qualquer coisa, num livro, numa revista especializada, podia ser a fala de alguém num programa. É. Eu acho que o cara que tá dizendo isso *tá opinando* [argumentatividade]: “mais do que nunca, a ciência é condição e alavanca do progresso”. Conclusivo também. Né?

S9{B1[P1-9]} - 1) Ah, deve ser continuação daquele lá que falava..., porque o cara tá reclamando que não recebe a visita do representante e tal. Acho que uma **correspondência** enviada *de alguém pra alguém* [interlocutor direto] sobre uma determinada situação que foi constatada. 2) “Cumpre-nos informar”. Né? Ele tá informando a alguém.

S9{B1[P1-10]} - 1) Ah, esse é um **texto jornalístico**: “relatos contraditórios sobre a seqüência dos eventos e o número de mortos”. Pode ser jornalístico e pode ser também um **artigo** (né?), um **livro**... Com certeza não é uma poesia. 2) Não. Quando eu falo jornalístico, eu falo, assim, *por causa da informação (né?) que ele tá dando* [propósito de informar] aqui: “que há contradições entre a seqüência que as coisas ocorreram e o número de mortos”. Então, eu acho que se encaixa bem na linguagem jornalística, mas também pode ser um texto normal de um livro sobre (sei lá!) determinado assunto que tava sendo investigado. Pode ser até um **boletim de ocorrência da polícia**.

S9{B1[P1-11]} - 1) É uma **crônica**. Pode ser uma **carta** também. 2) Ah, eu acho que pela linguagem. Né? “Eu já passei um vexame lá”. *O cara tá contando* [narratividade]. Assim fica meio complicado, mas se tu põe isso aqui na..., por exemplo, num Luis Fernando Veríssimo, um fragmento desse num texto do Veríssimo é..., eu acho que é compreensível. Né?

S9{B1[P1-12]} - 1) Ah, pode ser um **conto**. Né? 2) Tem um ritmo. Né? “Tomaram um ônibus, andaram por uma hora até abandoná-lo, e aí dispersaram. Né? Eu acho que tem o ritmo.

S9{B1[P1-13]} - 1/2) Ah, isso aqui é uma coisa conclusiva (né?), opinativa também. Acho que pode ser um **texto de jornal**. E pode ser também uma questão assim..., fazer parte de um **texto técnico**, *onde alguém chegue a essa conclusão* [argumentatividade]. Tá falando, por exemplo, da questão da pesquisa, e aí (xxx) que é a pós-graduação e tal, sofreu..., foi afetada pelo pacote. Eu acho que também pode ser um...

S9{B1[P1-14]} - 1) Ah, esse é uma questão bem técnica: “esse *corpus* foi coletado em uma empresa brasileira atuante no mercado fármaco”... Ah, esse é **técnico**. 2) Linguagens. Né? Por causa da linguagem. É. “*Fármaco-veterinário*”, esse “*corpus*” aqui certamente tá (né?) relacionado à questão específica desse universo aí dessa parte da ciência [léxico específico].

S9{B1[P1-15]} - 1/2) É uma **correspondência**. 2) *A linguagem também: “solicitamos”, “pronunciamento de V. Sas.* [léxico específico], informando-nos dos motivos de tão prolongada ausência” e tal. Uma correspondência ou, durante um encontro, uma audiência, alguém (né?) pode tá dizendo: olha, vamos solicitar, então, o motivo...

S9

B1 - P2

S9{B1[P2-1]} - 1/2) É aquele mesmo que tava ali. Né? “uma das áreas afetadas...” É um fragmento daquele... Isso aqui tá... Aquele outro ali... Tá. Eu mantenho aquela... Pode ser **jornalístico**, pode ser um **editorial**, um texto *onde a pessoa se posiciona tal tal, faz alguma justificativa* [argumentatividade]. Acho que é isso.

S9{B1[P2-2]} - 1) Ah, eu acho que pode ser uma **crônica**. “Eu tava”... Tou sempre partindo do pressuposto que é sempre um..., é escrito (né?), que tu não tava apresentando fragmentos que poderiam ser fala. Né? Tá? Então, eu acho que é isso aí. 2) A linguagem (né?), coisa mais... Eu acho que a crônica, ela é *mais cotidiana* [TES], assim, mais... Acho que é isso.

S9{B1[P2-3]} - 1) Ah, esse é um **texto jornalístico**. 2) *Pela informação* [propósito de informar].

S9{B1[P2-4]} - 1/2) Ah, eu acho que é tipo aquele **editorial** que eu te falei. Né? *Tem uma posição* [argumentatividade]. (Você tá vendo alguma coisa específica de editorial nesse texto?) A posição. Né? Assim, quando o autor se posiciona, onde ele deixa claro o que que ele tá defendendo (né?), a linha dele, eu acho que por isso que me passa isso.

S9{B1[P2-5]} - 1) Ah, esse é texto de jo..., de imprensa, **texto jornalístico** também. 2) *Informação* [propósito de informar] também. Né?

S9{B1[P2-6]} - 1/2) Esse é **técnico**. Isso aqui parece coisa de **monografia**. Eu acho que é técnico nesse aspecto. Eu acho que *aborda um assunto específico* [conhecimento especializado] e tal, tá fazendo considerações, ponderações. Acho que é técnico.

S9{B1[P2-7]} - 1) Ah, esse é o *final de uma correspondência* [movimento retórico]. 2) “Sem mais subscrevemo-nos atenciosamente”! Escrevo, o cara assume ali que escreveu.

S9{B1[P2-8]} - 1) Ah, esse é **jornalístico**. 2) *Informação* [propósito de informar]. “*Versões de fontes médicas*”, fontes médicas, a coisa fontes (né?) que o jornalista usa esta expressão [TES].

S9{B1[P2-9]} - 1) É uma **crônica**. 2) Linguagem.

S9{B1[P2-10]} - 1) Ah, esse é **técnico**. 2) Ele é *um texto específico a essa realidade aqui* [conhecimento especializado]. Né? Óh, *a questão da pós-graduação de novo, critérios de distribuição* [TCO]...

S9{B1[P2-11]} - 1/2) Esse é **jornalístico**. Esse aqui acho é que até aquela... Aconteceu no Egito? Vale das Rainha, lá no Egito, onde houve aquele massacre dos turistas alemães?

S9{B1[P2-12]} - 1) É um texto entre empresário e um meio. **Correspondência**. 2) Não, é..., parece que ele tá justificando a alguém, tá contando como é que se passou a questão... (lê baixo parte do texto) É. Eu acho que sim. Acho que é uma correspondência, onde *alguém tá justificando* [TCI] e...

S9{B1[P2-13]} - 1) Isso é coisa de jornal. **Texto jornalístico**. Não sei se de jornal, mas é jornalístico. Pode ser um texto da tevê, pode ser uma fala no rádio. 2) **Informação** [propósito de informar]. Né? E fato atual. Isso aí foi uma notícia no mundo inteiro.

S9{B1[P2-14]} - 1) Esse é **técnico**. 2) Por causa de tratar uma porção específica, a questão do... Se bem que é sobre a história do provão. Né? Mas, eu acho que é um..., é um texto que aborda uma questão, numa linguagem mais específica. Né? Mas pode ser um **editorial** também. *É uma posição* [argumentatividade]. Alguém tá se posicionando, tá seguindo uma linha. Né?

S9{B1[P2-15]} - 1) Ah, esse aí é uma **crônica**. 2) A linguagem.

S9{B1[P2-16]} - 1) Esse é **jornalístico**. 2) **Informação** [propósito de informar], assunto.

S9{B1[P2-17]} - 1) Esse pode ser uma **crônica**. 2) Linguagem.

S9

B2 - P1

S9{B2[P1-1]} - 1/2) Acho que é um **texto jornalístico** que tem..., onde o autor se posiciona. Tem uma posição bem clara. Ele diz: “não há uma preocupação séria e inocentes continuam morrendo”. Isso é **opinativo**. O número de informações me remete a que é um texto jornalístico. Mas, como o autor se posiciona, “não há uma preocupação séria e inocentes continuam morrendo”, isso é um **posição dele** (né?), então, eu acho que é um texto jornalístico, mas onde o autor se posiciona. São coisas diferentes. Né?

S9{B2[P1-2]} - 1/2) Pode ser também um..., eu acho que tem, mescla as duas coisas: tem muita informação e também tem, assim, uma questão mais técnica (né?), mais relacionada à área técnica, assim, mais especi..., mais segmentada, eu diria, quando fala aqui da CAPES e dos prejuízos e das..., do que que isso significa. Eu acabo vendo tudo como jornalístico, que é uma característica minha. Eu acho que pode ser um texto mais segmentado, assim, d’uma revista mais dirigida a um público, mas também acho que pode ser um texto normal, assim, publicado num periódico normal, assim. Eu acho

que ele é um texto a ser publicado num jornal. Por isso que eu digo que ele é **jornalístico**. Acho que se publicasse, eu acho que o leitor iria entender. Então, por isso que me parece... Por isso que eu falo, assim, mais jornalístico. Ele não é um texto totalmente técnico. Assim, não é técnico, onde aparecem minúcias de áreas específicas. Né? Não, ele faz um apanhado, assim. Então, acho que pode ser um texto publicável. Entende?

S9

B2 - P2

S9{B2[P2-1]} - Eu acho que **falta um começo**, porque, assim, óh: “o ataque com saldo de 67 mortos foi o mais feroz”, tá. Não tá me reportando a qual ataque. Eu até sei do que tá se falando, mas não tá me reportando, assim, não tá me dizendo: “ontem houve um ataque onde..., na cidade do Cairo ou (sei lá!) no Vale das Rainhas. Acho que falta um começo, assim, pra situar um pouco o leitor.

S9{B2[P2-2]} - Também acho que **falta um começo**. Isso aqui é como se fosse a segunda parte, assim, como se tivesse aqui em cima alguma coisa. (**Fora o começo, não falta nada?**) Não, acho que não.

S9{B2[P2-3]} - Ah, esse aqui é o começo de um texto. Esse aqui é o começo dele... Esse aqui é o começo. **Aí o meio e o fim tá perdido. Né? (Então, falta meio e fim? Ele seria publicável?)** Não, eu acho que seria publicável. Acho que sim. Acho que é publicável, mas este é o começo de todos os que eu vi antes.

S9

B3 - P1

S9{B3[P1-1]} - 1/2) É um **texto jornalístico** e, pelo número de informações e por narrar um fato que aconteceu a pouco. Né? Embora pudesse narrar um fato mais antigo. Mas ele tem uma..., ele é contemporâneo, digamos, assim.

S9{B3[P1-2]} - 1/2) Esse texto é aquele tipo que eu acho que pode ser publicado num periódico, assim, num jornal, numa revista, tal, pra um grande público, mas também pode ser dirigido, assim, a um segmento (né?), uma..., mais específico, assim. Olha, com certeza ele não é uma poesia, ele não é uma prosa. Ele é um texto! Quais são as possibilidades que eu tenho, além desses que eu te falei? (**Não é um texto corrente socialmente?**) Isso parece um **editorial**: “seria um equívoco, no entanto, tratar a pesquisa como se fosse”... É uma..., alguém tá se posicionando sobre uma medida do governo. Então, eu acho que ele é..., é, ele é crítico. Né? Ele faz uma crítica a uma determinada situação... Ele é um texto crítico. Ele faz uma crítica a uma determinada situação. (**Você diria que é um editorial?**) É. Pela posição que o cara, que o autor assume, sim.

S9{B3[P1-3]} - 1/2) Isso aqui é **técnico**: “o presente artigo visa apresentar os resultados preliminares de uma análise piloto quanto ao gênero do discurso”. Tá narrando aqui uma descrição... Isso aqui é coisa, parece de **monografia**, assim. Não sei como é que

chama esse tipo de... Ele tá fazendo uma análise, ele tá comparando, ele tá apresentando resultados. Né? É. Com certeza, ele faz parte de um estudo científico. Ele é científico.

S9{B3[P1-4]} - 1/2) Tá. Esse é aquele comercial (né?) que eu falava que ele dizia..., é uma correspondência que alguém encaminhou pra alguém, falando de uma determinada situação. Ele é um texto comercial. Comercial assim: não é que ele esteja vendendo, assim. Né? Mas ele fala de produtos. Né? Ele é uma resposta que alguém dá... Resposta não. É um encaminhamento que alguém dá sobre uma determinada situação e tal. É uma correspondência.

S9{B3[P1-5]} - 1) Ah, esse aqui é aquela crônica. 2) Não. Pela forma (né?) como tá escrito, num tom de humor também. É. Eu acho que ficaria, assim, como uma crônica, uma questão do dia-a-dia.

S9

B3 - P2(Q1)

S9{B3[P2(Q1-1)]} - A) São diferentes. B) A linguagem, o assunto tratado, o assunto em foco (né?), sobre o que ele escreve. Acho que é isso: a linguagem e o assunto tratado.

S9{B3[P2(Q1-2)]} - (1) É. Eu acho que esse primeiro aqui, ele é bem isso, assim. Ele tem uma introdução, desenvolve a idéia, e leva o autor a uma finalização, quando fala das providências tal tal. Eu diria que esse texto aqui é um texto completo, assim, quanto a..., seguindo esses três, esses preceitos aí. Né? Seguindo essa linha, eu acho que sim. Isso aqui pra mim é uma..., por exemplo, eu acho que qualquer pessoa que lê vai entender, assim, do que que tá se tratando, do que que aconteceu tal tal tal. Acho que ele é um texto completo. É aquilo que eu te falei. Como eu vejo ele como um texto jornalístico, eu acho que o cara que lê perce..., sabe o que aconteceu, ele situa, ele tem um tempo, tem informações, tem posições, ele revela os aspectos históricos que levam até a esse desfecho. Pra mim é isso, assim. Não sei se é isso que tu queres, mas eu enten..., eu, pra mim, é essa a situação, assim.

(2) Esse aqui eu diria que, por exemplo, que ele..., acho que ele falta situar um pouquinho, assim. Ele começa “uma das áreas afetadas pelo pacote fiscal lançado pelo governo é a pós-graduação”. Tá. Mas que pacote fiscal? Então, faltaria acho que contextualizar um pouco, assim, antes de entrar nesse, nessa informa..., nessas informações. Mas como eu acho que ele, também levando em conta que ele é uma coisa mais segmentada (né?), um público mais segmentado, acho que o cara deve tá entendendo. (Então, quais seriam os elementos estruturais desse texto?) Tá. O que que tu..., assim, quando tu fala elementos estruturais. Tá. Pelo que eu entendi, não é, então, não seria só começo, meio e fim. (É como que ele se organiza. Tipo assim, se é característico desse texto começar com uma afirmação ou não). Sim. Esse aqui sim. Ele é opinativo. Né? Por que alguém achar que o pacote fiscal não é..., não atinge diretamente..., não é o..., não atinge diretamente a pós-graduação. Pode achar que é outra área ou que é outro..., enfim. Pode ser o bolso do consumidor. Né? Pode não incluir a pós-graduação, enfim. Mas ele..., é claro que o autor se posiciona nele do começo ao fim, da primeira fala até a última: “mais do que nunca a ciência é condição

e alavanca do progresso”. Então, é um texto dirigido, onde o cara defende suas idéias, vai, talvez, esmiuçando um pouquinho mais. Acho que é isso.

(3) Bom, esse aqui é o perfeito introdutório. Né? “O presente artigo visa apresentar resultados” tarará. Aí ele descreve a situação. Isso aqui é uma..., na verdade, é uma conclusão. Né? É um texto conclusivo, assim, sobre alguma..., sobre algo.

(4) É. Eu acho que esse aqui também é uma justificativa de... (né?), de uma situação. Aí, há um questionamento e se pede que o destinatário lá se..., fale sobre determinada situação. Mas é completinho, assim. Dá pra ver..., é nítido o que que o cara tá pretendendo, o que que o autor pretende, o que que o..., quem escreveu (né?) o que que pretende. Então, não é um negócio confuso, assim. Acho que é..., tá bem claro a proposta de quem escreveu a carta.

(5) Ah, também é uma conversa, assim, alguém falando sobre uma situação. Ele começa fazendo o..., colocando onde é que acontece. Situa. Né? Situa o ambiente. Aí ele começa a falar o que que tava acontecendo e tal, tal tal. Tem os detalhes, que seria esse meio assim, tal. E, aí, finaliza, dizendo... Finaliza a idéia.

S9{B3[P2(Q1-3)]} - Bom, texto? Bom, olha, eu considero texto *outdoor*, textos jornalísticos, textos literários, eu acho que a..., eu acho que a sinalização de placas são textos, eu acho que novelas (né?), novelas, filmes, música (né?), música, eu acho que o cara que grita “olha o coco gelado” é um texto, isso, acho que o apito do juiz de futebol é um texto, porque há uma idéia..., o que que ele..., quando ele levanta o cartão, há uma comunicação, há uma..., pra ser mais viajante, assim, acho até a roupa que as pessoas usam é um texto. Né? Eu tou com uma camiseta de uma escrava. Né? Então, eu tenho uma idéia aqui. O relógio é um texto. Tem informação. Bula de remédio, lista telefônica. Né?

S9{B3[P2(Q1-4)]} - Ah, o texto que passa uma idéia. Eu acho que, por exemplo, assim, óh: tem uma capa de um jornal que é... (nossa!), é fenomenal, que foi quando o Brasil perdeu a copa na Espanha (Espanha?), que é, simplesmente, o jornal O Estado de São Paulo colocou um menino com a camiseta do Brasil chorando. Não tinha texto. Né? Era só isso. Então, eu acho que a..., essa imagem (né?), essa emoção, assim, que uma fotografia, que uma imagem passa, isso é um texto. Né? Então, eu acho que o que que é pra que seja um texto jornalístico tem que ser um texto que passa uma informação, uma informação completa. **(Textos específicos dentro do jornal)** Ah, uma reportagem é um texto. Um editorial também é um texto jornalístico. Um texto do dia-a-dia que a gente chama factual, por exemplo, se o cara faz uma análise do livro do Caetano, por exemplo. É um texto jornalístico. Né?

S9{B3[P2(Q1-5)]} - Eu acho que isso, oh: o *outdoor*. Eu acho que tudo o que passa uma informação, ele..., que passa uma mensagem... Não. Pera aí. Não é bem assim. Deixa eu ser clara. Um texto jornalístico precisa ter, sobretudo, informação (né?) e ele tem alguns princípios técnicos, assim, que são seguidos como o famoso *lead* (né?): aquelas perguntas o quê, onde, quem, quando, tal, como. Então, um texto pode se encaixar jornalisticamente nesse processo..., nessa categoria, digamos, ele precisaria, digamos, ele precisaria responder essas perguntas. Mas eu acho que isso é mutável também. Acho que já não é tão rígido assim. Eu acho que passar informação é isso, é uma coisa.

Mas, nem tudo que passa informação é jornalístico. Né? Então, aquele exemplo que eu dei, o apito do juiz é, o cartão vermelho, digamos, é o..., há uma informação, “rua!”, mas ele não é uma..., não é jornalístico. Jornalístico vai ser a matéria, deve ser, que o cara vai escrever no dia seguinte. Então: 15 minutos do segundo tempo, Romário, que aos 15 minutos do segundo tempo ele precisou levantar o..., ele foi expulso.

S9

B3 - P2(Q2)

S9{B3[P2(Q2-1)]} - Bom, primeiro eu entro em contato, assim, com a pauta. Né? Ou seja, com aquela idéia, de que aquilo rende uma matéria. Depois eu vou falar com o leitor..., com o leitor!, com a pessoa mesmo, com a fonte. Né? Sempre, se possível, se é uma notícia mais importante, eu procuro ler alguma coisa relacionada àquilo pra não chegar (né?) totalmente crua. Aí venho pr'o jornal e tal. Jogo no terminal e aí vai embora. **(Tem outros passos até chegar à escrita?)** Não. Não, normalmente a gente conversa com o editor (né?) sobre o assunto. Venho da rua e ele pergunta: o que que rendeu lá? Olha, rendeu que o cara negou a acusação de que ele teria estuprado a criança. Mas é o contato, o primeiro contato com a informação, depois com a fonte, uma leitura, ou trocar alguma informação com alguém sobre aquele assunto. Vai entrevista. Volta... Faz, às vezes, dependendo da notícia, tu faz um paralelo com outra fonte, tu vai ouvir outra pessoa, tu vai aprofundar o assunto. Depois volta, escreve. **(E pra começar a escrever. O que você faz?)** Uéh, eu pego aquela notícia e começo a escrever.

S9{B3[P2(Q1-2)]} - A informação. O texto que não tem notícia..., que não tem informação é complicado. Né? Pode ser uma crônica. Né? Não é puramente jornalístico. Né?

S9{B3[P2(Q1-3)]} - Isso varia um pouco. Né? Varia um pouco, assim, e tal. Mas, eu, particularmente, eu trabalho um pouco, assim, com comportamento. Né? As minhas matérias têm um pouco de comportamento do... Não é só a notícia pura e crua, assim. Não é nem psicológico, assim. Mais como..., acho que como antropológico, sociológico. Assim, eu não vejo a coisa puramente só naquele... Eu procuro ir um pouquinho além e fazer essa..., essas conjecturas, assim, por que daquele comportamento, o espaço social do ponto de vista da antropologia, o que que aquilo pode significar.

S9{B3[P2(Q1-4)]} - É. Eu trabalho com notícia. Né? Até editorial, o pessoal aqui da opinião mesmo, o Mário que trabalha mais. Mas, as minhas matérias, com certeza, são noticiosas. Mas eu também, de vez em quando, eu me posiciono. Né? Dependendo do espaço que existe dá pra se posicionar. **(Tipos característicos?)** Claro, sem dúvida. Embora não seja obrigatório pra nós aqui, os repórteres, colocar título, sugestão, mas eu sempre, assim, quando é um material mais trabalhado, eu sempre já procuro já sugerir o título, já até sugerir a foto. **(Não é título. Eu falei o tipo as características daquele tipo de texto. Você pensa nisso quando vai escrever ou...?)** Não. Eu acho que isso é uma coisa que já se desenvolve no dia-a-dia, assim. Então, vai..., flui automaticamente.

S9{B3[P2(Q1-5)]} - Ah, eu acho que..., claro, por exemplo, quem é, quem são as pessoas envolvidas, o que que elas fazem, onde é que elas moram, a função que elas desempenham. Isso são coisas fundamentais. A contextualização daquela fonte, ali, daquele cara que tá sendo citado, falado sobre ele, nesse espaço, assim, no espaço físico, no tempo, isso sem dúvida.

SUJEITO 10

S10

B1 - P1

S10{B1[P1-1]} - 1/2) Parece mais um texto..., mais **literário**, assim, coisa de roman..., de ficção, assim, alguma coisa nesse estilo. Por que *tá mais coloquial* [oralidade], assim. Né? Esse “aí ela achou engraçado”. Parece que vai descrever uma cena e não contar o fato, uma coisa assim. Impressão que me dá é essa.

S10{B1[P1-2]} - 1/2) Esse aqui parece uma coisa mais acadêmica. Né? Por que dá uma..., usa *um termo mais específico, palavras mais especializadas, “análise piloto”, “gênero”* [léxico específico], já *uma coisa mais analítica* [analiticidade]. Dá essa impressão. **Texto acadêmico.**

S10{B1[P1-3]} - 1/2) Parece uma coisa mais comercial, assim, mais empresarial. Né? Uma **comunicação empresarial**, uma coisa assim, uma explica..., uma **nota oficial**. Né? Dá essa impressão. Por que tá como se fosse uma justificativa de alguma atividade comercial, empresarial (né?), *uma explicação de alguém* [expositividade], uma justificativa, assim, pra alguma, *alguma coisa que aconteceu com a empresa* [TCO]. Dá essa idéia.

S10{B1[P1-4]} - 1/2) Bom, esse aqui como tá, assim, numa..., colocado de uma maneira *bem coloquial* [oralidade], podia ser até uma... **texto de carta**, de..., uma coisa que a pessoa *não teve uma preocupação em uma formalidade maior* [- formalidade], assim. Uma coisa bem informal. Eu não digo que vá... Podia ser até um trecho de um (xxx) solto dentro de uma matéria, uma explicação de alguém, mas como, por exemplo, “olhou pra minha cara” é uma coisa que geralmente não..., é uma forma que não se utiliza em jornal e tal. Então, seria mais uma coisa pessoal.

S10{B1[P1-5]} - 1/2) Esse texto é um fragmento de algum **texto informativo**, alguém..., podia fazer parte de uma **matéria jornalística** (né?), embora tenha uma certa opinião. Né? Uma..., que analisa o que que o governo fez e tal, analisa uma consequência. Né? Invés de, simplesmente, ser uma coisa informativa. Mas, pela atitude dele, pela linguagem poderia ser parte de um texto jornalístico.

S10{B1[P1-6]} - 1/2) Bom, esse texto parece ser mais uma ques..., uma coisa didática, assim, analítica. Né? Ele *tá analisando* [analiticidade] algum trabalho e tal. Então, uma coisa mais de **livro didático**. Parece.

S10{B1[P1-7]} - 1/2) Esse aqui é bem típico coisa de **matéria jornalística**. Né? Houve um acidente, tal, uma matéria sobre um acidente e daí tá. Esse fragmento é bem de um texto jornalístico. Parece ser *um caso de acidente ou uma matéria sobre um conflito* [TCI].

S10{B1[P1-8]} - 1/2) Esse também, como ele coloca, assim, uma afirmação, assim, é uma coisa mais de opinião, assim, como se fosse um **texto de opinião**, de **editorial** (né?) que coloca, engrandece, assim (né?): “a ciência é a condição e a alavanca do progresso” e tal. Então, parece um artigo que não é um texto jornalístico. Né?

S10{B1[P1-9]} - 1/2) Bom, essa estrutura de “cumpre-nos” (né?), ela foge do padrão jornalístico. Então, parece mais um **informe**, assim. Né? Ela tem esse caráter de **nota oficial** por tá (né?), exatamente por *tá informando alguma coisa, tá esclarecendo alguma coisa* [expositividade]. Então, tem mais esse caráter de nota oficial. Isso significa que há um grupo, um grupo empresarial ou um grupo social e tal, explicando alguma coisa. Né? Eu acho que uma coisa como uma nota oficial, assim, uma nota de alguma empresa ou de alguma entidade.

S10{B1[P1-10]} - 1/2) Esse, como ele coloca uma coisa bem genérica, “há relatos contraditórios”, quer dizer, não define de quem..., o relato partiu de quem (né?), em relação ao que. Tá uma coisa bem genérica que dá a impressão de localizar pra alguma **matéria jornalística**. Né?

S10{B1[P1-11]} - 1/2) Eu acho que, como sendo na *primeira pessoa* [1ª pessoa do discurso], só seria parte de um texto jornalístico, se fosse uma declaração que estivesse inserida no meio de uma matéria, assim, de uma reportagem. Caso contrário, é um **texto mais pessoal**, assim, uma **declaração mais coloquial**. Mas que poderia ser um fragmento de um texto jornalístico, se fosse uma declaração de alguém que devia tá dentro da matéria.

S10{B1[P1-12]} - 1/2) Isso aqui parece um texto de, um pedaço de **matéria** que tá **contando uma ocorrência policial** [TCI], parece. Poderia ser, tanto texto..., uma **reportagem** (né?) que tá contando um fato, um episódio, ou talvez um texto de um..., um **texto literário** que também teja contando... Poderia se enquadrar nos dois, assim. Tá *contando alguma história* [narratividade].

S10{B1[P1-13]} - 1/2) Esse também tem toda a característica de **texto jornalístico**. Né? Poderia ser (né?) parte de uma matéria que tá falando sobre a questão do ensino superior e tal, como também poderia ser um **texto produzido da própria universidade** (né?), **coisa sindical**. *Pacote fiscal* [TCI]. Né? Se fosse uma matéria que tivesse *analisando economia em relação à educação* [analiticidade], poderia ser uma matéria jornalística, caso contrário, pelo teor, seria mais um texto produzido na universidade mesmo. (**Texto produzido na universidade seria o quê?**). Com..., alguma..., uma coisa sindical, o movimento estudantil, em função da greve, alguma. Eu diria que, se fosse mandado pr'um jornal, poderia fazer parte disso.

S10{B1[P1-14]} - 1/2) “*Esse corpus?*” *É. Ele parece mais um texto mais de área científica, assim (né?), que utiliza essa..., a palavra em latim* [léxico específico] (né?), mas que poderia também tá escrito dentro de uma matéria jornalística. Só que, daí, eu acho que não se usaria essa..., esse “*corpus*” aqui. Então, em função disso, eu acho que ficaria mais restrito ao **texto científico**.

S10{B1[P1-15]} - 1/2) Esse..., *com esse pronome de tratamento assim (né?), “vossas senhorias”* [léxico específico], é mais utilizado em **carta comercial**, em..., que usa

essa especi..., esse tipo de tratamento, assim. Né? Mais uma carta pessoal ou uma **comunicação oficial**, coisa assim.

S10

B1 - P2

S10{B1[P2-1]} - 1/2) Agora esse texto aqui já ficou uma coisa mais opinativa (né?), mais com cara de **editorial**, assim, onde o autor *coloca posições* [argumentatividade] (né?) dentro de uma realidade. Ele usa os adjetivos (né?) “fortes sacrifícios” e tal que eu acho que identificam como uma coisa opinativa, um texto de opinião, a linha editorial, alguma coisa assim.

S10{B1[P2-2]} - 1/2) Bom, esse aqui tá numa *linguagem bem falada, assim, bem coloquial* [oralidade] que podia ser (sei lá!) um fragmento de uma **entrevista gravada** ou um recurso literário de colocar bem nessa linguagem coloquial, então, que não seria um fragmento de **matéria jornalística**. Né? Por que essa questão do “eu tava bebendo”, “tinha” (né?), “pra mim”, então, que seria, assim, que seria permitido se fosse num **texto literário**.

S10{B1[P2-3]} - 1/2) Esse aqui é um texto bem de **matéria jornalística**, assim, que a gente tá acostumado a ver (né?) que *relata números e a intensidade de um conflito* [TES] e tal, mais *informativo* [propósito de informar] e... De matéria jornalística mesmo.

S10{B1[P2-4]} - 1/2) Também esse se enquadra numa..., ele tá analisando uma realidade, então, ele tá sendo uma *coisa mais analítica* [analiticidade]. Né? Ele não tá simplesmente relatando, reportando uma coisa. Então, acho que também se enquadra naquela linha mais de **opinião**, de **editorial**.

S10{B1[P2-5]} - 1/2) Esse aqui se vê claramente que é um fragmento de **matéria jornalística** (né?): quem *relata um evento e não se posiciona* [TES/objetividade]. Né? Quer dizer, simplesmente tá contando o quê que aconteceu sem se posicionar pessoalmente. Bem de matéria jornalística.

S10{B1[P2-6]} - 1/2) Bom, esse aqui é um coisa, assim, bem **acadêmica**. Né? *Tá tratando de um tema específico* [conhecimento especializado], é uma linguagem que já subentende um certo conhecimento daquele assunto. Então, é um texto que é bem uma coisa acadêmica, assim, específica.

S10{B1[P2-7]} - 1/2) Isso aqui é um *tradicional encerramento de carta comercial* [movimento retórico] de empresa. Né? É bem redação comercial. Né?

S10{B1[P2-8]} - 1/2) Esse é também. É típico de **texto jornalístico** (né?) dizer que “*versões*” [TES] que não atribuem muito bem a ninguém quando é um coisa meio genérica assim. Bem texto jornalístico mesmo, principalmente coisa de agência de notícias, assim (né?): “*versões da polícia*”, da...

S10{B1[P2-9]} - 1/2) Esse aqui também, pelo *tom coloquial* [oralidade], *na primeira pessoa* [1ª pessoa do discurso], se coloca bem como um **texto literário** (né?) tirado de livro... É isso aí.

S10{B1[P2-10]} - 1/2) Esse aqui, embora tenha alguma coisa, assim, supostamente informativa, coisas supostamente informativas (né?), como dados, ali, que a “metade das bolsas não estão resultando em defesa de tese” e tal, ele me parece mais um **artigo opinativo**. Por que a pessoa meio que *coloca um certo ponto de vista* [argumentatividade], assim. Né? Não chega a me parecer exatamente uma matéria. É mais... Talvez, se fosse uma matéria jornalística de um veículo de algum grupo, assim, de dentro da universidade. Não num jornal... Como matéria, acho que não estaria inserido dentro de um jornal diário. Né? Seria... No jornal estaria mais na parte de artigo, de opinião.

S10{B1[P2-11]} - 1/2) Esse aqui é **matéria** (né?), um trecho de matéria. Foi de um atentado que teve esses tempos. É o *relato dos fatos* [TES], ali, sem maiores recursos literários, assim. É bem uma coisa de jornalismo mesmo.

S10{B1[P2-12]} - 1/2) Esse aqui é a típica **carta comercial**. Né? Tá informando alguém de alguma coisa e trata, assim, dessa *forma mais impessoal* [formalidade], não sei nem se é impessoal, mas bem formal, assim, e acho que são coisas que não se usa em jornalismo. Então, é uma..., um **comunicado oficial**, uma carta comercial, uma coisa assim.

S10{B1[P2-13]} - 1/2) Esse também é texto..., **matéria de jornal** que..., *informações bem estanques, assim (né?)*, *números de mortos* [dados pontuais] e tal. É, basicamente, **informativo** [propósito de informar]. Não se..., nem vai além em análise nenhuma e tal. É simplesmente uma matéria de informação mesmo.

S10{B1[P2-14]} - 1/2) É um texto que, até a metade, ele tem uma cara, assim, de informativo, porque se dá..., coloca dados, assim. Mas, na segunda metade, se posiciona em relação a uma coisa. Quer dizer, *adota uma opinião* [argumentatividade], digamos, da universidade. Né? Quer dizer, analisa a partir do momento que observa o que que a universidade... (né?), aconteceu uma coisa e, por causa disso, houve uma consequência. Então, isso coloca..., eu acho que classifica também como **opinião**, como **artigo**, assim.

S10{B1[P2-15]} - 1/2) Também, esse aqui, *pela informalidade* [- formalidade], pela linguagem que usa, tem toda característica de **texto literário**. Por ser..., contando uma passagem pessoal, *na primeira pessoa* [1ª pessoa do discurso]...

S10{B1[P2-16]} - 1/2) Esse também é um relato de..., jornalístico, de **matéria jornalística** que informa, conta um pouco, resume brevemente alguma realidade e *dá informações* [propósito de informar]. Então, é bem texto jornalístico.

S10{B1[P2-17]} - 1/2) Isso é um texto *mais conversado* [oralidade]. Né? Então, é um relato de alguém que só se enquadraria pra um fragmento de um **texto literário**.

S10

B2 - P1

S10{B2[P1-1]} - 1) Esse é um texto de uma matéria..., um texto jornalístico (né?), de uma matéria jornalística, um relato de uma..., um relato factual, assim (né?), de um episódio ocorrido realmente. Né? É isso que me dá impressão. Se for ficção, tá enganando muito bem. Texto jornalístico. É uma reportagem. Isso aqui seria parte de uma reportagem que seria da editoria de internacional contando de um atentado que houve perto do Cairo. Né? Bah, agora que eu li até o fim, aqui, que eu li o finzinho. Ah, não. Não é não. O começo é de matéria jornalística e depois vira uma coisa de opinião aqui. Né? Isso aqui é uma **coluna de alguém** (né?) que tá colocando a sua opinião. É. Isso aqui é um **artigo** mesmo. 2) Por que a pessoa, o autor se posiciona. Né? Não fica isento em relação..., não relata simplesmente o episódio. Ele se posiciona, quer dizer, diz que “não há uma preocupação séria” e “não se trata de varrer os xiitas”. Quer dizer, automaticamente tá sugerindo (né?), tá colocando uma posição própria, assim, em defesa de uma atitude, assim. É um **texto de opinião**.

S10{B2[P1-2]} - 1/2) Esse texto, ele me parece um texto de um jornal sindical da universidade, assim, então, um jornal de dentro da universidade, porque é uma **notícia** que tá diretamente relacionada à pesquisa científica, o corte de verbas e tal na pesquisa científica. Então, ela é jornalística, porque tá inserida num jornal interno pra..., mas dirigida a um público específico (né?), a um interesse específico, assim. Não é uma coisa..., não tá simplesmente relatando que houve esse corte de verbas e tal. Tá, já dizendo, pôh, isso vai prejudicar. Então, é um jornalismo específico. É um texto jornalístico mais... É esse tipo. **Jornalismo sindical**. É uma **reportagem**. É uma **notícia que ela é interpretada**. É uma notícia porque “anunciaram ontem a noite (né?) o pacote de medidas que prevê” um corte. Daí, quer dizer, tem um pacote de medidas. Aí ele se ateu ao corte específico pr’a CAPES, pr’o CNPq que afeta aquele público específico. Então, como tá se direcionando àquele público, então, teve essa especificidade (né?), pinçou aquele foco de atenção ali pra aquele..., que interessava o público alvo.

S10

B2 - P2

S10{B2[P2-1]} - Embora eu não tenha lido todo, você me perguntou o que que tá faltando, na minha opinião, já tá **faltando começo**, porque ele já diz assim: “o ataque com saldo de 67”. Mas, daí, que ataque? Né? E, até o fim da primeira sentença, não diz. Né? Ele, “o ataque com saldo de 67 mortos foi o mais feroz desde o início de uma onda de atentados extremistas islâmicos no país há 5 anos”, não diz que ataque, que país. Né? Então, já falta um começo que localize. Né? ãh, daí... Isso só vai vir depois. Né? Então, quer dizer, no mínimo tá invertido. Né? Daí: “o ataque coincide com julgamento no Cairo de 66”... Quer dizer, ainda não explica por que diz que “o ataque” que ainda continuou sem saber que ataque é e que país é “coincide com o julgamento no Cairo”... Quer dizer, então, supõe-se que seja no Egito. Né? Cairo é a capital do Egito? Mas pode não ser. Né? Bem, isso aqui muito provavelmente é um trecho de um texto. Né? Por que já teria que ter falado, explicado que ataque era esse. Bom, então, sendo um

texto jornalístico, faltaria localizar (né?) o quê, quem, quando, onde, como e por quê (né?), que são coisas básicas que têm que ser ditas num texto jornalístico e que, pelo menos com essa estrutura, tá muito subentendido, assim. Né? Então, se fizesse só com esse trecho aqui pra tomar conhecimento do fato, tu deixaria..., seria uma coisa muito dúbia. Né? Então, faltaria uma estruturação com esses elementos bem colocados, assim. Né? Então, dizendo o que que é, quem efetuou a ação (né?), quando foi, onde foi, por que foi, como foi. Então, acho que falta a colocação ordenada disso. Mas, sendo um trecho é permitido. Né? Já que tu tirou lá do meio de um contexto, então, tudo bem. Né? Mas, se ele tivesse a intenção, o objetiva de informar e tal, ele teria que ter esses elementos colocados, assim, mais claramente.

S10{B2[P2-2]} - Esse eu já... Não é o mesmo? Ah, não. É parecido. É outra parte. Bom, **precisa esclarecer quem são esses extremistas (né?), identificar mais dar nome aos bois. Falta um pouco isso. E, primeiro, contar o fato.** Né? Por que ele já entra direto no modo ali (né?), numa descrição ambiental sem contar o que aconteceu. Né? Entra primeiro descrevendo o ambiente (né?) e dificulta um pouco a compreensão (né?), o relato do ocorrido mesmo (né?) que justifique isso aqui.

S10{B2[P2-3]} - Esse aqui, acho que **falta dizer quando que aconteceu isso.** Né? Por que aqui diz que tantas pessoas foram mortas, por terroristas, em tal lugar, mas não diz quando aconteceu (né?), se foi ontem, se foi há um mês, se foi há 6 anos e tal, uma coisa até... “57 turistas estrangeiros e 4 egípcios foram mortos”. 57 mais 4 são 61. Mas tá com saldo de 67 mortos. Daí, isso já se contradiz. Né? Tu que que veja isso? Então, também falta precisão. Porque, daí, isto é uma coisa que deixa em dúvida. “Pelo menos 57 turistas estrangeiros e 4 egípcios”. 57 mais 4 dá 61. Aí, depois, no fim da linha, “o ataque com saldo de 67 mortos”... Então, já não bate o número. Né? Não diz quando aconteceu. Entende? Eu não sei se foi hoje, ontem. Né? É. Eu acho que é isso que falta: dizer quando aconteceu. E tem essa incoerência ali dos números. Né? **(No mais, dá pra ser uma notícia?)** Dá, só que a pessoa que ler não vai saber quando que aconteceu isso. Se eu pego dissociado, assim, do jornal..., se pelo menos ele tiver, assim, publicado num jornal com a data, provavelmente teria sido ontem. Né? Assim, solto, não me informa se... (né?), não me localiza temporalmente.

S10

B3 - P1

S10{B3[P1-1]} - 1/2) É um **texto jornalístico (né?)**, isso aqui. É uma **matéria jornalística** que relata (né?) esse atentado e tal. Só tem essa falha que não diz quando aconteceu. Mas é um texto jornalístico que narra (né?) o episódio, que morreram tantas pessoas e tal, um atentado assim assim assado. Descreve tudo. Só não diz quando foi. Então, sendo um texto jornalístico, é um erro gravíssimo. Né? Por que o quê tá respondido (né?), o quê, que foi um atentado (né?), pessoas foram mortas num atentado, quem, foram 57 turistas estrangeiros e foram extremistas que realizaram o atentado. É um texto jornalístico.

S10{B3[P1-2]} - 1/2) Ele não deixa de ser um **texto jornalístico**. Só que é um **jornalismo específico (né?)**, que eu já falei antes, específico, pra um público específico. Então,

nesse tipo de jornalismo, assim, que se..., pr'um público específico, um jornal interno dirigido a um público restrito, se permite até uma certa..., que se expresse um pouco de opinião que se posicione em relação àquele fato que tá sendo narrado. E é o que acontece aqui, que é uma coisa que se posiciona criticamente (né?), questionando medidas e tal (né?), mas ele não deixa de ser jornalístico na sua função ali, dentro daquele contexto. Num jornal diário..., esse texto eu não posso usar num jornal diário como matéria. A matéria, ela só tem que contar que houve medida tal, pacote tal, não sei quê vai afetar tal, mas não que isso é injusto, que tá errado ou... Entende? Eu posso dar dados comparativos (né?): que houve uma redução, que tantas pessoas tão sendo prejudicadas e tal (né?), mas não posso emitir opinião. **(Se ele é um texto jornalístico, ele seria o quê?)** Bom, é o que eu digo. Ele é um **texto jornalístico específico dum jornalismo sindical** dirigido pr'um público específico. Entende? Ele não se enquadra em..., dentro de texto jornalístico, se ele seria um artigo? **(Isso) É. Pra usar num jornal diário, só como artigo.** Num jornal diário. Porque eu imagino ele, assim, publicado num jornal, porque eu imagino que ele tenha sido tirado d'um jornal da universidade. E, num jornal diário, assim, de grande circulação, seria como um artigo.

S10{B3[P1-3]} - 1/2) Pôh, aqui já diz no começo que é um artigo (né?): “o presente artigo”. Ele se autodenomina de artigo. Isso parece mais um **texto de uma revista científica** (né?) uma..., que dá um relato de..., para pessoas que tão interessadas em saber a respeito daquele assunto (né?), numa linguagem própria. Quer dizer, não é uma coisa direcionada pr'um grande público, assim, pra que todo mundo entenda. Então, quem já é iniciado naquele assunto. E, da mesma, maneira. Num jornalismo diário não caberia esse texto aqui (entende?), porque ele é específico dentro de um assunto determinado pra pessoas que vão procurar aquele assunto tal. Ele é meio um relato (né?), um... Quer dizer, dum livro de lingüística, alguma coisa assim. Né? Fazer uma análise da... É. Ele tá abordando exatamente a história do discurso. Né? Tá analisando. É um texto acadêmico, assim, didático, acadêmico.

S10{B3[P1-4]} - 1) Esse aí é uma **carta comercial**. 2) Por que ela só tem o objetivo de estabelecer um contato, uma relação comercial (né?), uma troca de informação comercial. Ela não visa contar um episódio pr'um público amplo. Né? É de uma entidade pra outra, assim (né?), de... E usa essa forma, esse formato, essa linguagem pradonizada que serve pr'aquela objetivo ali. Isso. O objetivo dela é estabelecer uma relação comercial aí. Né?

S10{B3[P1-5]} - 1/2) Esse aqui é, pela liberalidade, assim, ele é um **texto literário**. Pela liberalidade como ele é redigido, assim, com uma linguagem falada (né?), bem coloquial, ela é uma característica de texto, certamente, de texto literário (né?) que procura traduzir, assim, bem a identidade do personagem que tá falando e tal. Não se enquadraria numa realidade jornalística, porque (né?) não se permite esse modo altamente coloquial, assim, de falar. Então, pra mim, só se enquadra num texto literário ou se for uma **transcrição de uma gravação**, uma... Né? Por que, mesmo se fosse numa entrevista jornalística, seria corrigida, assim (né?), suprimiria, assim, “aí” e tal, “pra”, “foi pra casa”. Né?

S10

B3 - P2(Q1)

S10{B3[P2(Q1-1)]} - B) Olha, embora todos sejam com umas letrinha, são diferentes. B) É que cada um tem suas peculiaridades, cada um é dirigido p'um público, cada um é redigido com um objetivo específico (né?), de acordo com o público, de dizer alguma coisa de uma maneira específica, de transmitir a mensagem ou de uma maneira mais clara, ou de uma maneira mais subjetiva, ou de uma maneira mais rebuscada, ou de uma maneira mais coloquial. O objetivo de cada um, a forma como ele é elaborado em função de um objetivo a que se destina. Né?

S10{B3[P2(Q1-2)]} - Ele se estrutura através da narra..., da descrição dum fato. Né? Uma narrativa que teria a intenção de organizar (né?) o relato pra que a pessoa entenda como é que as coisas aconteceram. **(E essa organização, como é que é?)** Essa organização do texto, ela é a partir de..., do mais contundente. Né? Ele parte do contundente, as pessoas que foram mortas (né?), que é o que importa (né?), e, a partir daí, ele relata o episódio que aconteceu isso e situa a conjuntura: outras situações, desdobramentos que estão acontecendo (né?), atitudes que vão ser tomadas em relação àquele fato, reações de pessoas, reações de grupos. Então, eles fazem essa..., esse ordenamento temporal pra relatar o fato, mesclando com desdobramentos que aconteceram em função daquele fato. Eu acho que, basicamente, a estrutura desse texto é essa, tanto que ele começa do episódio x e termina dizendo o que que vai ser feito... Né?

(2) Ele se estrutura partindo de uma premissa, assim (né?): que houve..., aconteceu um episódio que afetou um determinado setor. Então, ele já parte disso. Entende? Esse setor foi afetado. Daí, a partir disso, se analisa essa conjuntura, esse prejuízo que houve nesse setor, o aviltamento que representa isso. Né? Então, ele se atem a analisar a sacanagem que foi feita com aquela área ali. Entende? Então, ele não ordena uma seqüência de fatos (né?), porque não é isso que ele tá fazendo. Ele tá analisando um episódio que atingiu uma determinada coisa e contextualizando o problema que vai atingir as pessoas que..., até a própria pessoa que redigiu o texto. Se percebe isso: que não é uma pessoa que tá..., que não faz parte daquele grupo. É uma coisa relatada por alguém que também tá sendo afetada por aquele episódio ali.

(3) Esse aqui, ele já se estrutura dizendo que ele tem um objetivo específico de apresentar... Né? Ele começa assim. Meu Deus, que coisa difícil! Ele, esse texto analisa um outro texto. Né? Dá a impressão. Ele tá fazendo uma abordagem didática sobre uma forma de elaboração de... Né? Ou seja, ele tá analisando. Ele não tá relatando nada, ele não tá analisando um episódio acontecido. Ele tá analisando teoricamente uma..., teoricamente, cientificamente, uma..., academicamente, um determinado texto. Né? **(Ele tem um modo peculiar de se organizar?)** É. Exatamente por essa peculiaridade de tá analisando academicamente e tal o assunto em questão, ele se estrutura dessa forma que ele vai (né?) explicando, dando peculiaridades do que tá sendo analisado, as características. Né? Tal coisa é constituída assim, assim, assado, remete pra tal coisa e tal. Então, ele se estrutura de uma maneira a analisar aquilo que tá sendo descrito (né?) com o objetivo de esmiuçar pra quem tá lendo. Né?

(4) Ele se estrutura de uma maneira, assim: como ele é uma comunicação, de uma empresa que quer solucionar o problema, primeiro coloca..., primeiro ele faz uma política da boa vizinhança com o interlocutor (né?) que gosta muito, tá tudo bem, tal, porém existe um problema. Então, introduz o assunto de uma maneira amistosa, simpática pra, então, abordar o objetivo que é solucionar aquele problema x. Então, é uma maneira, assim, política de..., e educada e tal, de buscar aquele objetivo final.

(5) Este texto, como ele é um relato pessoal, ele vai se estruturando dessa forma, assim, de ir contando (né?), o narrador contando, o narrador que é..., o personagem é narrador, ele..., então, dessa forma, ele vai contando os episódios como aconteceram (né?), vai dando a seqüência dos fatos pela sua própria linguagem (né?), pela sua própria experiência.

S10{B3[P2(Q1-3)]} - Tem texto jornalístico, texto literário, texto comercial, texto didático, texto científico, texto opinativo, texto (né?) que entraria um pouco dentro do jornalístico, seria o opinativo, texto puramente informativo, um aviso, uma carta, uma coisa assim. Tipo assim bem prático? Não serve imaginário, hipertexto? Sei lá! Existe o texto que... (sei lá!) até o falado pode ser considerado texto. Né? Texto do bilhete de uma pessoa pra outra (né?), a linguagem falada, só que escrita. Né? Texto... Não. Aí tem texto humorístico, texto radiofônico, tem texto televisivo.

S10{B3[P2(Q1-4)]} - Reportagem, artigo, entrevista, enquete, até carta é texto jornalístico.

S10{B3[P2(Q1-5)]} - Depende. Uma poesia pode ser publicada num jornal. Né? Tá publicada num jornal, quer dizer, já é um texto jornalístico. Né? É uma poesia que foi transcrita. Né? Eu acho que é um texto, assim, de uma..., igual uma coluna do Luis Fernando Veríssimo. Né? Ele não é um texto jornalístico. Né? Ele é uma crônica. Uma crônica não é especificamente um texto jornalístico, mas que é aceito (né?), que faz parte, que pode fazer parte daquele veículo. Crônica, eu acho que é um exemplo. Conto. Né? Um conto pode tá inserido num contexto e tal. Sei lá! Até a letra de uma música pode tá, mas isso não significa que ela vá ser texto jornalístico. Né? Não tem nada a ver com texto jornalístico, mas pode participar daquele meio.

S10

B3 - P2(Q2)

S10{B3[P2(Q2-1)]} - Em primeiro lugar (né?), tomar conhecimento do episódio que vai ser escrito, apuração dos fatos, a consulta às partes, ou às pessoas, ou às áreas envolvidas (né?), a interpretação disso enquanto causa e efeito pra que não fique uma coisa, de repente, completamente solta (né?) que seja uma bola fora (né?) que não seja situada, contextualizada, a elaboração mental da estrutura que vai ser escrita - o quê que dever ser mais valorizado, o quê deve ser destacado, o quê que é mais importante - a forma como isso deve ser contado pra que se torne uma..., tenha uma leitura agradável (né?), não seja aquele..., a ordenação primeiro lógica, pra que seja inteligível, e, em segundo lugar, uma ordenação estética que torne agradável (né?), que seja atraente, e, depois, a redação em si, a digitação, depois revisão.

S10{B3[P2(Q2-2)]} - Ah, que ele tenha..., que ele esclareça as dúvidas da pessoa que vai lê (né?), que ele conte tudo o que aconteceu, o máximo o possível que ele conseguiu. Então, que ele esclareça que episódio, de que que é que ele tá falando, claramente, quando essa coisa aconteceu, onde aconteceu, em que circunstâncias, quem executou... **(As cinco questões?)** É. O fundamental é que tenha isso e que seja agradável, interessante e atraente. Né?

S10{B3[P2(Q2-3)]} - A precisão informativa aliada à sensibilização de quem vai lê (né?), tornar a coisa, assim, que emocione, que a pessoa se identifique com aquilo (né?) e que parte do próprio autor (né?), que seja emocionante escrever aquilo pra que a vibração, o relato daquilo também, pra quem lê, pra quem for lê, consiga captar aquela intensidade. Né? Importante que tenha esse componente e a precisão informativa pra que ele não deixe dúvida (né?), claro: o cara chegue: pôh, mas isso aqui quer dizer isso ou quer dizer aquilo. Então, olhar essas duas coisas: o aspecto formal e o informal.

S10{B3[P2(Q2-4)]} - De qualquer forma, vou ter que escrever. Né? Eu acho que é o primeiro de tudo. Né? Pra escrever uma coisa, tem que pensar de que maneira vai ser escrito aquilo. Né? **(Isto envolve pensar as características daquele tipo de texto?)** No caso específico do jornalismo (né?), ele restringe um pouco a cumprir determinadas funções. Né? Aí, claro que se for escrever uma..., fora do texto jornalístico, eu vou pensar outra maneira. Né? Como é que eu vou poder abordar o assunto, que que quero tratar através de uma personagem que tá pensando sozinha em casa, ou... (né?), vou buscar uma forma de transmitir aquilo. Então (né?), e..., mesmo numa matéria jornalística também, se você vai narrar uma determinada coisa, você procura o... (né?), buscar a coisa que seja mais sutil que consiga ser mais atraente (né?), tornar o texto mais interessante.

S10{B3[P2(Q2-5)]} - Ah, sim, esses são elementares: o quê, quem, como, quando, onde, por quê. Tem que ter. Se ele quer ser notícia (né?), noticiar alguma coisa, reportar. Tem que ter, porque (né?), se tirar um deles (né?), se eu tirar o quê, daí eu conto que, num determinado lugar, num determinado espaço de tempo, determinada pessoa, só que tu não sabe o que foi feito? Entendeu? É a mesma coisa se eu tirar quem. Aí aconteceu tal coisa, numa determinada hora, num determinado local, feita de uma determinada forma, mas tu não sabe quem fez. Não adianta nada. Então, esse tipo de coisas são básicas. Se possível, num bom estilo pra que fique agradável, atraente. Mas não adianta ser atraente, se tu não disser o que tem que dizer. Né?